



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS – UFNT  
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS - CCI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E  
TERRITÓRIO - PPGCULT**

**Maria Elza Peixoto**

**Identities and experiences of young people and adolescents of Colégio Estadual  
Adolfo Bezerra de Menezes in Araguaína-TO**

Araguaína/TO  
2025

**Maria Elza Peixoto**

**Identidades e experiências dos jovens e adolescentes do Colégio Estadual  
Adolfo Bezerra de Menezes em Araguaína-TO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas (CCI), como requisito à obtenção do título de Mestra.

Orientador: Prof. Dr. Plábio Marcos Martins Desidério.

Araguaína/TO  
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT

**Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

P378i Peixoto, Maria Elza .  
Identities e experiências dos jovens e adolescentes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes em Araguaína-TO / Maria Elza Peixoto. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2025.  
121 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) (Pós-Graduação - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território - PPGCult) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Plábio Marcos Martins Desidério.

1. Cultura juvenil. 2. Vivências escolares e sociais. 3. Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes - Araguaína-TO

CD 301.09

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.


**Maria Elza Peixoto**

**Identidades e experiências dos jovens e adolescentes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes em Araguaína-TO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas (CCI), curso de Pós-Graduação. Foi avaliada para a obtenção do título de Mestra em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT), e aprovada em sua forma final pelo orientador Dr. Plábio Marcos Martins Desidério e pela banca examinadora.


Data da aprovação: 14/10/2025

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 **PLÁBIO MARCOS MARTINS DESIDÉRIO**  
Data: 02/12/2025 18:05:37-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Prof. Dr. Plábio Marcos Martins Desidério – Orientador (UFNT)

Documento assinado digitalmente  
 **ALLYSSON FERNANDES GARCIA**  
Data: 03/12/2025 09:50:40-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Allysson Fernandes Garcia – Membro externo (UFG)

Documento assinado digitalmente  
 **ROSARIA HELENA RUIZ NAKASHIMA**  
Data: 03/12/2025 09:33:34-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosária Helena Ruiz Nakashima - Membro interno (UFNT)

Dedico este trabalho  
aos meus pais, Elza  
Maria de Jesus e  
Joaquim Peixoto dos  
Santos (In memoriam).

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que me apoiaram durante a minha pesquisa de mestrado.

Ao meu orientador prof. Dr. Plábio Marcos Martins Desidério, pela orientação, pela oportunidade, pelo crescimento, trocas e aprendizado construído durante todo o mestrado.

À UFNT, ao PPGCULT e a todos os professores que fizeram parte da minha formação, no mestrado.

À diretora, aos professores do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes(Araguaína/TO), escola que trabalho e realizei minha pesquisa, pela compreensão e apoio na reorganização dos meus horários de aula.

Aos meus alunos e alunas, que me instigam a buscar sempre me capacitar e ser uma professora melhor.

Aos colegas do Mestrado em Estudos de Cultura e Território pelas trocas ao longo desses dois anos.

À CAPES por financiar a pesquisa e, com isso, me proporcionar o privilégio de me dedicar aos estudos e ao conhecimento.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, meu sincero agradecimento.

*Há em cada adolescente, um mundo encoberto, um almirante e um sol de outubro.*

***(Machado de Assis)***

## RESUMO

A juventude é um tema central na sociedade contemporânea. Este estudo tem como objetivo investigar como as culturas juvenis são construídas entre os estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes - Araguaína – TO, considerando suas vivências escolares e sociais. As vivências e experiências dos alunos da educação básica ofertam uma boa fonte para o desenvolvimento de pesquisas que estejam alinhadas aos desafios enfrentados por eles em seu cotidiano. Neste contexto, a investigação por meio do método de estudo de caso permite analisar questões relacionadas às culturas juvenis e aos fatores sociais que influenciam diretamente os jovens, considerando os meios em que estão inseridos. Os instrumentos de coleta de dados foram: exibição de filmes, rodas de conversa e aplicação de questionários. Os participantes da pesquisa foram: alunos do ensino médio da escola mencionada. Para aporte teórico o estudo fundamentou-se em autores como Marília Pontes Sposito, Regina Novaes, Stuart Hall, Vera Candau e outros são utilizados para discutir: Cultura juvenil como construção social e simbólica; Juventude como categoria dinâmica, marcada por diversidade e fluidez identitária; Impacto das desigualdades sociais e culturais na formação dos jovens. Os principais resultados evidenciam que escola pesquisada é vista como espaço de convivência e construção de sentidos, não apenas de ensino. Fatores como bullying, racismo, timidez e dificuldades de aprendizagem influenciam o engajamento dos jovens. A evasão escolar é um problema recorrente, ligado a essas experiências negativas. Contribuição da pesquisa: valorizar o protagonismo juvenil. Propor ações educativas mais sensíveis às realidades dos estudantes e reforçar o uso do cinema como linguagem cultural e ferramenta de reflexão crítica.

**Palavras-chave:** Cultura juvenil. Vivências escolares e sociais. Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes - Araguaína – TO.

## **ABSTRACT**

Youth is a central theme in contemporary society. This study aims to investigate how youth cultures are constructed among students at the Adolfo Bezerra de Menezes State School in Araguaína, Tocantins, considering their school and social experiences. The experiences of basic education students offer a good source for developing research aligned with the challenges they face in their daily lives. In this context, the investigation through the case study method allows for the analysis of issues related to youth cultures and the social factors that directly influence young people, considering the environments in which they are inserted. The data collection instruments were: film screenings, discussion groups, and questionnaires. The research participants were: high school students from the aforementioned school. For theoretical support, the study was based on authors such as Marília Pontes Sposito, Regina Novaes, Stuart Hall, Vera Candau, and others, who are used to discuss: Youth culture as a social and symbolic construction; Youth as a dynamic category, marked by diversity and identity fluidity; Impact of social and cultural inequalities on the education of young people. The main results show that the school studied is seen as a space for coexistence and meaning-making, not just for teaching. Factors such as bullying, racism, shyness, and learning difficulties influence the engagement of young people. School dropout is a recurring problem linked to these negative experiences. Contribution of the research: to value youth protagonism; to propose educational actions more sensitive to the realities of students; and to reinforce the use of cinema as a cultural language and tool for critical reflection.

**Keywords:** Youth culture. School and social experiences. Adolfo Bezerra de Menezes State College - Araguaína – TO.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Fotografia 1.</b> Entrada e estacionamento do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.....	27
<b>Fotografia 2.</b> Pátio do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.....	28
<b>Fotografia 3.</b> Biblioteca do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.....	28
<b>Fotografia 4.</b> Imagem da biblioteca do colégio, local onde foram realizados as rodas de conversas, após a exibição dos filmes.....	29
<b>Fotografia 5.</b> Biblioteca do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.....	29
<b>Fotografia 6.</b> Imagem da Diretoria.....	30
<b>Quadro 1.</b> Perguntas dos filmes que foram exibidos durante a pesquisa que compuseram os questionários aplicados aos alunos.....	37

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>CCI -</b>	Centro de Ciências Integradas
<b>EPT -</b>	Educação Profissional e Tecnológica
<b>LDB -</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
<b>PPP -</b>	Projeto Político Pedagógico
<b>PPGCULT -</b>	Programa de Pós-Graduação em Estudos Cultura e Território
<b>PPGDIRE -</b>	Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Regionais
<b>PPGLLIT -</b>	Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura
<b>SEDUC -</b>	Secretaria da Educação e Cultura
<b>TEPT -</b>	Transtorno do Estresse Pós-Traumático
<b>TO -</b>	Tocantins
<b>UFG -</b>	Universidade Federal de Goiás
<b>UFNT -</b>	Universidade Federal do Norte do Tocantins
<b>UNITINS -</b>	Universidade do Tocantins

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2. CAMINHOS METODOLÓGICOS: O ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES.....</b>	<b>21</b>
2.1. Lócus da Pesquisa.....	23
2.2. Participantes da Pesquisa.....	32
2.3. Procedimentos para a pesquisa.....	33
2.4. Os Filmes.....	33
2.4.1. Festa no Céu.....	33
2.4.2. Extraordinário .....	34
2.4.3. Estrelas Além do Tempo .....	35
2.5. Exibição dos Filmes .....	36
2.6. Rodas de Conversa. ....	39
<b>3. IDENTIDADE E DESAFIOS SOCIAIS NO COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES.....</b>	<b>42</b>
<b>4. DISCUSSÕES SOBRE RACISMO E MACHISMO DENTRO DO COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES, A PARTIR DO FILME ESTRELAS ALÉM DO TEMPO.....</b>	<b>86</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>104</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>106</b>

## APRESENTAÇÃO

Sou a professora Maria Elza Peixoto, nascida em Goiânia – Goiás, em 18 de outubro de 1975. Sou filha de Joaquim Peixoto dos Santos, fazendeiro, e Elza Maria de Jesus, costureira, que vieram para o norte de Goiás, hoje Araguaína – Tocantins, em meados de 1980. Possuo treze irmãos, e sou a filha mais nova deles, e ainda quando criança já desejava muito realizar os meus estudos.

Estudei predominantemente em escola pública, na cidade de Araguaína, e ainda com 16 anos iniciei no magistério. Ao finalizar o colegial, ingressei no curso de Letras pela Universidade do Tocantins – UNITINS, no período de 1994 à 1998. Nos anos 2000, passei no concurso público da Educação do estado do Tocantins, onde assumi o cargo de professora de língua inglesa e língua portuguesa, na rede estadual de ensino.

Desde o início da minha atuação no magistério, tenho lidado com jovens e adolescentes. Diante disso, comumente presenciei situações em que tais jovens e adolescentes, demonstravam pouco interesse pelos estudos, ausentes do ambiente escolar, de modo que não percebiam a importância da educação. Tal realidade despertou em mim o interesse de investigar as razões que influenciam estes educandos.

Durante a minha carreira docente, realizei diversos cursos de especialização para aprimorar os meus conhecimentos, sendo a maior parte da minha carreira em sala de aula, lecionando nas séries de 5º ao 9º ano do ensino fundamental e 1ª a 3ª série do ensino médio. Atuo e atuei como professora na maior parte da carreira no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, localizado no Bairro São João, em Araguaína – Tocantins. Além disso, participei de diversos projetos voltados à mediação de leitura e formação de leitores, dentre eles, o Clube do Leitor, desenvolvido pela Biblioteca, no mesmo colégio em que atuo.

Atuando como professora no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes em Araguaína – TO, há mais de 30 anos, sempre senti que poderia ir além em minha trajetória. Durante esse tempo, tentei ingressar em vários programas de mestrado, alinhados à minha área de atuação, mas enfrentava dificuldades. Tentei entrar no programa de mestrado PPGLIT por 13 vezes, não obtive êxito, além de outros programas de mestrados como o PPGDIRE. Inclusive, cheguei a cursar uma disciplina como aluna especial no PPGDIRE, contudo, não consegui avançar devido

as linhas de pesquisa. Tudo mudou quando conheci as linhas de pesquisa do PPGCULT, e os estudos voltados para a cultura e o território, que estão diretamente relacionadas com a minha prática docente. Colegas de trabalho me apresentaram este programa de mestrado, e me incentivaram a cursar e a não desistir. O apoio dos colegas foi fundamental para eu acreditar que poderia alcançar essa meta.

A entrada no mestrado transformou completamente minha vida emocional e intelectual. Emocionalmente, foi um processo desafiador e enriquecedor, lidar com os novos conhecimentos. Intelectualmente a diversidade dos conhecimentos que tive acesso a partir do mestrado ampliou minha visão de mundo. As disciplinas abordaram áreas como filosofia, história e pedagogia, que se conectaram profundamente com minha prática docente. Essa abordagem abriu novas perspectivas para além da minha especialidade, trazendo uma compreensão mais ampla e empática sobre o mundo e as pessoas ao meu redor.

Quando retornar ao meu trabalho, acredito que estarei mais preparada para enfrentar os desafios do ambiente escolar. Antes, nas minhas aulas de inglês, muitas vezes eu percebia os alunos inquietos, mas não entendia o porquê. Agora, com a experiência do mestrado, posso compreender melhor os alunos e suas inquietações. Por meio de uma abordagem mais empática e interdisciplinar.

O PPGCULT também foi um espaço de grandes desafios. Foi um choque absorver tantas informações em um curto período, mas os professores e colegas trouxeram um lado humano que tornou a experiência única. Esse aspecto acolhedor e diferenciado foi essencial para minha formação, tanto acadêmica quanto pessoal. Hoje, sinto que minha jornada no mestrado me proporcionou uma nova dimensão de aprendizado e transformação. Abriu portas para compreender o mundo e os meus alunos, de maneira mais ampla e integrada, enriquecendo minha prática docente e minha vida como um todo.

Sendo assim, o desenvolvimento da pesquisa permitiu o crescimento intelectual como pesquisadora, professora e profissional, tendo em vista todos os anos como carreira no serviço público.

## 1.INTRODUÇÃO

Este estudo visa analisar a temática da juventude no ambiente escolar que vem, gradualmente, ganhando espaço no meio científico. Diversas pesquisas priorizam os problemas sociais enfrentados pelos jovens, no entanto, é essencial reconhecer que, atualmente, há uma variedade de outros fatores que compõem as experiências da vida juvenil. A transição para a vida adulta — tradicionalmente marcada pela conclusão dos estudos, entrada no mercado de trabalho, saída da casa dos pais e formação de uma nova família — já não segue um percurso linear.

Com as transformações contemporâneas, esses marcos geram novas incertezas e redefinem os papéis sociais dos jovens, impactando diretamente seus projetos e expectativas para o futuro (Zluhan et al., 2014). A compreensão da juventude vai além dos aspectos biológicos, psicológicos e pedagógicos. Para uma análise mais completa, é fundamental adotar uma abordagem interdisciplinar, que leve em conta a diversidade cultural e, sobretudo, as desigualdades sociais e econômicas que moldam a condição juvenil. (Zluhan et al., 2014).

A cultura juvenil, a partir dos estudos realizados por Friedemann e Narvaez (2020) é o resultado da construção das percepções que os jovens possuem de si mesmos, somadas aos significados atribuídos às suas vivências, às suas identidades, em seus principais espaços de socialização — como a escola, a família, a comunidade e a igreja. Ao se envolverem com seu cotidiano e com as experiências que vivenciam, estes jovens passam por transformações marcadas pelos desafios que enfrentam. É nesse período da juventude que ocorrem encontros e desencontros, compromissos, experiências positivas e negativas, que podem influenciar significativamente seus caminhos — inclusive levando, em alguns casos, à desistência da escola.

A adolescência é um período que abre caminhos para que o ser humano se transforme, distanciando-se daquilo que já conhece. Esse processo exige do indivíduo capacidade criativa, que se desenvolve a partir de um ambiente que favoreça a mudança. Tal transformação implica em desprender-se do passado e do presente para projetar um futuro desejado. É nessa fase que o jovem enfrenta dúvidas e inquietações, como inseguranças e angústias sobre como seguir em frente. O adolescente lida com muitas incertezas em relação à vida, às escolhas e às decisões que precisa tomar (Friedemann e Narvaez, 2020).

Esse olhar mais amplo evita reducionismos e interpretações fragmentadas sobre a transição para a vida adulta. Ainda é comum encontrar pesquisas que tratam a juventude apenas como uma fase de transitoriedade, desconsiderando a capacidade dos jovens de ampliar suas práticas sociais e construir sentidos próprios para essa etapa da vida. Nesse sentido, Melo e Borges (2007) reforçam a importância de considerar o contexto sociocultural, o status social, econômico, entre outros fatores, compreendendo a juventude como um conceito dinâmico, em constante construção dentro de seu contexto histórico e cultural. (Zluhan et al. 2014).

As vivências e experiências dos alunos da educação básica ofertam uma boa fonte para o desenvolvimento de pesquisas que estejam alinhadas aos desafios enfrentados por eles em seu cotidiano. A relação entre a escola e as culturas juvenis é destacada como um ponto crucial para uma educação significativa, pois ao reconhecer as culturas juvenis como espaços de socialização importantes, a escola pode utilizá-las como ferramenta de aprendizagem.

O objetivo deste trabalho foi investigar como as culturas juvenis são construídas entre os estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes (Araguaína – TO), considerando suas vivências escolares e sociais. Para alcançar o objetivo proposto neste trabalho elencamos como objetivos específicos:

- a) Analisar representações de bullying, racismo, machismo, acolhimento e pertencimento nos filmes exibidos.
- b) Relacionar essas representações às experiências dos alunos.
- c) Compreender como a territorialidade escolar influencia a construção de identidades juvenis.
- d) Estabelecer conexões entre os filmes, as falas dos estudantes e o ambiente escolar.

Neste contexto, a investigação por meio do método de estudo de caso permite analisar questões relacionadas às culturas juvenis e aos fatores sociais que influenciam diretamente os jovens, considerando os meios em que estão inseridos. A relevância deste tipo de estudo está em compreender como estas experiências moldam a cultura juvenil dos alunos, com foco específico nos estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, localizado em Araguaína – TO. Através de suas interações sociais vivenciadas no ambiente escolar, e também influenciadas

pelo desempenho escolar, os jovens constroem percepções sobre si mesmos e sobre os desafios impostos pela sociedade contemporânea.

Desta forma, o desempenho escolar pode exercer um papel significativo na permanência dos estudantes na escola, caracterizando-se como um fator de estabilidade e pertencimento. Isto é, compreender a cultura juvenil a partir de tais vivências é essencial para propor ações mais eficazes no ambiente educacional, que valorizem o protagonismo juvenil e reconheçam as complexidades do seu contexto social. Isso implica que a escola deve valorizar as manifestações culturais dos jovens (como música, dança e outras expressões) e integrá-las ao currículo e às atividades pedagógicas, criando um ambiente que faça sentido para os estudantes e os prepare melhor para a vida em sociedade.

Sendo assim, os resultados apresentados nesta pesquisa têm origem nos relatos frequentes compartilhados pelos alunos, baseados em suas experiências pessoais — que muitas vezes são marcadas por desafios que podem levar à evasão escolar. A motivação para desenvolver este estudo surgiu, principalmente, diante da recorrente desistência dos jovens em relação à escola e à educação formal. A evasão não apenas compromete o processo educativo, mas também contribui para a estigmatização destes sujeitos, que estão inseridos em uma realidade vulneráveis, que os impede que se reconheçam e se desenvolvam a respeito da cultura juvenil.

Entre outros fatores que justificam a realização desta pesquisa, destacam-se situações recorrentes como por exemplo: bullying, que trata-se de uma “intimidação sistemática” resultante de violência física e psicológica que pode ocorrer de maneira intencional e repetitiva, sem motivações evidentes partindo de um grupo ou de um indivíduo contra uma ou mais pessoas, seja para agredir ou intimidar. Comportamentos violentos e a forma como as instituições educacionais têm buscado lidar com esses problemas. Sabe-se que para o senso comum, estas experiências são capazes de gerar desconforto e afetar diretamente o engajamento dos jovens no ambiente escolar.

Desta forma, enquanto mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, propus a realização deste trabalho com o objetivo de buscar novas compreensões sobre a construção desta cultura juvenil no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, em Araguaína – TO, através de um estudo de caso.

O estudo de caso é um método de pesquisa qualitativa que busca compreender, de forma aprofundada, um fenômeno dentro de seu contexto real. Este método possibilita a realização de análises detalhadas de experiências, comportamentos e relações sociais, sendo especialmente útil para investigar situações complexas e específicas, como as vivências de um grupo em determinado território.

Para o desenvolvimento da pesquisa, alguns autores foram utilizados para fundamentar as investigações acerca das temáticas de cultura juvenil no ambiente escolar, em busca de discussões relevantes sobre a temática, como por exemplo: Marília Pontes Sposito, Regina Novaes, Stuart Hall, Antônio Marco Moreira, Vera Candau entre outros.

A pesquisa busca compreender a construção das culturas juvenis entre os estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, em Araguaína – TO. O foco recai sobre as dificuldades enfrentadas por esses jovens no ambiente escolar, incluindo desinteresse pelos estudos, sejam devidas as dificuldades de aprendizagem, conflitos pessoais e externos, como por exemplo: bullying, dificuldades de socialização, timidez, vergonha, entre outras diversas limitações que impactam diretamente sua trajetória educacional.

A investigação busca analisar como tais fatores influenciam suas ações e contribuem para a formação da cultura juvenil, considerando se tais aspectos estão diretamente relacionados às vivências destes estudantes. Além disso, a pesquisa procura entender de que forma os jovens negociam essas experiências no cotidiano escolar, quais conflitos emergem nesse território e quais são os resultados produzidos a partir dessas vivências e construções identitárias.

A utilização de filmes no ambiente escolar pode ser caracterizada como um recurso eficaz que não se limita como instrumento de ensino, mas principalmente como mecanismo de reflexões sobre a construção da cultura juvenil entre os estudantes. Os filmes podem tornar-se narrativas audiovisuais que dialogam com suas realidades, os alunos podem identificar no cinema um espelho de suas próprias vivências — tanto dentro quanto fora da escola —, o que os leva a refletir sobre suas trajetórias, desafios e formas de ser no mundo. Sendo assim, os filmes manifestam-se como linguagem artística e cultural, tornando-se capaz de provocar sensibilidades e desencadear debates que muitas vezes não encontram espaço nas práticas pedagógicas tradicionais.

Desta forma, ao ser utilizado nesta pesquisa, os filmes contribuem para ampliar os horizontes de percepção dos estudantes, oferecendo novas formas de visualizarem a si mesmos e ao outro, através de novas perspectivas.

Como arte, os filmes possuem um papel importante na construção de ideias, imaginários, criatividade e na formação da subjetividade juvenil. São ferramentas de lente de observação e interpretação do mundo, permitindo que os alunos se reconheçam em personagens, conflitos e contextos diversos. Ao observar essas narrativas, os estudantes são convidados a pensar sobre como suas identidades são moldadas por valores, experiências e influências socioculturais.

No contexto específico do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, em Araguaína – TO, os filmes no decorrer da pesquisa, pode ser entendido como uma ferramenta estratégica para analisar as formas como as culturas juvenis são construídas. O colégio, enquanto território simbólico e plural, abriga diversas culturas juvenis que se expressam cotidianamente nas práticas, linguagens e relações que os estudantes estabelecem entre si e com a instituição. Compreender esse espaço como formador é reconhecer a importância de promover uma escuta ativa e sensível às dinâmicas culturais que se organizam no interior da escola.

Promover rodas de conversa com os alunos do ensino médio, possibilitando a expressão de suas percepções e experiências relacionadas às temáticas abordadas nos filmes. Bem como, identificar como as culturas juvenis se manifestam no contexto escolar, considerando práticas, linguagens e sociabilidades dos estudantes; compreender de que maneira a territorialidade escolar contribui para a construção de identidades juvenis e para os sentimentos de acolhimento ou exclusão; estabelecer relações entre as narrativas cinematográficas, as falas dos estudantes e o espaço escolar, evidenciando como o ambiente pode potencializar ou dificultar processos de reconhecimento, pertencimento e convivência.

A partir das experiências dos alunos do Colégio Adolfo, é possível investigar como eles percebem e vivenciam o ambiente escolar, identificando os sentidos atribuídos às relações, regras, conteúdos e expressões culturais. Trata-se de perceber a escola não apenas como lugar de ensino, mas como espaço de convivência, confronto e construção de sentidos.

Nesse processo, torna-se necessário compreender a juventude como uma categoria marcada pela diversidade e pela fluidez identitária. Nas palavras de Stuart Hall (2006), a identidade juvenil pode ser compreendida como um mosaico cultural,

que articula elementos regionais — como o sentimento de pertencimento à realidade tocantinense — com vivências urbanas ou rurais, além de atravessamentos étnico-raciais que frequentemente geram tensões e disputas simbólicas.

O uso de filmes não apenas amplia o repertório cultural dos estudantes, como também permite que eles reflitam criticamente sobre suas próprias realidades. Ao reconhecer a pluralidade inseridas dentro da cultura juvenis, e experiências no território escolar, a escola passa a se constituir como espaço legítimo para a formação de sujeitos conscientes, críticos e culturalmente ativos.

Considerando que esta pesquisa busca investigar como as interações e experiências vividas pelos alunos do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, em Araguaína – TO, no ambiente escolar e nas suas comunidades, impactam suas percepções sobre si mesmos e sobre o mundo ao seu redor. Este trabalho está dividido em três partes que apresentam discussões e problematizações pertinentes a tais assuntos, baseadas nos relatos de experiência dos educandos e em autores que estudam sobre as temáticas em questão.

A primeira parte apresenta a metodologia científica adotada, baseada no estudo de caso, além de contextualizar o locus da pesquisa, os filmes selecionados, as rodas de conversa realizadas e os questionários aplicados ao final de cada exibição.

A segunda parte concentra-se nos filmes Festa no Céu e Extraordinário, evidenciando as discussões em torno de bullying, acolhimento e exclusão no ambiente escolar, analisadas a partir das falas dos alunos e de referenciais teóricos pertinentes.

Por fim, a terceira parte desenvolve a análise do filme Estrelas Além do Tempo, cujo debate girou em torno das questões de racismo, machismo e misoginia, também em diálogo com os estudantes e sustentado por autores que fundamentam as problematizações propostas.

## **2. CAMINHOS METODOLÓGICOS: O ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES**

Conforme Novaes (2001) a adolescência é uma das fases de intensas transformações, especialmente no corpo e na mente, o que a torna foco da psicologia do desenvolvimento. No entanto, quando os jovens atingem a maioridade, aos 18 anos, a sociedade e as abordagens pedagógicas tendem a negligenciar suas especificidades, como se deixassem de ser sujeitos de atenção.

Segundo Novaes (2001) é essencial repensar o papel do educador, promovendo uma relação mais dialógica, colaborativa e menos hierárquica. Isso implica abandonar práticas tradicionais centradas exclusivamente no professor e adotar metodologias que valorizem a participação ativa dos jovens, integrando suas experiências e interesses em um processo de aprendizagem mais significativo e alinhado às demandas contemporâneas.

Novaes (2001) destaca que é preciso que haja novas maneiras de investigar e analisar o mundo dos jovens. Até mesmo que as áreas mais específicas renovem nos seus temas de uma maneira bem forte. É importante salientar que uma combinação de fontes e de abordagens de pesquisa, se concretize, para que se explore ao máximo os dados disponíveis.

Para o desenvolvimento do trabalho utilizou-se o método de estudo de caso. Trata-se de uma investigação científica, pautada no social com base empírica. Pode ser concebida e realizada em associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo em que pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Marli André (2013), defende que os estudos de caso, quando desenvolvidos através de abordagens qualitativas, devem ser conduzidos com rigor científico, incluindo a explicitação dos passos e escolhas realizadas durante o processo. Nestas investigações, o pesquisador deve fundamentar cada decisão, desde a seleção de sujeitos até a análise dos dados, sempre prezando pela ética e transparência.

Marli André (2013) ressalta que desde meados dos anos 1980, os estudos de caso qualitativo na educação passaram a focar fenômenos específicos em seus contextos naturais, utilizando métodos como observação participante e entrevistas.

Nesse sentido, Stake (1995) define que o estudo de caso qualitativo não é uma escolha metodológica, mas de fato, uma escolha do objeto de estudo. Trata-se de ser caracterizado pela análise profunda e contextualizada, proporcionando um conhecimento mais concreto e interpretativo. Nos estudos de caso qualitativo, a coleta de dados pode incluir entrevistas, rodas de conversas, observações e análise de documentos, com o objetivo de compreender e descrever um fenômeno dentro de seu contexto.

Nisbett e Watts *apud* Marli André (2005) em suas investigações, relatam que o estudo de caso qualitativo perpassa principalmente por três fases: a fase exploratória, a fase da coleta de dados e fase de análise sistemática. A primeira é indispensável para a definir os focos do estudo e as questões a serem investigadas. A coleta de dados é realizada de forma sistemática, com o uso de várias fontes e instrumentos, e a fase da análise sistemática visa interpretar os dados de forma crítica e detalhada.

O método de trabalho abordado foram o método estudo de caso, que contou com as exposições de filmes, debates sobre os filmes apresentados e rodas de conversas, na qual foram apresentadas questões para serem debatidas. O procedimento processual para o desenvolvimento do projeto iniciou com Estudos teóricos para fundamentação prosseguindo com Pesquisas: documental – elencando as práticas desenvolvidas; exploratória e de campo – esclarecendo as situações evidentes diagnosticadas.

Reunimos um grupo de alunos para assistirem filmes previamente selecionados de acordo com os objetivos e a temática do projeto, e logo após promovemos uma roda de conversa sobre os filmes assistidos. Os conteúdos debatidos na roda de conversa foram transformados em fontes da pesquisa.

A roda de conversa visa incentivar o diálogo, a escuta ativa e a participação igualitária, proporcionando um espaço democrático para a expressão de diferentes perspectivas (Lima e Moura, 2014). Assim, compreendemos que as rodas de conversa promovem a ressonância coletiva, a construção e a reconstrução de conceitos e de argumentos através da escuta e do diálogo com os pares e consigo mesmo. E ao pensarmos a forma de adotar e conduzir esse instrumento, temos que considerar que o diálogo construído representa o pensar e o falar (Lima e Moura, 2014).

A roda de conversa se torna nesse caso uma prática de interação dentro do estudo de caso. Os participantes não são apenas informantes, mas também agentes ativos que desempenham um papel na definição das questões de pesquisa, coleta de dados e interpretação dos resultados. Visa possibilitar que as vozes dos participantes sejam evidenciadas nas questões que afetam suas vidas e capacidade de agir para criar mudanças positivas.

## **2.1. Lócus da Pesquisa**

O Colégio Estadual Adolfo Bezerra Menezes, situado à Rua Gonçalves Ledo, s/n, Bairro São João em Araguaína, no Estado do Tocantins, surgiu da necessidade de alfabetização de crianças que não tinham acesso à escola. Os relatos históricos acerca do início do Colégio, iniciam-se com a professora Domingas Teles da Silva, que foi uma das primeiras fundadoras do atual Colégio Adolfo Bezerra de Menezes. A unidade de ensino se chamava, Escolinha Teles, e funcionava na residência de Clarinda Maciel, que disponibilizou um cômodo de sua casa sem custos.

No início da década de 1970, a professora Domingas Teles demonstrava grande preocupação com as crianças que passavam o dia nas ruas, sem acesso à educação. Em uma de suas caminhadas, questionou algumas delas sobre o motivo de estarem sempre brincando na rua. As crianças responderam que não havia vagas nas escolas e que suas famílias, em situação de vulnerabilidade, não tinham condições de arcar com uniformes ou materiais escolares.

No final da década de 1970, aproximadamente 180 crianças estavam fora do processo de ensino e aprendizagem, segundo apresenta a história da criação do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, através do Projeto Político Pedagógico (PPP) do ano de 2023. A maioria vivia no então chamado Bairro das Areias — atualmente Bairro São João —, uma região em expansão devido a processos de ocupação e invasão.

Naquela época, existiam três iniciativas educacionais informais no bairro: a Escola Nossa Senhora da Conceição, que funcionava na casa da Senhora Maria da Conceição da Silva Carneiro; uma escola no Centro Espírita Dr. Adolfo Bezerra de Menezes; e a Escola Polichinelo, instalada em um barracão de palha em terreno da prefeitura, organizada pela professora Domingas Teles da Silva, conforme relato da funcionária Maria dos Reis Matos da Silva.

A escola teve grande importância para a comunidade local. Iniciando com apenas 12 crianças, rapidamente passou a atender 80 alunos, o que levou à mudança de endereço para a casa do Sr. Adelson. Com o crescimento para 120 estudantes, a escola foi transferida para a residência da professora Domingas Teles da Silva.

Com o aumento da demanda, a professora Domingas passou a enfrentar dificuldades para gerir a escola sozinha, pois, além de conduzir as atividades pedagógicas, também era responsável pela merenda. Diante disso, ela procurou a Prefeitura Municipal de Araguaína, solicitando apoio com a contratação de professores e merendeiras.

Atendendo ao pedido, foram contratadas as professoras Beijimar Alexandre Guimarães Teles, Maria Valdirene Teles, Edilamar Maria Cardoso Silva Cavalcante e Modestina Carvalho. Juntas, elas atuaram com Domingas nas atividades pedagógicas, ainda no barracão de palha, mesmo diante da precariedade da estrutura. Persistentes, seguiram lutando para que a escola fosse reconhecida pelo poder público como essencial para a formação das crianças da comunidade.

Com o número crescente de alunos, um novo pedido foi feito à Prefeitura para a designação de uma merendeira. Diante da necessidade de ampliar o atendimento e melhorar a qualidade da educação, as três escolas citadas anteriormente se unificaram em 1979, consolidando o trabalho da Escola Polichinelo.

Em razão das dificuldades financeiras, foi criada uma taxa mensal para ajudar na remuneração dos funcionários. A expansão da escola se concretizou com a doação de materiais pela Prefeitura de Araguaína, permitindo que pais e líderes comunitários, em regime de mutirão, construíssem duas salas de aula, uma cantina e uma sala de secretaria. Essa mobilização marcou um importante passo para transformar a estrutura da escola em um espaço mais acolhedor e digno para os estudantes.

Embora sem lei de criação, a Prefeitura Municipal assumiu no primeiro mandato com o prefeito da época, João de Sousa Lima, a responsabilidade de administrar a escola, em relação a toda a sua gestão, inclusive a remuneração dos funcionários, de acordo o Projeto Político Pedagógico do ano de 2023. Oportunamente, procedeu-se à denominação da escola de Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, em homenagem ao cientista Dr. Adolfo Bezerra de Menezes.

O documento mais importante existente dessas três escolas que se unificaram é um livro de Ata, o qual consta o registro de conceitos anuais dos estudantes da escola Dr. Adolfo Bezerra de Menezes. Neste consta o registro de dez turmas com 538 (quinhentos e trinta e oito) estudantes que tinha como diretora a senhora Dilza Fontenele de Sousa.

Após a municipalização e, em razão do Bairro das Areias ficar cada vez mais populoso, houve a necessidade da escola ampliar suas instalações, sendo construídas seis (06) salas de aula, ampliação da secretaria e da cantina, em que todos os funcionários foram assumidos pelo público municipal. O processo pedagógico seguia os pressupostos do Programa Monhangara, o qual fornecia, além de todos os materiais e assessoria de orientação pedagógica aos professores através de cursos, planejamento e realização de rodas de conversas.

No decorrer do tempo, o Bairro das Areias passou à denominação de Bairro São João e, ao seu redor surgiram outros bairros, a saber: Setor Raizal, Araguaína Sul, Imaculada Conceição, Tereza Hilário Ribeiro, Conjunto Patrocínio e Setor Coimbra.

Com o aumento da população ocorreu a procura por vagas, dado que nesta região não havia nenhuma escola ofertante do Ensino Médio, impossibilitando os jovens de concretizarem seus estudos, pois tinham que trabalhar e só podiam frequentar os estudos no horário noturno, mas tal modalidade só havia em escolas distantes do Bairro São João e, em pouca quantidade de vagas.

Em razão da necessidade de um colégio que oferecesse, nesta região, o Ensino Fundamental e Médio, a comunidade se mobilizou e reivindicou da Delegacia Regional de Ensino de Araguaína, em forma de protesto, a autorização de oferta do Ensino Médio no Colégio Adolfo. Com isso, a Delegada de Ensino, Josefa Maria Correia e, o governador Moisés Nogueira Avelino, tomou as providências para a celebração de Convênio que atendesse a solicitação da comunidade.

No mês de fevereiro de 1992 a Escola Municipal Dr. Adolfo Bezerra de Menezes se convencionou com o Estado do Tocantins, passando a ser administrada pela Secretaria de Educação e Cultura (SEDUC), a qual passou da denominação de Escola Municipal Dr. Adolfo Bezerra de Menezes para Escola Municipal Adolfo Bezerra de Menezes - Conveniada, até o ano de 1994, quando a mesma passou a ser chamada de Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes. Esse convênio e regulamentação permitiu a oferta das seguintes modalidades: Ensino Fundamental

de 1ª à 8ª série e, 2º grau: Técnico em Administração, Técnico em Contabilidade e Normal. Hoje, o Colégio Adolfo atende as seguintes modalidades: Ensino Fundamental 6º a 9º; Ensino Médio Regular e EJA - Educação de Jovens e Adultos no 3º Segmento.

Atualmente, o Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes é composto por sete pavilhões construídos de acordo com as necessidades momentâneas sem nenhum planejamento. Comprometendo seriamente a acessibilidade, construção de espaços compactos que não atendem as necessidades da U.E e com desníveis de pisos o que torna a área de lazer inadequada. O primeiro bloco contém 1 (uma) sala de aula, sala da Coordenação Pedagógica, 1(uma) sala da Equipe Multiprofissional, 1 (uma) sala da Secretaria e 1 (uma) sala da Direção.

O segundo bloco contém 4 (quatro) salas de aula, 1 (uma) sala de Serviço de Orientação Educacional e uma sala de coordenação financeira e almoxarifado. O terceiro bloco contém 3 (três) salas de aula, 1 (uma) sala de professores, 1 (uma) sala para aula de reforço, 1 (uma) sala para guardar material pedagógico, material de Educação Física. O quarto bloco contém 3 (três) salas de aula. O quinto bloco possui uma cozinha, depósito de merenda, dois banheiros, um masculino e um feminino, banheiro para deficiente, lavanderia e um depósito de material de limpeza.

O sexto bloco contém 4 (quatro) salas de aula. O sétimo bloco conta com uma biblioteca e 2 (duas) sala de aula. Completa o conjunto da estrutura física uma quadra poliesportiva e anexo a ela 1(sala) sala para Atendimento Educacional Especializado – AEE, um pátio descoberto para recreação dos discentes. O laboratório foi desativado devido à falta de equipamentos.

A seguir, estão algumas fotos da Unidade Escolar, Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, local onde os jovens e adolescentes frequentam, desenvolvendo seus estudos e formando as suas identidades.

O Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes configura-se como um espaço marcado por limitações estruturais significativas diante do número de estudantes que atende. A instituição dispõe de um ambiente físico reduzido e apertado, sem áreas de lazer ou espaços de convivência voltados ao processo educativo, excetuando-se apenas a quadra poliesportiva.

A ausência de uma arquitetura acolhedora, somada à precariedade acústica e ao design pouco funcional, repercute diretamente no cotidiano escolar, impactando a concentração, a socialização e a qualidade das práticas pedagógicas.

Tais condições influenciam o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que restringem a vivência de experiências mais dinâmicas e integradoras, além de limitar as possibilidades de construção de um ambiente escolar que promova efetivamente o bem-estar e o sentimento de pertencimento dos alunos.

A realidade vivenciada no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes não se apresenta de forma isolada, mas reflete um quadro recorrente em grande parte das escolas estaduais brasileiras. A insuficiência de espaços físicos adequados, a carência de áreas de lazer e convivência, a precariedade da acústica e a ausência de uma arquitetura acolhedora constituem marcas comuns de instituições públicas de ensino em diferentes regiões do país. Essas condições estruturais limitadas acabam por restringir o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras e integradoras, comprometendo tanto a qualidade do ensino quanto a construção de um ambiente escolar mais humano e inclusivo. Dessa forma, a situação do Colégio Adolfo representa um recorte de uma problemática nacional, em que a falta de investimentos consistentes em infraestrutura escolar se configura como um desafio central para a efetivação de processos de ensino-aprendizagem mais significativos.

A seguir, estão apresentadas algumas fotos atuais do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, que demonstra a realidade do ambiente escolar em que seus alunos, servidores e professores convivem diariamente. Através das fotos, é possível perceber que pelo quantitativo de alunos matriculados, o espaço físico ainda é desproporcional para tornar um ambiente propício e acolhedor para atividades voltadas ao processo ensino aprendizagem.

**Fotografia 1:** Entrada e estacionamento do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.



Fonte: Maria Elza Peixoto (2023)

**Fotografia 2:** Pátio do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.



Fonte: Maria Elza Peixoto (2024)

As fotos da entrada e do ambiente interno da Biblioteca, conforme pode-se observar nas figuras 3, 4 e 5 a seguir, mostram como os espaços são reduzidos e inapropriados para realizar as atividades de leitura e estudos dos alunos. O Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, apesar de possuir um acervo rico em livros, o seu espaço físico não é suficiente para atender os alunos e viabilizar a permanência deles dentro da biblioteca. Desta forma, o acesso aos livros ainda é limitado, e funciona através de empréstimos para os alunos e para a comunidade.

**Fotografia 3:** Biblioteca do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.



Fonte: Maria Elza Peixoto (2024)

**Fotografia 4:** Imagem da biblioteca do colégio, local onde foram realizadas as rodas de conversas, após a exibição dos filmes.



Fonte: Maria Elza Peixoto (2025)

**Fotografia 5:** Biblioteca do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.



Fonte: Maria Elza Peixoto (2025)

A fotografia 6, a seguir, mostra também os espaços reduzidos dos setores administrativos do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, em que os servidores trabalham diariamente, atendendo toda a comunidade escolar.

**Fotografia 6:** Imagem da Diretoria.



Fonte: Maria Elza Peixoto (2024)

As fotos acima apresentadas mostram que o Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes em Araguaína – TO, passou por diversas transformações durante toda a sua história, conforme os registros apresentados no Projeto Político Pedagógico do ano de 2023 e as fotos exibidas acima, bem como formou e educou diversos alunos, nas diferentes fases da educação. O Colégio foi construído através de blocos, e teve ampliações ao longo do tempo, e alterações nas suas modalidades, de acordo com a demanda da comunidade escolar.

Contudo, é preciso destacar que a biblioteca do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes apresenta-se como um espaço físico bastante limitado, com o ambiente abarrotado de livros e mobiliário inadequado, o que compromete significativamente sua funcionalidade. Essa organização e o tamanho reduzido dificultam a circulação e o acesso aos acervos, gerando um ambiente pouco convidativo à leitura e à realização de atividades de estudo ou pesquisa. A falta de conforto, iluminação adequada e espaços de permanência compromete a concentração e o interesse dos alunos, tornando a biblioteca um recurso subaproveitado no cotidiano escolar. Conseqüentemente, tais condições limitam o estímulo à leitura e à ampliação do repertório cultural e cognitivo dos estudantes, evidenciando a necessidade de investimentos em infraestrutura e organização para

transformar a biblioteca em um espaço educativo efetivamente acolhedor e motivador. A seguir podemos averiguar acerca do conceito sobre territorialidade.

Segundo Haesbaert (2007), “território” não é apenas porção de espaço com fronteiras, mas trata-se de uma construção relacional, resultante (e produtora) de relações de poder, que combinam dimensões materiais (infraestrutura, normas, controle do acesso) e simbólico afetivas (pertencimento, identidades, sentidos do lugar). Para ao autor, a territorialidade, é o conjunto de práticas e significados que sustentam um território: modos de apropriação, dominação, regulação e uso que conferem coerência a um espaço social. Quanto ambientamos essa discussão para dentro do ambiente escolar, surgem as regras de circulação, de convivência, de organização dos tempos (horários, calendários) e dos espaços (salas, pátios, biblioteca, quadra poliesportiva), nas linguagens e símbolos institucionais (uniforme, mural, hino), bem como nos sentimentos de segurança e acolhimento ou de exclusão e medo em que a realidade produz.

Desta forma encarar o ambiente escolar como território, trata-se de reconhecer camadas de poder sobrepostas. No plano macro, políticas educacionais e currículos oficiais territorializam o que é legítimo entre ensinar e aprender. No meio, a gestão da escola estabelece delimitações, controla fluxos e distribui os usos dos espaços. No interior, cada sala de aula torna-se um microterritório negociado entre professores e estudantes, com regras explícitas. Para Haesbaert (2007), o território é um “sistema de ações” e que o poder se exerce em múltiplas escalas, nunca exclusivo do Estado.

Quando observamos o Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes a partir desta perspectiva proposta por Haesbaert (2007), torna-se evidente como a dimensão territorial se articula com as condições materiais e simbólicas do espaço escolar. O colégio enfrenta o desafio de abrigar um quantitativo elevado de estudantes em um espaço físico reduzido, o que afeta diretamente a forma como se estruturam as territorialidades no ambiente escolar.

De acordo com Haesbaert (2007), o território é, simultaneamente, um abrigo e um recurso. Ele deveria oferecer segurança, acolhimento e pertencimento, ao mesmo tempo em que possibilita práticas sociais, aprendizagens e apropriações. Contudo, quando o espaço é insuficiente para atender às demandas da comunidade escolar, essa função de abrigo é enfraquecida. No caso do Adolfo Bezerra, os alunos relatam, como poderemos observar nos capítulos a seguir, que não se

sentem acolhidos ou pertencentes ao espaço, vivenciando uma territorialidade marcada mais pela dominação (controle, regras rígidas, limitação de circulação) do que pela apropriação (uso criativo, produção de sentido, pertencimento).

## **2.2. Participantes da Pesquisa**

Seguindo o método de estudo de caso, proposto por Yin (2001), foram realizadas duas rodas de conversas com alunas e alunos das terceiras séries do ensino médio em que assistiram três filmes: festa no céu, o extraordinário e estrelas além do tempo. Envolveram-se neste projeto 05 turmas que assistiram os filmes, em torno de 130 alunos, 70 meninos e 80 meninas, de faixa etária entre 17 à 22 anos.

Os alunos que participaram da pesquisa são estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes e, em sua maioria, residem em periferias e contextos de origem humilde. Geralmente residem em bairros próximos, como: Tereza Hilario, Raizal, Patrocínio, Presidente Lula, Cimba, Araguaína Sul e Bairro São João. Muitos vivem em famílias monoparentais, com pais ou mães separados, e recebem o benefício do Bolsa Família, evidenciando condições socioeconômicas frágeis. Essa realidade se caracteriza por desafios significativos, incluindo proximidade com contextos de vulnerabilidade social e escassez de oportunidades de lazer, esporte, arte e cultura.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes a maioria dos alunos pertencem à população negra ou parda, refletindo a diversidade étnico-racial presente em muitas escolas públicas brasileiras, especialmente em áreas periféricas.

Além das limitações estruturais da escola e das condições socioeconômicas adversas, os alunos do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes enfrentam demandas significativas em suas vidas cotidianas. Muitos precisam contribuir em casa, seja auxiliando nos cuidados com os irmãos, realizando trabalhos informais ou “bicos” para complementar a renda familiar. Essas responsabilidades extras, somadas à necessidade de conciliar estudos e vida doméstica, podem impactar o processo de ensino-aprendizagem, pois reduzem o tempo disponível para dedicação às atividades escolares, comprometem a frequência e a atenção em sala de aula e aumentam os níveis de estresse e cansaço. Assim, as trajetórias educativas desses estudantes são moldadas por um contexto social e econômico que exige múltiplos

esforços, tornando ainda mais desafiador o engajamento pleno nas práticas pedagógicas e o acesso a oportunidades de aprendizagem mais significativas.

### **2.3. Procedimentos para a Pesquisa**

Os filmes foram previamente selecionados de acordo com a sua temática e relacionados com o objetivo da pesquisa. As perguntas foram elaboradas com o intuito de despertar a criatividade dos alunos, fazendo com que os mesmos pudessem explicar sobre as perspectivas no meio escolar em que estão inseridos, para que assim demonstrem mais sobre as suas identidades e sobre como a territorialidade os influenciam.

### **2.4. Os Filmes**

#### **2.4.1. Festa no Céu**

O filme intitulado "Festa no Céu" (2014), é um filme de animação dirigido por Jorge R. Gutierrez. O filme retrata a história de três personagens: Manolo, Maria e Joaquim, que são três amigos que cresceram juntos e viram o amor florescer entre eles. Festa no céu é uma animação que também resgata a histórias de deuses que fazem parte do filme: La Muerte e Xibalba. Manolo é o principal personagem do filme e trata-se de um jovem que cresce dividido entre cumprir as expectativas de sua família que é se tornar um toureiro e seguir seu desejo de tornar-se músico. Manolo vê seu destino mudar ao ser separado de Maria, que vai estudar na Europa, após a decisão de seus pais.

A história é construída através de um cenário inspirado na cultura mexicana, especialmente no dia de finados. Os Deuses do filme, apostam com qual dos dois amigos Maria irá se apaixonar em troca de um dos mundos, contudo o Deus Xibalba, com o desejo de vencer, trapaceia na aposta.

Sendo assim, Manolo acaba embarcando em uma jornada por três mundos distintos: o Mundo dos Vivos, o Mundo do Lado de Lá e o Mundo dos Esquecidos, em que ele enfrenta desafios e toma decisões importantes sobre quem ele quer ser, em busca da sua identidade.

No decorrer da história, Manolo tem que enfrentar diversos desafios, como lidar com a expectativa de seu Pai acerca da sua carreira e a rivalidade com Joaquin, seu amigo de infância, que também é apaixonado por Maria.

Este filme foi escolhido por transmitir mensagens importantes para explorar, instigando os alunos. O filme pontua sobre seguir os próprios desejos e sonhos, em vez de apenas cumprir as expectativas, principalmente dos pais. Os temas que destacamos para realizar a discussão com os alunos foram poder da escolha, que embora as circunstâncias muitas vezes nos desafiem, a mensagem é capaz de mostrar que nossas escolhas definem quem somos e possibilita alcançar os sonhos idealizados. Além disso, trata também sobre a importância da família e dos relacionamentos, como por exemplo: o valor dos laços familiares, mas também sobre como respeitar as decisões e escolhas diferentes das famílias, etc.

#### **2.4.2. Extraordinário**

O filme *Extraordinário* (2016) trata-se de um drama baseado no livro homônimo de R.J. Palácio. A história retrata o personagem August Pullman (ou Auggie), um garoto de 10 anos que nasceu com a síndrome<sup>1</sup> de Treacher Collins, uma síndrome genética rara, que ocasionou grandes deformações faciais. Por causa desta deficiência e do receio de preconceitos e exclusão, Auggie passou a maior parte da sua vida estudando em casa, sendo educado por sua mãe, Isabel, e tendo pouco contato com outras crianças. No entanto, os seus pais decidem que finalmente é a hora de Auggie superar os desafios e se socializar com mais alunos da sua idade, entrando para a escola nova.

A história se desenrola com a entrada de Auggie para uma escola regular representando um desafio para ele e sua família, sofrendo preconceito<sup>2</sup> e o bullying<sup>3</sup> de outros alunos devido à sua aparência deformada. Com o tempo, Auggie vai

---

1 Reunião dos sintomas próprios de uma doença que não apresenta uma causa determinada: síndrome infecciosa, hemorrágica, tóxica. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sindrome/>. Acesso em: 24/11/2025.

2 Juízo de valor preconcebido sobre algo ou sobre alguém que se pauta em uma opinião construída sem fundamento, conhecimento nem reflexão; prejulgamento. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/preconceito/>. Acesso em: 24/11/2025.

3 Ato agressivo sistemático, envolvendo ameaça, intimidação ou coesão, praticado contra alguém, por um indivíduo ou um grupo de pessoas. Ocorre geralmente em escolas, porém pode ser praticado em qualquer outro local. Trata-se de ação verbal que pode, em situações extremas, evoluir para agressão física. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=Vxme>. Acesso em: 24/11/2025.

amadurecendo e mostrando com mais orgulho, principalmente quando ele se posiciona melhor acerca da sua inteligência, encontrando apoio e amizade.

Este filme foi escolhido principalmente por tratar-se de uma temática importante que ocorre bastante no ambiente escolar, podendo ser explorado de diversas formas para a contribuição da pesquisa, sobre assuntos relevantes para serem debatidos com os alunos, como bullying, aceitação<sup>4</sup>, preconceito e julgamentos.

O filme retrata a história de diferentes perspectivas, para interpretação melhor dos fatos que ocorrem na obra. Divididos em capítulos de Auggie, sua irmã Via, seus pais e seus colegas de escola. A fragmentação do filme de certa forma, contribui para oportunizar como é as perspectivas das pessoas ao redor de personagem principal também lidam com a situação, suas próprias inseguranças e os desafios que enfrentam em suas vidas pessoais.

Ao longo do filme, Auggie vai aprendendo a lidar com os julgamentos das outras pessoas e a perceber que sua verdadeira beleza é interior, e não física, e desta forma conquistando amigos verdadeiros e o valor que de fato importa diante da sociedade.

### **2.4.3. Estrelas Além do Tempo**

O filme Estrelas Além do Tempo é um filme de 2016, e trata-se de um drama baseado em fatos reais que conta a história de três pesquisadoras negras que trabalharam na NASA. São elas: Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson. Estas cientistas desempenharam papéis essenciais no sucesso das missões espaciais durante a corrida espacial em meados dos anos 1960, apesar do

---

<sup>4</sup> Ação de aceitar, de receber aquilo que lhe é ofertado. Ato pelo qual se aceita: aceitação da proposta. Manifestação de aprovação; anuência: o livro teve boa aceitação. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aceitacao/> . Acesso em: 24/11/2025.

racismo<sup>5</sup> e do sexismo<sup>6</sup> que enfrentaram da época, cujo a segregação<sup>7</sup> racial era presente nos Estados Unidos.

O filme se passa em uma época em que tais mulheres trabalhavam como "computadores humanos", realizando cálculos complexos necessários para a descoberta das coordenadas dos lançamentos espaciais. A história retrata principalmente o caso de Katherine Johnson, que se destaca ao ser a responsável pelos cálculos que permitiram o lançamento do astronauta John Glenn, em sua missão histórica ao espaço. Simultaneamente, o filme também mostra as lutas da pesquisadora Dorothy Vaughan, em se tornar a primeira supervisora negra da NASA bem como o seu desenvolvimento diante da revolução da computação ao aprender a dominar computadores, e também de Mary Jackson, que batalha para se tornar a primeira engenheira negra da NASA.

O filme trabalha elementos bastante relevantes que puderam ser explorados durante o estudo, como por exemplo: o racismo, o filme retrata uma época em que até mesmo os banheiros eram separados devido a segregação, além da subestimação da inteligência e da capacidade das mulheres retratadas no filme, sobre as mesmas trabalharem na NASA, em funções e atividades tão importantes e consideradas complexas, com a realização de cálculos na corrida espacial. Além de chamar a atenção da desvalorização das mulheres no meio predominantemente masculino.

Durante o filme, apesar de as adversidades essas mulheres demonstraram ser fortes, determinadas, desafiando normas sociais e morais, lutando por seu lugar em um ambiente machista e, por vezes, misógeno<sup>8</sup>. O filme destaca como, apesar de

---

5 Preconceito e discriminação direcionados a alguém tendo em conta sua origem étnico-racial, geralmente se refere à ideologia de que existe uma raça melhor que outra. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/racismo/>. Acesso em: 24/11/2025.

6 Atitude, discurso ou comportamento, que se baseia no preconceito e na discriminação sexual: a exaltação exagerada do masculino ou do feminino é uma forma de sexismo. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sexismo/>. Acesso em: 24/11/2025.

7 Ação de segregar, de separar, de isolar, de se afastar; afastamento, separação.[Sociologia] Isolamento forçado de um grupo para o afastar do grupo principal ou de outros; discriminação: segregação racial. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/segregacao/>. Acesso em: 24/11/2025.

8 Indivíduo que sente repulsa, horror ou aversão a mulheres. Disponível em <https://www.dicio.com.br/misogino/>. Acesso em: 24/11/2025.

todas as dificuldades impostas pelo racismo, machismo<sup>9</sup> e sexismo, essas mulheres conseguiram romper barreiras e alcançar grandes conquistas, fazendo história.

## 2.5. Exibição dos Filmes

Os filmes foram exibidos na sala de aula e depois as rodas de conversa na Biblioteca do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, através de uma data show e projetor. Todos os alunos que participaram compunham uma roda, sentados em cadeiras escolares, considerando que o referido Colégio não possui uma infraestrutura física para estes tipos de atividades. Os filmes foram exibidos em um período de 30 dias, com intervalos de 10 dias, entre um filme e outro. Após a exibição dos filmes, questionários que foram elaborados com perguntas de base empírica, para estimular e desenvolver as opiniões dos mesmos, foram aplicados.

Após a resolução do questionário, as rodas de conversas iniciaram-se, com o discurso introdutório da pesquisadora, e adiante as discussões dos alunos foram sendo desenvolvidas, registradas por gravações em áudio, com registros de confidencialidade no comitê de ética da Universidade Federal do Norte do Tocantins.

No quadro I, a seguir, estão elencadas as pesquisas que compunham o questionário aplicados aos alunos.

Quadro 1. Perguntas dos filmes que foram exibidos durante a pesquisa que compuseram os questionários aplicados aos alunos.

FILMES EXIBIDOS DURANTE A PESQUISA		
<b>Festa no Céu</b>	<b>Estrelas além do Tempo</b>	<b>Extraordinário</b>
Quem são os protagonistas do filme <i>Festa no Céu</i> e como suas histórias se entrelaçam?	Como o filme retrata o impacto do racismo e do sexismo nas carreiras de Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson na NASA?	Qual foi a parte do filme que mais te impactou/chamou a sua atenção?
Qual é o significado da "terra dos mortos" no filme, e como ela é representada visualmente?	Quais são as principais barreiras que as três protagonistas enfrentam para alcançar seus objetivos profissionais e pessoais?	De que maneira você poderia exemplificar a dificuldade de "Extraordinário", se relacionar com os

<sup>9</sup> Opinião ou atitudes que discriminam ou recusam a ideia de igualdade dos direitos entre homens e mulheres. Característica, comportamento ou particularidade de macho; macheza. Demonstração exagerada de valentia. Disponível em <https://www.dicio.com.br/machismo/>. Acesso em: 24/11/2025.

		seus colegas de sala, qual seria a sua sugestão para que a amizade acontecesse?
Como o conceito de vida após a morte é explorado de forma única no filme, especialmente em relação às tradições mexicanas?	De que maneira a amizade entre Katherine, Dorothy e Mary contribui para o sucesso delas dentro da NASA?	Quando os seus colegas de sala perceberam que ele era inteligente, qual foi o sentimento dos alunos na sala de aula? Se fosse você, o que você faria em relação as atitudes dos alunos?
O que representa a figura de La Muerte no filme e como ela influencia o enredo?	Como Katherine Johnson contribui diretamente para o sucesso da missão espacial de John Glenn?	No Filme, “Extraordinário”, a irmã se sentia esquecida pelos seus pais, devido ao problema de seu irmão, e a sua dificuldade em se relacionar. O que você acha sobre a atitude dela, em nenhum momento cobrar ou questionar a atenção de seus pais? O que você poderia dizer sobre isso? Já aconteceu com você? Onde e como você se sentiu?
Qual é o papel de Xibalba na trama e como suas ações afetam os personagens principais?	Como o filme representa a luta das mulheres afro-americanas por igualdade de direitos e reconhecimento durante os anos 1960?	No filme “Extraordinário”, o garoto se sente muito só, devido a sua característica física. Você já se sentiu assim? Onde e quando? Na família, no colégio ou com os amigos?
O que o filme nos ensina sobre coragem e identidade por meio da jornada de Manolo?	De que forma a tecnologia e as mudanças no campo da computação afetam o trabalho de Dorothy Vaughan e seus colegas na NASA?	Com que frequência, você se socializa com os seus colegas? Parques, cinema, show, saída para uma festa? O que você acha dessa socialização? Isto influencia na sua

		personalidade ou na sua identidade?
Como o filme utiliza a música como um elemento chave para desenvolver a história e os sentimentos dos personagens?	Quais são as diferenças e semelhanças entre os obstáculos enfrentados pelas protagonistas e os desafios enfrentados por outros personagens, como seus colegas homens brancos na NASA?	Ainda sobre o filme “Extraordinário”, de que maneira você descreveria a personalidade do menino, seu modo de pensar, de se comportar, tanto em casa como no colégio?
Quais são as principais influências culturais presentes em <i>Festa no Céu</i> e como elas impactam o design e os temas do filme?	Como o filme aborda o tema da educação e do acesso ao conhecimento, especialmente no caso de Mary Jackson, que busca avançar na carreira como engenheira?	Você se sente acolhido no Colégio, ou se sente esquecido e sem atenção, ou até mesmo discriminado pelos funcionários ou professores?
O filme trata de escolhas de vida e destino. Como as escolhas de Manolo afetam o curso de sua história?	O que o filme ensina sobre perseverança e sobre a importância de seguir os próprios sonhos, mesmo em um ambiente hostil?	No Colégio existe algum tipo de integração, entre professores e alunos? O que você acha desta proximidade, como você vê seus professores, poderia descrevê-los?
Qual é a mensagem central de <i>Festa no Céu</i> sobre amor, família e tradição?	Como as histórias de vida das protagonistas inspiram outras mulheres e minorias a buscarem carreiras em campos dominados por homens e brancos, como a ciência e a engenharia?	No seu entendimento, em relação ao seu posicionamento do diretor do colégio, no momento em que a mãe, protegia seu filho, tentando justificar o ato de discriminação e bullying, para que o mesmo não fosse transferido do colégio pelas suas atitudes, qual a sua opinião em relação a atitude do diretor, o que você faria?

Fonte: Maria Elza Peixoto (2025)

## 2.6. Rodas de Conversa

As rodas de conversa<sup>10</sup> foram realizadas após a exibição dos filmes e com as questões apresentadas aos alunos com o objetivo de promover reflexão, discussão e troca de ideias sobre os temas abordados nos filmes propostos relacionando com as vivências e as experiências dos educandos com o ambiente escolar. A dinâmica das rodas de conversa iniciou-se com a contextualização do filme, buscando a compreensão dos alunos e extraindo suas ideias iniciais acerca da temática abordada. À medida que a discussão se desenvolvia, os alunos se sentiam motivados a compartilhar suas vivências e perspectivas no ambiente escolar, em relação aos filmes, conectando-os com suas próprias experiências de vida. Esse processo permitia investigar como as perspectivas e as circunstâncias poderiam moldar as suas identidades dentro do contexto em que os alunos estão inseridos.

Após a exibição do filme, criava-se um ambiente acolhedor para que todos se sentissem confortáveis para falar sobre as temáticas tratadas, uma vez que os alunos são os atores principais neste estudo de caso. O propósito da roda de conversa era explanado, destacando que o objetivo era refletir, discutir e posicionar as perspectivas sobre os temas abordados.

Foi importante ouvir atentamente os educandos e garantir que todos os alunos tivessem a oportunidade de falar sem interrupções, mesmo aqueles que não se sentiram à vontade. Os participantes foram encorajados a falar por si mesmos, compartilhando suas vivências e experiências conforme a temática relacionada aos filmes, além de refletirem sobre os elementos que os afetaram ou que despertaram neles.

O início da discussão foi realizado por meio de questões elencadas no quadro I acima, estimulando o diálogo. A roda de conversa trata-se de um mecanismo que abriga a diversidade de opiniões, incentivando a troca de ideias o que enriquecia a discussão. As rodas de conversas foram gravadas, possuindo uma média de aproximadamente 60 minutos. Pode-se considerar que as rodas foram fluidas, leves e abertas, estimulando uma rica troca de ideias, experiências e percepções.

Durante as rodas de conversa revelou-se que os desafios que os jovens e adolescentes<sup>11</sup> enfrentam para expressar suas emoções e vivências, no ambiente escolar. Muitos dos adolescentes entrevistados demonstraram dificuldade em falar

<sup>10</sup> A Roda de Conversa, ou simplesmente “Roda”, é um instrumento pedagógico proposto e sistematizado pela autora Cecília Warschauer (2017)

sobre si mesmos, especialmente no que diz respeito as situações que os deixam felizes ou tristes, e até mesmo às experiências de discriminação.

Em vez de abordarem diretamente questões delicadas, frequentemente recorrem a expressões como “conheci alguém” ou “tenho um amigo” para evitar exposição. Essa relutância em se abrir pode estar associada ao caráter transitório e confuso da adolescência, um período marcado por intensas mudanças físicas, emocionais e sociais. Nesse momento de vida, os jovens se deparam com o desafio de construir sua própria identidade enquanto enfrentam pressões externas e internas.

A vergonha em admitir que sofreram discriminação, por exemplo, reflete tanto o medo do julgamento social quanto a dificuldade em lidar com as fragilidades próprias dessa etapa. A pesquisa, ao iluminar essas nuances, ressalta a importância de compreender o contexto escolar como um espaço não apenas de aprendizado formal, mas também de construção de identidades e fortalecimento emocional. Ela aponta para a necessidade de práticas pedagógicas que promovam o diálogo, a empatia e o acolhimento, permitindo que os adolescentes encontrem no Colégio um ambiente seguro para compartilhar suas experiências e superar os desafios de uma fase tão crucial em suas vidas.

Para compreender como os estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, discutiram os temas sobre: acolhimento<sup>12</sup>, exclusão<sup>13</sup>, pertencimento<sup>14</sup> no ambiente escolar, cultura juvenil, formação e construção de identidades, bem como temas como: bullying, racismo e machismo, a partir dos filmes, os próximos capítulos poderão contribuir para o entendimento destas questões, de acordo com as vivências, experiências e opiniões destes alunos e perspectivas dos autores acerca destes assuntos tratados.

---

11 Pessoa que está na adolescência, em transição entre a juventude e a idade adulta. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/adolescente/>. Acesso em: 24/11/2025.

12 Ação ou efeito de acolher; acolhida. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/acolhimento/>. Acesso em: 24/11/2025.

13 Ação ou efeito de excluir, de segregar, de deixar de fora. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/exclusao/>. Acesso em: 24/11/2025.

14 Ação de pertencer: sentimento de pertencimento. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pertencimento/>. Acesso em: 24/11/2025.

### **3. IDENTIDADE E DESAFIOS SOCIAIS NO COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES**

No dia 14 de março de 2024, no Colégio Estadual Adolfo Bezerra De Menezes, no período matutino, foi realizado com as três turmas das 2ª séries do ensino médio, a apresentação do Projeto de Mestrado intitulado: "Identidades e Experiências dos Jovens e Adolescentes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra De Menezes em Araguaína - TO", do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCULT, idealizado pela Mestranda Maria Elza Peixoto, sob a orientação do Professor Dr. Plábio Marcos Martins Desidério. O total de alunos participantes desta pesquisa correspondia a aproximadamente 54, em que 32 alunos eram meninas e 22 alunos eram meninos, na faixa etária de 14 a 19 anos. Para preservar o sigilo das identidades, os nomes reais dos participantes foram substituídos por códigos alfanuméricos, que não permitem a sua identificação.

O projeto consistia na exibição de filmes previamente selecionados: "Festa no Céu", que se trata de uma animação produzida por Guillermo del Toro e dirigida por Jorge R. Gutiérrez de 2014, e "Extraordinário" que se refere a um filme de drama norte-americano de 2017, dirigido por Stephen Chbosky e escrito por Steve Conrad, baseado no romance homônimo de R. J. Palácio.

O filme "Festa no céu" mostra uma mistura de elementos da cultura mexicana, acerca do Dia dos Mortos, através de uma história de amor, entre os personagens, com muitas aventuras de amizade, tradições, em busca do reconhecimento próprio sobre personalidade, sonhos, desejos e expectativas familiares.

O filme "Festa no céu", retrata a história de um jovem chamado Manolo que fica dividido, entre seguir seu sonho de ser músico ou seguir as tradições e as expectativas de sua família de se tornar um toureiro. Nesta história, ele disputa o coração de Maria, sua amiga de infância, com Joaquim, seu outro amigo de longa data, que é considerado o herói da cidade.

No filme "Festa no céu", Manolo passa por vários desafios no além, aprende importantes lições sobre coragem, sacrifício e ser fiel a si mesmo, principalmente quando reencontra seus familiares falecidos. Ele retorna ao mundo dos vivos para bloquear um atentado à cidade e, por fim, conquistar o coração de Maria, demonstrando muita coragem.

O filme “Festa no céu” traz duas vertentes: a tradição *versus* paixão, em que Manolo precisa tomar uma decisão entre seguir as tradições de sua família ou seguir o seu sonho verdadeiro. Também retrata a morte de uma forma menos brutal e triste, trazendo elementos de forma colorida e de festa, comemorando a lembrança de quem já morreu. Nele também é retratado como tema central, a coragem e o amor, entre um triângulo amoroso de amigos, com o foco principal acerca das escolhas de coragem e desprendimento.

A proposta de exibição deste filme é mostrar aos alunos, a importância de que temos que valorizar a família, os amigos, nossos sonhos, desejos e anseios em busca de nos conectarmos consigo mesmo, a fim de reconhecermos quem realmente somos, principalmente considerar a presença sempre de respeito e amor ao próximo, independente da classe social, raça ou aspecto religioso, bem como a amizade entre os próprios estudantes, dentro do ambiente escolar.

A exibição do filme foi realizada dentro da sala de aula, com o uso do data show. Logo em seguida, alguns dos estudantes que assistiram ao filme, se voluntariaram e foram para a biblioteca do Colégio, para a resolução do questionário semiestruturado. Após a resolução, houve o debate sobre o filme, concluindo com uma roda de conversa. Neste processo, participaram apenas 19 alunos, sendo 9 meninos e 10 meninas.

Nesta roda de conversa alguns dos alunos deram suas opiniões sobre o filme e falaram do que desejavam para o seu futuro. Poucos alunos comentaram sobre o filme devido a timidez e até vergonha de falar. Apesar de possuírem uma idade considerável, estes jovens ainda não se sentem confortáveis em falar em público sobre suas opiniões e suas particularidades. Diante disso, na roda de conversa alguns alunos relataram que é importante ter um projeto de vida para ter um futuro e é necessário ser corajoso e ser persistente com aquilo que acredita.

Alguns estudantes disseram, após a exibição do filme, que é neste ambiente em que eles começaram a entender o sentido de serem alguém de verdade, e que, muitas vezes é cada um por si, principalmente na hora das avaliações, porque a maioria já está pensando como será no mercado de trabalho, preocupados com as aprovações nas disciplinas. E caso, não passarem de ano, não poderão conseguir nenhum “bom” emprego. Os estudantes relataram que apesar de se identificarem com alguns de seus colegas de turma, possuírem afinidade com alguns de seus

professores, possuem o sentimento de que é realmente cada um por si, conforme a descrição abaixo:

*“professora, eu gostei do filme, mas eu acho, tipo assim, que é aqui no colégio falta muito uma parceria com os meninos, é meio que cada um por si aqui, igual a vida lá fora, porque na hora que a gente falta na aula, ninguém quer ajudar, ninguém quer passar o conteúdo, entendeu? E tem aula que é só uma vez, fica difícil de acompanhar, porque às vezes o professor falta e já quer o trabalho em cima da hora” (Aluno P, 16 anos)*

Tais relatos demonstram que, apesar de estarem inseridos no ambiente escolar em questão, os estudantes não se sentem acolhidos. O que pode ser considerado problemático, pois, um ambiente que não oferta um espaço de confiabilidade aos seus estudantes, não garante a aprendizagem.

Os estudantes se sentiram acanhados a discutir sobre as questões evidenciadas, muitas vezes porque conseguiram se identificar com os personagens ou sentiram-se envergonhados a falar sobre si mesmos, e como se sentiam diante daquela situação ou dos questionamentos propostos.

Além disso, nas discussões os estudantes alegam muito não se sentirem acolhidos e ouvidos no ambiente escolar, sentem-se presos em estarem na maioria do tempo, dentro da sala de aula, e silenciados quando tomam a iniciativa de fazer qualquer reclamação, conforme o relato da aluna a seguir:

*“eu não me sinto muito bem no colégio porque quando a gente vai fazer qualquer reclamação de alguma coisa seja de professor ou de alguém que trabalha aqui eles já perguntam porque estou fora de sala de aula? A coordenação nem sempre ajuda e defende os professores, a professora uma vez disse que nós não somos nada dentro da sala de aula, e quando eu fui reclamar lá eles não ligaram para o que eu disse. (Aluna L, 16 anos)*

Diante da fala desta aluna, pode-se perceber que ela não se sente acolhida dentro da Instituição, pois qualquer que seja suas opiniões sobre o andamento do Colégio, é como se ela não tivesse voz, não fizesse parte do processo educativo, tornando-se uma mera ouvinte, enquanto na verdade, é preciso que os alunos sejam os protagonistas desta história. É preciso repensar uma dinâmica que possa refletir na cultura organizacional, no que tange o pertencimento, acolhimento ou exclusão, sendo que o Colégio deve ser visto como um espaço de neutralidade, de inclusão, de aceitação e integração para os estudantes.

O colégio enquanto espaço de formação, deveria ser um ambiente onde o diálogo, a escuta e a construção coletiva de ideias fossem os pilares fundamentais e quando a instituição passa a silenciar os alunos diante de suas reivindicações, muito

provavelmente pode se desencadear momentos críticos de participação e pertencimento, que compromete tanto o desenvolvimento dos estudantes quanto a própria função social do colégio.

Muitos estudantes, ao tentarem expressar suas insatisfações, sentem-se desencorajados, ignorados. O que se estabelece é um ambiente instável, e muitas vezes, discriminatório, cujo o medo de se expressar, opinar e discutir substitui o diálogo, causando um desconforto que influencia no processo ensino aprendizagem, bem como a formação cultural destes jovens.

Esse silenciamento mina a confiança dos estudantes na instituição e promove a sensação de invisibilidade. Ao não serem ouvidos, os alunos sentem que suas vozes não têm valor, o que afeta diretamente sua motivação para aprender e se engajar com as atividades e projetos escolares.

Ignorar as reivindicações dos alunos é ignorar a realidade em que eles vivem. Muitas dessas demandas estão diretamente ligadas a problemas concretos, como bullying ou discriminação — que impactam o aprendizado e o bem-estar.

Além disso, esse silenciamento sistemático pode intimidar os alunos, sobretudo aqueles em situação de vulnerabilidade, que passam a evitar expor suas necessidades, dúvidas ou vivências por medo de represálias, julgamentos ou indiferença. Portanto, a negligência na escuta ativa contribui para a reprodução de desigualdades e reforça estruturas de poder assimétricas, nas quais apenas alguns têm o direito à fala e à escuta, instaurando uma cultura escolar excludente e autoritária.

Para entendermos melhor os conceitos de cultura e educação, a seguir, autores como Marques e Campos (2023), em seus estudos, buscam fundamentar e justificar tais conceitos de forma, que a escola possa contribuir e se posicionar acerca do seu papel, em prol da construção contínua e efetiva da educação.

Segundo Marques e Campos (2023) é preciso situar a escola em reconhecer o seu papel como componente fundamental nos processos de questionamento e reflexão acerca da influência da cultura na educação. Para os referidos autores, a cultura, a escola e a educação constituem, assim, elementos interligados que contribuem de maneira significativa para a apropriação e ressignificação dos conhecimentos produzidos historicamente, moldados por contextos sociais e culturais.

Marques e Campos (2023) ressaltam que a escola não apenas transmite conteúdos, mas se torna espaço de múltiplas vozes, em que diferentes perspectivas convivem, se tensionam e se articulam. A educação, portanto, assume um papel transformador, ao integrar essas diversas visões e promover a construção de significados em constante movimento.

Marques e Campos (2023) afirmam que, para compreender a influência da cultura na educação, é essencial considerar os aspectos característicos do cenário contemporâneo. Nesse contexto, a escola deve ser entendida como um produto cultural que, em diferentes momentos históricos, pode assumir posições de cultura dominante, residual ou emergente. Enquanto espaço de construção de saberes, a escola sistematiza e problematiza elementos simbólicos que se concretizam na prática educativa. Esses mecanismos, muitas vezes sutis, revelam os embates políticos, sociais e econômicos que atravessam a cultura e influenciam diretamente os processos educacionais.

Desta forma, segundo os autores Marques e Campos (2023) a cultura pode ser compreendida como um meio de autor renovação constante, uma vez que as vivências e as experiências dos estudantes, compartilhadas entre si, moldam os instrumentos para sua continuidade e mutação. No entanto, esse processo nem sempre ocorre de forma harmônica.

Sendo assim, é fundamental compreender que o Colégio, para além de seu papel de construção de valores, tratando-se de um espaço rico em práticas sociais, marcado por interações e inter-relações com o mundo. Em seu interior, ocorrem processos de pertencimento mas também de exclusão, bem como de apropriação e produção cultural, que a constitui veículos constantes de transformação e autotransformação (Marques e Campos, 2023)

Os estudos realizados no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes revelam aspectos significativos do ponto de vista do contexto cultural no qual os alunos estão inseridos, permitindo uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas socioculturais que permeiam o ambiente escolar.

Nesse cenário, torna-se evidente que a cultura escolar — composta por normas, valores, práticas pedagógicas e relações interpessoais — nem sempre acolhe plenamente os estudantes, sobretudo aqueles oriundos de contextos sociais e culturais precarizados. Em muitos casos, percebe-se um descompasso entre a cultura legitimada e valorizada no espaço escolar e as experiências, linguagens e

modos de vida que os alunos trazem consigo. Tal descompasso pode gerar processos de exclusão simbólica, silenciamento e desvalorização das identidades culturais dos estudantes.

A presença da cultura juvenil no cotidiano escolar do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, evidencia-se nas falas dos estudantes em todos os espaços do colégio, que revelam práticas, valores e identidades próprias desse grupo social, e percebe-se que a presença da cultura juvenil nestes jovens é expressada nas formas de agir relacionar e falar e mostra em suas falas que a sua cultura juvenil está presente no dia a dia deles. Representando e evidenciando o significado atribuído por eles ao seu cotidiano escolar.

As falas dos estudantes de um colégio da periferia evidenciam a presença da cultura juvenil como expressão de suas leituras de mundo. Em diálogo com Paulo Freire (1989), entendemos que a juventude interpreta e ressignifica a realidade a partir de suas vivências, de suas linguagens e de suas práticas sociais, configurando-se como sujeitos históricos em constante processo de construção. Nesse sentido, Stuart Hall (2003) contribui ao destacar que as identidades culturais não são fixas, mas dinâmicas, fragmentadas e permanentemente reconstruídas nas interações sociais.

O desejo de muitos jovens em se tornarem blogueiros ou influenciadores digitais, por exemplo, como poderemos ver a seguir em seus relatos, diante das rodas de conversa, revelam tanto a força da cultura juvenil quanto a influência das lógicas do capitalismo contemporâneo. A promessa de enriquecer rapidamente e alcançar fama instantânea, amplamente difundida pela mídia e pelas redes sociais, cria uma fantasia de sucesso desvinculada do esforço contínuo, da formação crítica e da responsabilidade ética.

Diante disso, observar a cultura juvenil no ambiente escolar, em termos gerais pode ser compreendida como uma construção social complexa. Dayrell (2007) em seus estudos, destaca que o ambiente escolar precisa ter mais atenção em reconhecer que os jovens são capazes de produzir as culturas próprias, constituídas por linguagens, estéticas e formas de sociabilidade que se manifestam no cotidiano escolar, tornando-se parte central da experiência educativa. Ademais, é preciso considerar que tais culturas juvenis não são homogêneas<sup>15</sup>. Pais (2003), destaca

---

15 De mesma ou semelhante natureza, estrutura ou função, em comparação ou em relação a outra coisa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/homogenea/> Acesso em: 24/11/2025.

que existem múltiplas juventudes, diferenciadas por classe social, gênero, etnia e território, que estes jovens residem e ocupam o Colégio de maneiras diversas, expressando as suas identidades, que são plurais e estabelecendo interações, sobre o espaço, as normas e os valores.

Para o autor Willis (1991) tais culturas também carregam uma dimensão de resistência: os jovens, por meio de gírias, estilo, músicas, entre outros fatores, demonstram modos de ocupar estes espaços escolares. Apresentam de maneira frequente contrapontos à autoridade institucional, questionando as regras e a gestão. Tais posicionamentos não pode e não deve ser observado como indisciplina, mas como uma forma de construção de sentido, identidade e pertencimento.

Desta forma, as falas dos alunos, as discordâncias diante de diversos posicionamentos do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, seja na sala de aula, horário de intervalos, gestão, logística, entre outros pontos, são fruto e reflexo das motivações e inquietações próprias destes jovens, que estão em busca desta construção cultural, inseridos no contexto escolar.

Essas constatações reforçam a necessidade de repensar o papel da escola como espaço de reconhecimento da diversidade, da escuta ativa e da construção de práticas pedagógicas que respeitem e valorizem as múltiplas formas de ser, viver e aprender. A análise no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, portanto, não apenas expõe os limites da cultura escolar em acolher a pluralidade, mas também aponta caminhos para a construção de uma educação mais inclusiva, democrática e culturalmente sensível.

Sabe-se que o colégio deveria se constituir como um ambiente acolhedor, pensado para todos os alunos. Além de questões sobre os acolhimentos, novas perguntadas foram realizadas acerca do futuro iminente na vida destes jovens e adolescentes. A maioria dos estudantes que se manifestaram, acreditam que o curso técnico é um caminho mais viável, tendo em vista a realidade de cada um, a necessidade de entrarem no mercado de trabalho.

O mundo do trabalho é um fator marcante na vida destes jovens, cujo a necessidade é algo predominantemente presente. Apesar de estarem no colégio, os alunos do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, estão totalmente inseridos no pensamento de que o trabalho é algo urgente.

Outro aluno, em meios as discussões, faz a seguinte explanação:

*“Fessora, eu só tô aqui pra terminar os estudos mesmo porque já trabalho e ganho muito bem como ‘agiota’, só estudo pra ter o segundo grau, tiro até mais dinheiro por mês que o professores... pra que estudar tanto se posso negociar e agiotar? o colégio não é prioridade. (Aluno A. L., 18 anos).*

É possível perceber que os jovens estão desacreditados em relação aos estudos. Isto tem se tornado cada vez mais evidente dentro da sala de aula, e tal desânimo tem ocasionado a evasão escolar. Isto é, sob minha perspectiva como professora, atuando há mais de 25 anos no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, consigo observar diversos fatores que incidem sobre a vida destes alunos, que naturalmente residem nas redondezas de onde o Colégio está localizado, que são zonas mais periféricas e humildes da cidade de Araguaína. A realidade destes alunos é muito dura, e o que contribuem para este agrave é a questão financeira.

A desigualdade social e econômica no Brasil impacta diretamente a forma como os jovens encaram a educação. Para muitos, estudar se torna um luxo diante da necessidade imediata de contribuir com a renda familiar. Jovens de famílias em situação de vulnerabilidade muitas vezes precisam abandonar a escola para trabalhar, priorizando a sobrevivência em detrimento da formação acadêmica. Essa realidade cria um ciclo difícil de romper, onde a falta de estudo perpétua a pobreza, e a pobreza, por sua vez, dificulta o acesso e a permanência no colégio.

Contudo, não são todos os estudantes que enxergam o Colégio desta forma. Isto é, ainda há alguns poucos alunos que, apesar das dificuldades encontradas nas suas vivências, ainda acreditam que a educação pode ser o caminho mais transformador para uma mudança de vida, pensamento e história, conforme o relato, a seguir:

*“prof o mais difícil pra mim é trabalhar e estudar, parei meus estudos quando fiquei grávida aos 14 anos e até senti falta do Colégio, pois é muito difícil cuidar de uma criança pequena, tendo que sustentar e trabalhar, pois o pai não ajuda em nada. Hoje que voltei a estudar me sinto forte em querer terminar meus estudos e me sinto acolhida pelos professores que ajudam e me dão suporte para que eu não desista dos meus estudos, hoje me sinto mais comprometida com os estudos.” (Aluna, A. J., 19 anos)*

É preciso considerar que os estudantes do Colégio Adolfo são de uma população carente e humilde, que sofre com muitas dificuldades, falta de oportunidades, acesso a esporte, cultura e artes, provenientes de uma realidade bem complicada.

Desta forma, em torno da fala da aluna supracitada, é possível observar os desafios enfrentados por jovens mães na retomada dos estudos, especialmente a

sobrecarga de conciliar maternidade, trabalho e colégio, agravada pela ausência de apoio paterno do filho gerado. Mostra, ao mesmo tempo, a força e a resiliência da aluna, que, mesmo após interromper os estudos na adolescência, retorna com mais maturidade e determinação. Destaca-se também o papel fundamental do colégio como espaço de acolhimento, apoio emocional e transformação, onde o incentivo dos professores fortalece o compromisso e a esperança da estudante em concluir sua educação e melhorar de vida.

A aluna, diante das dificuldades relata que conciliar o trabalho e os estudos é um compromisso desafiador. Diante da situação atual em que se encontra, não existem alternativas entre escolher estudar ou trabalhar, pois a mesma sentiu a falta e a necessidade de ter no mínimo o ensino médio concluído, para estabelecer garantias sobre uma melhora de vida. Este caso representa a grande maioria da realidade dos estudantes do Colégio, tendo em vista que as oportunidades, na maioria das vezes já são otimizadas para aqueles que realmente têm melhores notas. Contudo, a realidade destes estudantes os obriga a trabalhar, para contribuir com as despesas de casa, ou mesmo arcar com todas as despesas familiares.

E apesar de, este mundo do trabalho ser mutante, e criar novas profissões ainda há muitas cobranças no mercado até que se consiga construir uma carreira profissional, que exige dedicação e não uma divisão entre trabalho e a escola, como é a realidade da maioria dos jovens do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, que tem que trabalhar para ajudar no sustento de casa.

Autores como Gomes et al. (2008) buscam justificar em seus estudos a relação entre a educação e mundo do trabalho de acordo com a realidade dos jovens brasileiros, como podemos observar a seguir.

Gomes et al. (2008), revelam que na história da educação brasileira, há uma busca pela simbiose entre educação geral e formação profissional. Embora a aplicação dessa integração nem sempre tenha sido bem-sucedida, defendia-se a cultura geral como base para a educação profissional, entendida como um elemento da personalidade humana integral, fator educativo e de socialização.

A partir de seus estudos, Gomes et al. (2008) destacam que a formação do educando envolve tanto sua preparação para a cidadania quanto sua qualificação para o trabalho, elementos que organizam a educação da juventude. Essa organização se bifurca em dois caminhos: educação geral e educação profissional. O autor explica que a divisão entre essas duas modalidades gerou uma histórica

dualidade no sistema educacional brasileiro. Ambas as modalidades devem ser complementares, pois a educação, além de proporcionar a autorrealização pessoal do educando, deve introduzi-lo nos códigos da modernidade e prepará-lo para a vida produtiva. Portanto, a educação deve estar vinculada ao mundo do trabalho e à prática social.

No que tange, ao debate sobre a educação de adolescentes e jovens, Gomes et al. (2008) abordam o tema "educação e trabalho", destacando a articulação entre a educação profissional<sup>16</sup> e o ensino médio. Eles defendem políticas públicas que busquem: expansão do ensino médio visando sua universalização, como direito básico e de cidadania; a integração entre a educação profissional e o ensino médio, com o objetivo de inserir jovens no mundo do trabalho, dentro de um contexto democrático e com foco em uma educação integral, que articule ciência, trabalho e cultura.

Essas tendências refletem o contexto político, econômico e social do Brasil e influenciam a compreensão sobre educação, trabalho e inclusão social. O Brasil vive um pleno processo de construção democrática, com crescente incorporação de segmentos mais carentes da população aos espaços de produção e consumo, além de inovações tecnológicas e reestruturação produtiva.

Para os autores, tais tendências também representam respostas aos desafios persistentes para oferecer uma educação suficiente e eficiente aos brasileiros na faixa etária de 15 a 24 anos. A extensão do ensino fundamental para nove anos, o esforço pela universalização do acesso, permanência e sucesso no ensino fundamental, embora em muitos casos ainda em caráter formal, foram conquistas significativas no quadro educacional brasileiro.

Há um esforço concentrado em políticas públicas voltadas para a universalização da educação, com o objetivo de garantir um atendimento adequado, tanto em quantidade quanto em qualidade, à população que busca educação geral e profissional de nível médio.

Na educação geral, a educação básica tem como objetivos desenvolver o educando, prepará-lo para a cidadania, fornecer-lhe meios para progredir no

---

16 A educação profissional e tecnológica (EPT) é a modalidade educacional existente no país desde 1909 e prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). A EPT se integra aos diferentes níveis de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia, e compreendem a formação inicial e continuada ou a qualificação profissional; a educação profissional técnica de nível médio, e a educação profissional e tecnológica de graduação e pós-graduação. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/ept> Acesso em: 25/11/2025.

trabalho e possibilitar o prosseguimento de seus estudos. Tudo isso deve ocorrer sob o princípio de que a educação escolar deve estar conectada ao mundo do trabalho e à prática social, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996). Após várias alterações, o Brasil parece ter consolidado, a partir do Decreto nº 5.154/0428, a prescrição de que a educação profissional de nível médio e o ensino médio devem ser articulados. Essa relação foi formalizada no Parecer nº 39/200429 do Conselho Nacional de Educação – Câmara.

Gomes et al. (2008) em seus estudos, apontam que a principal causa para a dificuldade de inserção do jovem no mercado de trabalho é a falta de informações por parte do empregador sobre a sua potencialidade ou produtividade. Tais informações, na maioria das vezes, são adquiridas à medida que o desempenho do trabalhador é observado e avaliado. Por esse motivo, as empresas preferem contratar trabalhadores que já passaram por esse estágio de avaliação, o que inclui a aquisição de hábitos de trabalho consolidados. Essa posição dos empregadores é frequentemente expressa nos anúncios de vagas de emprego, nos quais é comum a exigência de "experiência anterior na função".

Gomes et al. (2008) destacam que outro fator importante no mercado de trabalho juvenil é a rotatividade. Os jovens frequentemente trocam de emprego em busca de ocupações mais interessantes, melhor remuneradas e com maiores perspectivas de carreira. Essa rotatividade pode ter aspectos positivos, pois oferece ao jovem a oportunidade de experimentar diferentes funções antes de decidir pela carreira definitiva.

Prosseguindo na roda de conversa, os alunos continuaram a relatar sobre as suas vivências do seu cotidiano, bem como as experiências no ambiente escolar em que estão inseridos, conforme podemos observar a seguir:

*“professora, assim, eu gostei do filme, e eu acho que se eu pudesse voltar atrás eu voltaria, esse filme serviu pra mim refletir sobre minha rebeldia lá em casa com meus irmãos, minha vó, hoje eu sei que eles só querem o meu bem, mas é difícil entender a vida do jovem hoje com muitas coisas pra fazer e não ter como. Assim, quanto mais passa os anos mais a gente chega perto da morte, tipo assim, minha vó já morreu e se tivesse como voltar a ter ela junto eu não passaria tanta dificuldade como to passando, e que temos que saber escolher e aprender sim com os mais velhos porque eles sabem mais que a gente.” (Mn, 15 anos)*

A fala da aluna supracitada, principalmente quando ela cita: *“mas é difícil entender a vida do jovem hoje com muitas coisas pra fazer e não ter como”*, revela

que o inaccessível às oportunidades de esporte, cultura e lazer da cidade de Araguaína que evidencia a desigualdade social enfrentada pela maioria dos alunos do Colégio Adolfo, por não terem recursos financeiros para frequentar estes ambientes. Destaca-se que na cidade de Araguaína, as políticas públicas que viabilizam o acesso dos jovens a programações de artes, esportes e lazeres ainda são escassas. E, mesmo dentro do colégio, as atividades que são promovidas ainda são insuficientes para engajá-los ou instruí-los a construir uma bagagem cultural. Desta forma, a rebeldia é a maneira que estes jovens encontram para chamar a atenção nesta fase da vida, em que estão buscando e tentando descobrir sobre si mesmos, sobre suas identidades e a quais culturas eles pertencem.

Neste cenário, é relevante entender que a cultura da comunidade em que o aluno está inserido interfere muito no comportamento do aluno e até no desenvolvimento cognitivo desses alunos. Cada comunidade apresenta códigos e símbolos diferentes, que são construídos pelos membros do próprio grupo. Assim se entende que a cultura é composta por signos e significados.

Para entendermos melhor, estas colocações, autores como William (2011) e Marques (2023) reforçam em suas investigações que mesmo com o mundo contemporâneo ainda existe limitações na vida destes estudantes que os impedem a ter acesso a cultura, lazer, e até mesmo fazer parte de grupos relacionados aos seus desejos enquanto estudantes. E também, propõe colocações que sugerem que o Colégio, enquanto espaço acolhedor e transformador de opiniões, ainda se limita as práticas tradicionais de ensino somente na sala de aula.

Como parte do processo histórico das sociedades, educação e cultura interagem na formação de uma comunidade pulsante, latente e dotada de forte potência transformadora da realidade. Nesse contexto, a cultura passou a ser compreendida como uma força produtiva fundamental, essencial na constituição "de nós mesmos e de nossa sociedade" (Williams, 2011).

Seguindo sobre as discussões acerca do filme: "Festa no céu", o aluno faz observações acerca da exibição, posicionando suas perspectivas, relacionando como demonstrado com a sua realidade, conforme podemos averiguar a seguir:

*"Professora, eu gostei do filme, só que eu não faria o que o Manolo fez eu seguiria meu próprio caminho sem a tradição, porque a minha família não precisa repetir o passado estamos no século 21, da tecnologia e algumas coisas da minha família não me representam mais, lá em casa é cada um por si, depois que meus pais se separaram e eu de certa forma faço a*

*minha parte de filho, eu só penso em terminar os meus estudos e trabalhar ter meu próprio dinheiro.* (Tg, 2º série, 15 anos)

De acordo com a sua fala, o aluno demonstra que atualmente vivemos em um mundo totalmente tecnológico, que de certa forma, não é necessário seguir as tradições familiares, bem como destaca que dentro do seu seio familiar, é preciso que todos sejam independentes. A fala do estudante revela um processo complexo de construção identitária em meio às tensões entre tradição, rupturas familiares e transformações sociais típicas do século XXI.

É preciso destacar que a partir de suas falas, expressa-se um desejo de autonomia diante das heranças culturais e familiares que, para ele, já não representam mais sua realidade. Isto é, a ruptura com a tradição, mencionada na fala, é um indicativo de como os jovens contemporâneos têm questionado valores herdados, muitas vezes vistos como desatualizados ou incompatíveis com os contextos atuais. Esse afastamento não representa necessariamente uma negação do passado, mas pode ser lido como uma tentativa de ressignificá-lo. O jovem busca reconstruir sua identidade não a partir da repetição do que lhe foi imposto, mas por meio de escolhas próprias, ainda que essas escolhas sejam permeadas por conflitos e incertezas.

Além disso, é possível observar que a fala no que tange a experiência da separação dos pais e a ausência de uma estrutura familiar contribuem para a percepção de um ambiente afetivo fragilizado. Nessa perspectiva, o sentimento de pertencimento parece comprometido, gerando uma visão mais individualista das relações familiares. Ao dizer que "cada um por si", o estudante revela um distanciamento que pode ser tanto consequência de uma realidade emocional concreta quanto uma estratégia de defesa diante da ausência de vínculos afetivos sólidos.

Ademais, o trecho "*eu só penso em terminar os meus estudos e trabalhar, ter meu próprio dinheiro*" sinaliza um processo precoce de adultização. O jovem, possivelmente privado de uma estrutura de proteção e apoio, assume para si responsabilidades que deveriam ser gradualmente construídas. Essa urgência por autonomia financeira e independência indica, por um lado, um desejo legítimo de emancipação, mas também pode evidenciar um contexto de vulnerabilidade social, no qual o futuro precisa ser antecipado como forma de sobrevivência, que se trata da realidade da maioria dos alunos do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes.

Pode-se observar também que a fala sobre a modernização dos tempos, quando o aluno cita: *"estamos no século 21, da tecnologia"*, o estudante posiciona sua fala em um contexto de modernidade e mudanças aceleradas. Esse apontamento revela como os jovens estão conscientes das transformações culturais e tecnológicas do mundo atual e, muitas vezes, se sentem deslocados das tradições familiares que não acompanham esse ritmo. A referência à tecnologia pode ser compreendida como um símbolo de avanço, liberdade de escolha e possibilidades de reinvenção de si.

Dessa forma, a fala do estudante permite refletir sobre como a escola pode se tornar um espaço de escuta, acolhimento e debate sobre as tensões vividas pelos jovens em seus lares e comunidades. Ao invés de silenciar essas vozes, é necessário incorporá-las ao processo educativo, entendendo que elas expressam não apenas opiniões individuais, mas realidades sociais, culturais e afetivas que exigem atenção e sensibilidade por parte dos educadores.

Diante disso, a maioria de jovens de hoje, nesse processo prematuro de adultização, fazem essa escolha de trabalhar por vários motivos, como por exemplo: aspectos sociais, econômicos, e até culturais. A maioria deles vivem em famílias que apresentam dificuldades financeiras, e que precisam trabalhar cedo. Trata-se de uma necessidade e não uma escolha, a maioria dos alunos ajudam a sustentar a casa, bancar seus próprios estudos e ajudar nas contas de casa e alguns deles deixam os estudos por ser algo com retorno a longo prazo, parece menos urgente do que ter dinheiro agora.

Um jovem que precisa pagar aluguel, comida e transporte não pode esperar anos para que o estudo valha a pena. As redes sociais por exemplo o uso da internet, criaram a ideia de que é possível "ficar rico", com marketing digital, vídeos, TikTok e influenciadores. Para alguns jovens estudar parece ser lento e ultrapassado em comparação a ganhar dinheiro de forma mais fácil. Podemos observar a fala da aluna a seguir, que se trata destas colocações:

*"Professora eu quero ser blogueira fazer marketing como as meninas do TikTok, muitas delas dizem bobagens e tem diversos seguidores ganham dinheiro com um canal e eu vou fazer isso, ficar trabalhando o mês inteiro pra ganhar um salário mínimo? é muito triste eu vou ganhar dinheiro com a internet."* (Ls, aluna da 3ª série 16 anos.)

No Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, muitos estudantes demonstram que o prestígio digital, que geralmente é medido em curtidas, seguidores ou visualizações podem parecer ter mais valor para eles do que o reconhecimento escolar. O autor Han (2018), versa em seus estudos que a busca por engajamento rápido acaba enfraquecendo a reflexão crítica, e desta forma impacta diretamente no interesse pelo ensino. Diante desta problemática, Zuboff (2020) aponta em seus estudos, que as redes funcionam para gerar lucro com dados e comportamentos, e, nesse processo, a educação acaba ficando em segundo plano. Seguindo Bourdieu (1989), pode-se dizer que hoje os jovens constroem novas formas de prestígio fora da escola, baseadas na visibilidade digital, e não no aprendizado. Giroux (2009) e Kellner (2001) lembram que a juventude é cada vez mais moldada por essa cultura midiática, marcada pelo consumo e pelo espetáculo. No caso do Adolfo Bezerra, isso se soma às dificuldades de espaço físico e de acolhimento, fazendo com que muitos alunos se sintam mais pertencentes às redes sociais do que à escola, o que desvaloriza ainda mais a função educativa da instituição.

A fala da aluna revela profundas transformações nas formas como os jovens contemporâneos têm se relacionado com o mundo do trabalho, com a tecnologia e com seus próprios projetos de vida. A opção declarada por uma carreira de influenciadora digital evidencia como a internet se tornou um espaço legítimo de projeção de futuro. Para muitos adolescentes, a lógica da visibilidade nas redes sociais representa não apenas um caminho possível, mas desejável para o sucesso pessoal e financeiro.

Esse desejo está associado à percepção de que o reconhecimento e a ascensão social podem ser mais acessíveis no ambiente digital do que nos caminhos tradicionais oferecidos pela escola e pelo mercado de trabalho formal. Simultaneamente, a referida fala expressa uma forte crítica ao trabalho convencional, simbolizado aqui pelo salário mínimo. Para ela, a ideia de trabalhar intensamente durante todo o mês para receber um valor tão baixo é sinônimo de frustração e desvalorização. Essa percepção revela um desencanto com o modelo clássico de emprego, refletindo a precarização das relações laborais e a ausência de perspectivas atrativas no mercado para muitos jovens, especialmente os de classes populares.

Outro ponto de destaque é a menção às influenciadoras que “*dizem bobagens*” e, ainda assim, acumulam seguidores e renda. Isso aponta para uma contradição vivida pela juventude: a valorização do entretenimento superficial em detrimento de conteúdos críticos ou educativos. A crítica implícita ao tipo de conteúdo consumido nas redes revela certa consciência sobre os limites da cultura digital, embora não impeça o desejo de participar dela. Essa ambiguidade mostra que os jovens não são apenas passivos diante das redes, mas sim agentes que também questionam, observam e escolhem com base nas possibilidades oferecidas.

Para o autor Erikson (1968) a adolescência é a fase do desenvolvimento psicossocial caracterizada pela busca de identidade versus confusão de papéis. Em seus estudos, o autor afirma que "a adolescência é o momento em que o indivíduo procura uma identidade própria, distinta da identidade dos pais e da sociedade, e busca um papel que lhe seja pessoalmente significativo". Esse processo envolve a experimentação de diferentes papéis sociais e a construção de uma identidade única. A fala de Lais reflete essa busca por identidade e autonomia, ao expressar o desejo de se tornar blogueira e ganhar dinheiro pela internet, diferenciando-se do modelo tradicional de trabalho.

Diante disso, Livingstone e Sefton-Green (2016) discutem como as redes sociais influenciam a construção da identidade dos adolescentes, o autor em seus estudos versa que as redes sociais são capazes de oferecer aos jovens oportunidades para explorar e expressar suas identidades, mas também apresentam desafios relacionados à privacidade, segurança e pressão social. A fala de Lais evidencia a influência das redes sociais na formação de sua identidade e nas escolhas profissionais, ao valorizar a popularidade e o sucesso financeiro associados à criação de conteúdo digital.

Para Koffermann e Aguaded (2023) o impacto das redes sociais no comportamento dos adolescentes, destaca que as redes sociais não apenas influenciam os comportamentos de consumo, mas também moldam as percepções dos jovens sobre sucesso, status e identidade. A fala de Lais reflete essa influência, ao associar seguidores e engajamento a dinheiro e prestígio, evidenciando uma percepção superficial do sucesso digital.

Diante desse cenário, cabe à escola refletir sobre seu papel na formação das juventudes frente à era digital. Como instituição tradicional, ela ainda tende a oferecer modelos profissionais ligados ao mérito acadêmico e ao esforço contínuo.

No entanto, falas como a de Lais mostram que há uma desconexão entre o que a escola propõe e o que os jovens desejam — e ignorar essa tensão pode gerar desinteresse, evasão e conflitos identitários.

A presença da cultura juvenil no cotidiano escolar do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, evidencia-se nas falas dos estudantes, que revelam práticas, valores e identidades próprias desse grupo social, e percebe-se que a presença da cultura juvenil nestes jovens é expressada nas formas de agir relacionar e falar e mostra em suas falas que a sua cultura juvenil esta presente no dia a dia deles. Representando e evidenciando o significado atribuído por eles ao seu cotidiano escolar.

As falas dos estudantes de um colégio da periferia evidenciam a presença da cultura juvenil como expressão de suas leituras de mundo. Em diálogo com Paulo Freire (1989), entendemos que a juventude interpreta e ressignifica a realidade a partir de suas vivências, de suas linguagens e de suas práticas sociais, configurando-se como sujeitos históricos em constante processo de construção. Nesse sentido, Stuart Hall (2003) contribui ao destacar que as identidades culturais não são fixas, mas dinâmicas, fragmentadas e permanentemente reconstruídas nas interações sociais. Assim, a análise dos discursos desses jovens permite compreender como a cultura juvenil se expressa no espaço escolar, revelando tanto processos de afirmação identitária quanto estratégias de diálogo e resistência.

O desejo de muitos jovens em se tornarem blogueiros ou influenciadores digitais revela tanto a força da cultura juvenil quanto a influência das lógicas do capitalismo contemporâneo. A promessa de enriquecer rapidamente e alcançar fama instantânea, amplamente difundida pela mídia e pelas redes sociais, cria uma fantasia de sucesso desvinculada do esforço contínuo, da formação crítica e da responsabilidade ética.

Diante disso, observar a cultura juvenil no ambiente escolar, em termos gerais pode ser compreendida como uma construção social complexa. Dayrell (2007) em seus estudos, destaca que o ambiente escolar precisa ter mais atenção em reconhecer que os jovens são capazes de produzir as culturas próprias, constituídas por linguagens, estéticas e formas de sociabilidade que se manifestam no cotidiano escolar, tornando-se parte central da experiência educativa. Ademais, é preciso considerar que tais culturas juvenis não são homogêneas. Pais (2003), destaca que existem múltiplas juventudes, diferenciadas por classe social, gênero, etnia e

território, que estes jovens residem e ocupam o Colégio de maneiras diversas, expressando as suas identidades, que são plurais e estabelecendo interações, sobre o espaço, as normas e os valores.

Para o autor Willis (1991) tais culturas também carregam uma dimensão de resistência: os jovens, por meio de gírias, estilo, músicas, entre outros fatores, demonstram modos de ocupar estes espaços escolares. Apresentam de maneira frequente contrapontos à autoridade institucional, questionando as regras e a gestão. Tais posicionamentos não pode e não deve ser observado como indisciplina, mas como uma forma de construção de sentido, identidade e pertencimento.

Desta forma, as falas dos alunos, as discordancias diante de diversos posicionamentos do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, seja na sala de aula, horario de intervalos, gestão, logística, entre outros pontos, são fruto e reflexo das motivações e inquietações próprias destes jovens, que estão em busca desta construção cultural, inseridos no contexto escolar.

Nesse sentido, é urgente que o espaço escolar amplie seus debates sobre cultura digital, economia criativa, novas formas de trabalho e também sobre valores contemporâneos como autonomia, reconhecimento e liberdade de expressão. Só assim será possível dialogar com as juventudes a partir das suas realidades, construindo pontes entre o mundo que habitam e o futuro que desejam construir.

Atualmente, muitos jovens observam pessoas da mesma faixa etária ganhando dinheiro por meio da internet, o que gera neles uma ansiedade crescente por alcançar resultados semelhantes. Diante disso, o ambiente escolar, por vezes, se mostra desconectado da realidade dos estudantes, falhando em motivá-los com conteúdo que dialoguem com seus contextos de vida. Como consequência, o ato de estudar passa a ser percebido como algo sem utilidade prática, distante do mundo real e, portanto, desinteressante.

O ensino, nesse cenário, é frequentemente associado a algo “chato” e sem propósito imediato, ao passo que o trabalho, mesmo que exaustivo, oferece resultados visíveis e mais rápidos. Isso leva muitos jovens a considerarem os estudos como um mau investimento de tempo, uma vez que, na percepção deles, dificilmente resulta em uma oportunidade concreta de emprego. Além disso, a realidade do mercado de trabalho atual reforça essa visão: é comum ver pessoas formadas enfrentando o desemprego ou ocupando postos subvalorizados. Essa constatação contribui para uma sensação de frustração e leva os jovens a

reorientarem seus objetivos, priorizando a inserção direta no mercado de trabalho em detrimento da formação acadêmica. A fala do estudante a seguir, proferidas nas rodas de conversas, reforçam tais ideias:

*“Professora eu que não vou ficar 4 ou 5 anos em uma faculdade e depois não ter emprego vejo muita gente formada e sendo caixa de supermercado, ganhando pouco e trabalhando até final de semana eu acho que é sorte hoje em dia estudar se formar e passar em um concurso, só que eu não posso contar com a sorte que contar eu só posso contar comigo mesma penso em terminar o ensino médio já está bom, e arrumar um emprego logo, e quem sabe até fazer uma faculdade no futuro ou um curso técnico pra poder melhorar o sustento de casa, mais com o ensino médio eu arrumo um emprego”. (Cn, 17 anos, 3ª série)*

A fala da jovem Cn, estudante da 3ª série do ensino médio, traz à tona reflexões profundas sobre os dilemas enfrentados pela juventude contemporânea diante do sistema educacional e do mercado de trabalho. Ao afirmar que não pretende investir quatro ou cinco anos na faculdade devido à observação de pessoas formadas que, mesmo assim, trabalham em ocupações precárias, ela expõe uma crise de confiança na promessa tradicional da educação superior como caminho seguro para o sucesso profissional.

Essa desvalorização da formação acadêmica formal não é um fenômeno isolado, mas está diretamente relacionada à precarização crescente das relações de trabalho no Brasil e em diversos países, onde diplomas deixam de garantir estabilidade, boas condições salariais ou ascensão social. A realidade vivida por muitos jovens e adultos formados, que ocupam postos considerados subqualificados, evidencia um descompasso entre as expectativas geradas pela escola e a realidade do mercado, alimentando um sentimento de frustração e desencanto.

Além disso, Cn expressa uma percepção da sorte como um fator decisivo no sucesso profissional, ressaltando que “estudar, se formar e passar em um concurso” hoje depende muito do acaso. Essa visão traduz a insegurança estrutural e a vulnerabilidade que marcam a trajetória dos jovens em um cenário socioeconômico marcado por instabilidade, falta de oportunidades e um sistema que nem sempre oferece suporte efetivo para a inserção qualificada no trabalho.

Entretanto, diante dessa conjuntura adversa, a estudante adota uma postura de autonomia e responsabilidade individual, afirmando que só pode contar consigo mesma. Tal auto-responsabilização revela como, em contextos de insuficiência

institucional, os jovens se veem obrigados a buscar estratégias próprias para garantir sua sobrevivência e seu desenvolvimento, o que pode ser tanto uma expressão de resiliência quanto um indicativo da ausência de redes de apoio efetivas.

A prioridade dada à conclusão do ensino médio e à busca rápida por emprego evidencia a urgência que muitos jovens sentem diante da necessidade imediata de contribuir para o sustento familiar e conquistar independência financeira. Essa demanda por resultados a curto prazo frequentemente impõe limitações aos projetos educativos mais longos e à possibilidade de formação continuada, indicando uma tensão entre o ideal educativo e as condições práticas vivenciadas.

Segundo Araújo e Sarriera (2004), muitos jovens frustram-se em suas expectativas de ingresso e estabilidade rápida no mercado de trabalho após a graduação, necessitando reformular seus projetos de vida, adotando outras trajetórias, como a opção de um novo curso universitário ou a aceitação de um emprego de menor remuneração para aquisição de experiência.

A crítica ao trabalho formal, associando-o a "ganhar pouco e trabalhar até final de semana", sugere uma visão de desvalorização das oportunidades econômicas tradicionais. Essa perspectiva pode estar relacionada à busca por maior autonomia e insatisfação com modelos de trabalho convencionais, conforme discutido por Camarano et al. (2004), que destacam a complexidade da transição da universidade para o mercado de trabalho, considerando fatores como classe social, redes de relações sociais e expectativas pessoais.

A ideia de que "estudar, se formar e passar em um concurso é sorte" reflete uma visão de meritocracia distorcida, onde o sucesso é atribuído à sorte e não ao esforço e planejamento. Essa concepção pode ser influenciada por fatores socioeconômicos e culturais que moldam as expectativas dos jovens em relação ao futuro profissional, como apontado por Vieira et al. (2019), que discutem as percepções de jovens sobre o mundo do trabalho na atualidade, ressaltando a necessidade de aprofundamento da categoria "formação humana" como processo de desenvolvimento.

Por fim, a decisão de "terminar o ensino médio já está bom, e arrumar um emprego logo" evidencia uma escolha pragmática, influenciada por fatores econômicos e familiares. A busca por estabilidade financeira imediata é uma realidade para muitos jovens em contextos de vulnerabilidade social, onde a pressão

para contribuir com a renda familiar pode antecipar o ingresso no mercado de trabalho, conforme discutido por Vieira et al. (2019).

Ainda assim, a estudante não descarta completamente a continuidade dos estudos, mencionando a possibilidade de fazer uma faculdade ou um curso técnico no futuro, o que demonstra uma certa flexibilidade e pragmatismo na construção de seus planos de vida. Essa postura reflete as novas formas de trajetória educacional que se distanciam do percurso linear tradicional, adaptando-se às circunstâncias pessoais e sociais dos jovens.

Por fim, a fala da aluna evidencia o conflito entre as expectativas pessoais e a realidade social e econômica que delimita suas escolhas e oportunidades. Essa tensão é central para compreender os desafios da juventude atual e aponta para a necessidade urgente de políticas educacionais e sociais que dialoguem com as demandas reais dos jovens, ampliem suas possibilidades de formação e inserção no mercado de trabalho, e fortaleçam as redes de apoio para que não precisem depender exclusivamente da “sorte” ou da própria capacidade individual.

Seguindo com as rodas de conversa, outro estudante levantou pontos interessantes que foram surgindo em meios as discussões sobre o filme, como pode-se observar a seguir:

*“Professora, a minha mãe criou eu e meus 5 irmãos fazendo faxina e ela sempre me levava com ela pra aprender e ajudar nas faxinas, ela não estudou tem apenas a 4 série e eu via o esforço dela, ela levantava bem cedo fazia o café pra nos deixava a gente no colégio, e depois eu voltava pegando meus irmãos menores na creche, e ia pras faxinas, eu cresci vendo isso todos os dias, ela ganha bem hoje mais naquela época quando a gente era pequeno era muito pouco, hoje eu estudo e faço faxina, tenho minhas próprias casas pra limpar, a minha mãe tem casa própria e meus irmãos ajudam ela também em casa e também nas faxinas eu penso em montar uma empresa de limpeza pra poder aperfeiçoar, estamos juntando o dinheiro pra podermos fazer isso eu e um dos meus irmãos, porque hoje minha mãe sofre da coluna e aposentou acho que isso é tradição, nesse caso eu não vou precisar estudar muito não.” (Jd 18 anos).*

Diante da fala da aluna, é possível observar como a falta de acesso à educação formal e a condição socioeconômica da família moldam suas perspectivas de futuro. A partir do exemplo de sua mãe, com baixa escolaridade e submetida a um trabalho pesado e informal, é um exemplo claro de como as desigualdades estruturais limitam as oportunidades de ascensão social. O ciclo de trabalho braçal e pouca escolaridade tende a se repetir, mantendo a família presa a um contexto de vulnerabilidade.

Além disso, a estudante demonstra um entendimento limitado sobre o papel da educação, ao afirmar que “não vai precisar estudar muito” para seguir no ramo da limpeza. Isso pode refletir uma visão influenciada pela realidade imediata, em que o estudo é subestimado por parecer desconectado da possibilidade de melhoria real na vida. Essa percepção aponta para a necessidade de discutir o valor da educação enquanto ferramenta de transformação social e econômica.

Outro ponto problemático é a sobrecarga de responsabilidades que a estudante carrega desde muito jovem, conciliando estudos, trabalho e cuidados com os irmãos. Essa condição pode afetar seu desenvolvimento acadêmico e pessoal, e mostra como desigualdades familiares geram desafios extras para jovens em contextos de baixa renda.

Por fim, o desejo de empreender na área de limpeza demonstra a força e o protagonismo de Jordana e sua família para romper o ciclo de precariedade. Contudo, para que esse projeto seja viável e sustentável, é fundamental que haja acesso a recursos, capacitação e políticas públicas que apoiem o empreendedorismo popular e o reconhecimento do trabalho como um caminho digno para o desenvolvimento.

Segundo Branco (2003) em seus estudos, revelam que as práticas vindouras das famílias, como por exemplo esta prática de ajudar a mãe, aprender tarefas domésticas e participar do trabalho remunerado desde cedo configura um exemplo de trabalho infantil em contexto de aprendizagem familiar, embora orientado para o fortalecimento da autonomia. O autor discute que esta experiência, embora educativa, limita a percepção da necessidade de escolarização formal para determinadas atividades, reforçando a ideia de que “não vou precisar estudar muito não”.

Segundo Silva (2015), há forte tendência de reprodução social em famílias de baixa renda, em que filhos seguem carreiras semelhantes às dos pais, especialmente em atividades de baixa escolaridade e alta intensidade física. Jordana, entretanto, demonstra consciência crítica ao associar a experiência prática ao empreendedorismo (“penso em montar uma empresa de limpeza”), sinalizando estratégias de mobilidade social ascendente, alinhadas a perspectivas contemporâneas de educação empreendedora como forma de transformar experiências familiares em oportunidade econômica (Drucker, 2006).

Por fim, é possível problematizar a visão de que “não preciso estudar muito”. Estudos em sociologia da educação indicam que a escolarização formal amplia significativamente as possibilidades de inserção profissional, acesso a recursos e consolidação de autonomia econômica, mesmo em profissões tradicionalmente associadas à aprendizagem prática (Freire, 1996).

A fala, portanto, revela um tensionamento entre tradição, experiência prática e valorização da escolaridade, refletindo desafios contemporâneos de jovens de famílias de baixa renda que buscam equilibrar aprendizado prático e educação formal para alcançar maior segurança econômica e bem-estar familiar.

Diante disto, é preciso olhar a escola, como uma saída para melhorias na vida destes jovens, uma vez que a mesma se trata de um espaço de saber. Para Marques e Campos (2023) olhar para a escola, enquanto o espaço de desenvolvimento intelectual e cognitivo, percebe-se que ela convive com essa dinâmica cultural e, constantemente, se reconstrói a partir dela. A instituição escolar, portanto, não apenas reflete a cultura em que está inserida, mas também atua como agente na sua resignificação, sendo atravessada por múltiplas influências históricas, sociais e simbólicas.

Ademais, é preciso pensar no espaço escolar como principal ambiente em que os estudantes estão inseridos, os que autores podem conduzir como territorialidade. Autores como Correa, Carrano buscam justificar e fundamentar melhor tais conceitos, acerca das vivências e experiências vividas pelos estudantes do Colégio Adolfo, uma vez que os mesmos afirmam que: Cultura, identidade e representação podem ser consideradas como elementos da territorialidade.

Côrrea et al. (2021) investigam as interações entre territorialidade e educação, destacando a escola como um espaço territorial dotado de múltiplas dimensões – físicas, simbólicas e políticas. Corrêa et al. (2021) versam que a escola deve ser compreendida não apenas como um espaço físico de ensino, mas como um território socialmente construído, permeado por relações de poder, cultura e identidade, que influencia e é influenciado por todos os que o habitam.

Autores como Raffestin, Haesbaert, Santos, Claval, apresentam a territorialidade como um elemento cultural complexo, construído por meio de vivências, relações sociais e simbologias. No ambiente escolar, isso se expressa na maneira como diferentes sujeitos – professores, alunos, gestores e famílias – apropriam-se do espaço, o significam e o transformam.

Desta forma, amplia-se a visão acerca do entendimento tradicional de território, indo além do controle geográfico ou institucional, para compreendê-lo como espaço afetivo, político e identitário. Isto é, revela-se que a escola, como território, é lugar de disputa simbólica, em que ideologias, saberes e valores se confrontam e coexistem. (Côrrea et al. 2021)

Para Côrrea et al. (2021) a influência sobre os atores escolares, especialmente os alunos é mostrar que os alunos são sujeitos ativos na construção da territorialidade escolar. Eles não apenas ocupam o espaço escolar, mas o vivem, ressignificam e contestam. Carregam consigo múltiplas experiências territoriais (família, comunidade, internet, etc.), o que os insere em uma realidade multiterritorial. Tais experiências interferem diretamente em sua formação cultural, identidade e pertencimento. A escola, ao reconhecer (ou não) essas diferentes territorialidades, pode incluir, acolher e valorizar, ou, ao contrário, excluir, silenciar e marginalizar.

Vale ressaltar que as vivências dos estudantes do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes são bastante plurais, em que cada um deles apresenta em sua particularidade, bagagens culturais que ainda estão sendo construídas, e moldadas pelas relações no cotidiano escolar. Desta forma, o filme “Festa no céu” enquanto instrumento de linguagem que melhor se assemelha para os estudantes, pois é uma vertente cultural em que eles têm acesso, é capaz de instigá-los a falar sobre sua experiência adquiridas e que também estão sendo transformadas. Outro filme também foi apresentado, de forma a identificar e a investigar os processos formadores das culturas, vivências e das identidades destes estudantes.

No dia 20 de maio de 2024, no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, foi realizada a exibição do filme “*Extraordinário*” com a turma da 3ª série do Ensino Médio, no turno matutino. Estavam presentes cerca de 34 alunos, sendo 20 meninas e 14 meninos. Essa atividade integrou uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é estudar aspectos relacionados à formação das culturas juvenis dos estudantes no ambiente escolar.

O filme, baseado no romance homônimo de R.J. Palacio, foi exibido em sala de aula. Em seguida, os estudantes se dirigiram à biblioteca, onde responderam a um questionário semiestruturado. Logo após, ocorreu uma roda de conversa sobre os temas abordados na obra. Dentre os 34 alunos, apenas 15 participaram da

discussão — 10 meninas e 5 meninos. Os principais temas debatidos foram: aceitação, empatia, bullying, inclusão e superação.

A escolha do filme se justifica por seu conteúdo sensível e profundo. *O filme "Extraordinário"* conta a história de Auggie Pullman, um garoto de 10 anos com uma síndrome genética rara chamada Síndrome de Treacher Collins, que causa deformações faciais. Após ser educado em casa por sua mãe, Auggie enfrenta o desafio de frequentar uma escola regular. A narrativa acompanha seu processo de adaptação, amadurecimento e autoconhecimento — não apenas para ele, mas também para seus colegas, professores e familiares.

Inicialmente, Auggie sofre rejeição por conta de sua aparência. Muitos alunos evitam sentar perto dele por ser "diferente". Com o tempo, no entanto, ele passa a ser reconhecido por sua inteligência, simpatia e dedicação, conquistando o respeito dos colegas. O filme aborda, de maneira sensível, temas como preconceito, empatia, amizade, coragem, inclusão, diversidade e o papel da família, transmitindo uma mensagem poderosa sobre respeito às diferenças e o valor de enxergar além das aparências.

Durante a roda de conversa, os estudantes demonstraram interesse pelos temas abordados, embora alguns se mostrassem tímidos para falar sobre suas próprias vivências no colégio. Ainda assim, o diálogo foi produtivo. Muitos relataram identificação com a trajetória de Auggie, relatando situações pessoais de bullying e discriminação motivadas por sua aparência, condição física, social ou religiosa.

Os relatos revelaram que a aparência ainda exerce grande influência nas relações sociais e nas oportunidades de vida, como conseguir um emprego ou ser aceito em determinados grupos. É preciso destacar que a aparência nesta fase da vida pode ser considerada uma forma de linguagem em que se busca descobrir quem é, acerca da construção das identidades. Os estudantes são jovens e ainda são imaturos diante dos desafios impostos pela sociedade, ainda não se sentem totalmente acolhidos, seja em casa, escola, grupos de amizade, e perpassam durante esse processo de forma incessante em busca de descobrir quem são.

Dando continuidade, as rodas de conversas, após o filme "O extraordinário", foram instigadas aos jovens e adolescentes, sobre as perspectivas futuras em relação a carreira, desejos e sonhos, e o quanto os estudos podem facilitar o acesso à sua realização. Os alunos consideram fazer faculdade e continuar os estudos, mas percebem que há uma grande desistência, principalmente na fase escolar, por conta

do despertencimento à comunidade, grupos sociais, não acolhimento de grupos, quando fogem-se aos padrões, levando tais indivíduos aos mecanismos de fuga, como alcoolismo, uso de drogas, prostituição, uma vez que este grupo social está inserido em condições periféricas da sociedade, transbordadas de vulnerabilidades, que fragilizam os sonhos, perspectivas e expectativas de uma vida melhor e mais saudável.

É preciso destacar que é necessário mudanças e políticas públicas que subsidiem novas estratégias para o acolhimento e transformações na vida destes jovens, de forma efetiva e não meramente política, e que forneçam bases sólidas e oportunidades igualitárias, seja na construção de caráter, índole, identidade, pertencimento e acolhimento.

Considerando as perspectivas iminentes na vida desses jovens, principalmente sobre: vestibular, maioridade, trabalho. O pensamento dos jovens sobre novos horizontes fornece informações importantes para a análise, e, portanto, utilizar-se dos filmes para estimular os discursos e opiniões sobre a construção das identidades é muito significativo.

Questionamentos foram levantados acerca dos motivos que tornaram a socialização difícil, relação com os colegas e etc. A aluna relata que:

*“foi por causa da aparência dele, que os colegas ficaram daquele jeito com ele, trataram ele mal. Porque os alunos achavam que ele era tipo um monstro, por causa do rosto dele, somente um amigo que se aproximou, porque a sua mãe o obrigou, mas depois ele se tornou amigo de verdade. Julgaram ele antes de conhecer.”*

Os educandos relatam que a dedicação do personagem, o impulsionam a torna-lo um dos melhores alunos.

*“A intensidade dos estudos em casa, deixaram ele mais inteligente, pois a educação vem de casa na verdade, mais claro a questão de aprendizado. O filme é muito interessante, como ele, aprende-se muita coisa por exemplo: respeitar e amar o próximo, também com pessoas deficientes”.*

Os relatos que a maioria dos educandos fizeram, sugerem que os fatos ocorridos em torno do filme “Extraordinário”, são presentes na realidade, não somente na ficção. Investigações são feitas sobre casos reais que se assemelha ao filme, e os mesmos dizem que já presenciaram essas situações, onde um educando relata:

*“Isso acontece muito, muitas vezes sofrem bullying e outras coisas, por características físicas que fogem ao normal, ao comum. As pessoas saem*

*com muita exclusão sobre as deficiências, às vezes a pessoa só quer conversar, ter um amigo, e ninguém chega nela devido a sua aparência.”  
E. 17 anos.*

São questionados aos alunos, durante a entrevista, se além da escola, situações semelhantes foram identificadas, presenciadas, e como se sentiram a respeito dessas ocasiões constrangedoras. Se já sentiram na pele, se já sofreram essas vergonhas.

*“Às vezes o pessoal ri de mim, só porque a minha lambreta é remendada. Eu sou pobre”. (Sr, 15 anos)*

O relato deste aluno demonstra a desigualdade social de uma forma incisiva. Os alunos que não possuem recursos para subsidiar nem mesmo o calçado para irem à escola, muitas vezes, sentem vergonha da situação de vulnerabilidade em que estão inseridos. A condição socioeconômica pode ser um fator determinante na formação das identidades destes jovens, acerca das condições que possam fugir até mesmo ao seu controle. Quando o mesmo se refere à “lambreta” trata-se do calçado que ele o utiliza para ir estudar, trabalhar, ou se locomover, etc. Isso quer dizer que, as condições financeiras também moldam as identidades destes jovens, que estão em construção.

Autores como Stuart Hall (2006), buscam fundamentar melhor tais conceitos, que são presentes nas vidas dos estudantes, acerca desta busca incessante.

Autores como Stuart Hall contribuem significativamente para a compreensão das identidades na juventude e da construção da cultura juvenil. Em seus estudos, Hall (2016) afirma que as identificações não são fixas, mas se deslocam ao longo da vida, conforme os contextos sociais nos quais estamos inseridos. Para ele, a identidade deve ser compreendida como um processo contínuo — um movimento em constante transformação. O sujeito pode assumir diferentes identidades em momentos distintos, muitas vezes de forma contraditória, múltipla e temporária, influenciado pelos sistemas de significação e representação cultural.

Nesse sentido, Hall(2006) argumenta que a ideia de uma identidade unificada e coerente é uma fantasia. A identidade cultural torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados pelos sistemas culturais. As identificações estão em constante deslocamento, e as identidades assumidas não orbitam um “eu” central e

estável, mas sim múltiplos posicionamentos, muitas vezes contraditórios entre si. A identidade, portanto, é definida historicamente — e não biologicamente.

A sociologia parte da premissa de que toda identidade é construída. A questão central está em compreender como essa construção ocorre, quais suas origens, finalidades e especificidades. Hall (2006) destaca que o conceito de identidade ainda é complexo, pouco desenvolvido e pouco compreendido nas ciências sociais contemporâneas, o que torna problemático realizar afirmações conclusivas sobre ele.

Para Hall (2006), o sujeito é formado na interação entre o "eu" e a sociedade. Ainda que exista uma essência interior — o "eu real" —, este é constantemente modificado em diálogo com os mundos culturais exteriores. Assim, as identidades culturais internalizadas se tornam "parte de nós" ao integrarem significados e valores aos nossos sentimentos subjetivos e aos lugares objetivos que ocupamos no mundo social.

Dessa forma, Hall(2006) introduz a ideia de que a identidade conecta o sujeito à estrutura social, linearizando tanto os indivíduos quanto os mundos culturais em que vivem, tornando ambos mais previsíveis e interligados. No entanto, ele também observa que essa concepção clássica de uma identidade unificada e estável está em colapso. O sujeito contemporâneo é fragmentado, composto por diversas identidades em constante disputa, influenciado por mudanças estruturais e institucionais.

Essas transformações são particularmente visíveis no contexto da modernidade tardia, na qual ocorre uma crise de identidade. Hall (2006) aponta que as velhas identidades — que antes ofereciam ancoragem estável no mundo social — vêm declinando, ao passo que novas identidades emergem, moldadas por paisagens culturais fragmentadas de classe, gênero, etnia, sexualidade, raça e nacionalidade. Isso tem abalado os quadros de referência e colocado em xeque nossa visão sobre nós mesmos enquanto sujeitos integrados.

A globalização também desempenha papel central nesse processo. A mudança nas sociedades modernas, segundo Hall, é constante, rápida e permanente. Ele retoma Marx e Engels (1973), que afirmavam que "tudo que é sólido se desmancha no ar", para ilustrar que as relações sociais e culturais estão em constante dissolução e reformulação. Nesse cenário, a modernidade é compreendida como uma forma altamente reflexiva de vida, em que as práticas

sociais são constantemente examinadas, questionadas e reformuladas diante de novas informações.

Esse processo de construção identitária pode ser observado de forma prática em experiências de campo, como o uso do cinema em atividades educativas. Os filmes, utilizados como instrumentos de reflexão, provocam questionamentos nos alunos sobre suas vivências e realidades. A partir de seus discursos e opiniões, percebe-se que suas identidades ainda estão em formação, sendo diretamente influenciadas pelos contextos socioculturais aos quais estão expostos.

Hall (2016) ressalta que a representação cultural não é uma simples reprodução da realidade, mas um processo ativo de construção de significados. Os signos culturais — imagens, palavras, gestos — são empregados para representar ideias, conceitos e experiências. Assim, os comportamentos, linguagens e gestos dos adolescentes são frutos de construções realizadas ao longo de suas experiências de convivência e inserção social.

Castells (2008) afirma:

“Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para que isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, e pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.” (Castells, 2008, p. 23, apud Pedro et al., 2009, p. 233)

O autor Castells (2008) também chama atenção para as dimensões e formas pelas quais as identidades e a cultura juvenil são processadas. Elas são construídas por indivíduos e grupos sociais que organizam significados em função de tendências sociais, projetos culturais e visões de tempo e espaço. O autor identifica três tipos de identidade: Identidade legitimadora, vinculada ao poder e à dominação; Identidade de resistência, relacionada às reações frente à lógica dominante; Identidade de projeto, associada a propostas de transformação social.

Além disso, é fundamental distinguir a identidade como algo interno e subjetivo — ligada à autoconstrução — dos papéis sociais, que operam de forma externa e conduzem o sujeito a se reconhecer na igualdade com os outros.

Castells (2008) também chama atenção para a influência da cultura e da territorialidade dos alunos na construção de suas identidades e comportamentos. Muitos adolescentes vivem em contextos familiares diversos e, por vezes, marcados

por vulnerabilidades. Alguns são criados por apenas um dos pais; outros vivem com avós ou tios, e há ainda aqueles que não conhecem o pai. Mesmo entre os que vivem com pai e mãe, não é incomum a presença de lares desajustados, afetados por violências domésticas.

Esses jovens trazem para a escola as marcas do ambiente em que estão inseridos — experiências e vivências cotidianas que influenciam diretamente em sua forma de ser, agir e se relacionar. É nesse cenário que buscam construir suas próprias identidades, procurando, muitas vezes, entender e afirmar quem são.

Alguns estudantes refletiram que, apesar das pressões estéticas e sociais, o mais importante é se dedicar aos estudos e valorizar o esforço pessoal, independentemente das características físicas. Também mencionaram que, atualmente, está cada vez mais difícil ser aceito com seus defeitos, pois as pessoas julgam pela aparência e pelo modo de vestir. Apontaram, no entanto, que atitudes como gentileza e educação podem fazer diferença.

Embora a passagem por diversas ocupações possa enriquecer a experiência do jovem, ela também traz desafios, pois a estabilidade profissional é um fator fundamental para a sobrevivência e o desenvolvimento de uma carreira no século 21. As necessidades enfrentadas por essas famílias levam à estes fatos. Na continuidade das rodas de conversas, uma aluna destaca:

*“Na minha infância, eu sofri muito bullying, nessa fase eu não me sentia bem com a minha aparência. Por causa do povo que falava de mim, mas eu tentei tratar da minha saúde mental, mas só com o tempo que você vai curando, o bullying estraga muito a pessoa”. “é, tipo assim, eu vivia numa família que era muito religiosa, que julgava que usar cabelo grande e pra menina, usar tais coisa, tipo assim, e umas coisas muito ao pé da letra, que acaba sendo preconceito e bullying. Quando é dentro de casa é pior, de acordo com o que ele falou aí” [...] “eu acho que no ponto de vista de algumas pessoas, a pessoa tem que seguir o padrão que a sociedade impõe, ser bonita de rosto, vistosa de corpo, tem um padrão, pois a maioria das pessoas, a beleza e um padrão que a sociedade impõe, para ser considerado bonito.” (Pd., 16 anos)*

O padrão de beleza atual, instituído pela sociedade também pode ser considerado um fator que influencia na formação das identidades. Segundo o relato da aluna, o bullying também está presente quando o indivíduo que não apresenta um padrão de beleza comum, idealizado como bonito ou aceitável, abre espaços para a formação de piadas pejorativas e críticas, que contribui de forma negativa à construção da personalidade deste indivíduo.

A escola, por ser um espaço de intensa interação social, exerce um papel fundamental no desenvolvimento de subjetividades, valores e formas de ver e agir no mundo. Contudo, esse mesmo território pode também se configurar como um campo de disputas simbólicas e sociais, no qual emergem entraves típicos da adolescência, como o bullying, a aversão à diversidade, a produção de preconceitos e diversas formas de discriminação.

Esses obstáculos muitas vezes são sustentados por padrões normativos que definem o que é aceito ou valorizado no ambiente escolar — padrões relacionados ao corpo, à aparência, à orientação sexual, à religião, à classe social, à etnia, entre outros. Dessa forma, jovens que não se enquadram nesses modelos hegemônicos tornam-se alvos de exclusão, violência simbólica e marginalização, o que compromete tanto seu desenvolvimento emocional quanto a construção de suas identidades, conforme apontam autores Hall (2006) e Castells (2008).

Para entendermos melhor essa problemática sobre: bullying, aceitação e exclusão, que são fenômenos bastante presentes dentro do ambiente escolar brasileiro, autores como: Silva et al. (2018), Vieira, Alexandre, Campos & Leite (2020), Santos & Junior (2014), Reis, Franciscatto, Silva, Simões & Nogueira (2016), Seixas, Fernandes & Morais (2016), Marcolino, Cavalcanti, Padilha, Miranda & Clementino (2018), Mello et al. (2017), Senra, Lourenço & Pereira (2011), Andrade & Li (2020), Brito & Oliveira (2014), Silva (2010), Santos & Kienen (2014) e Faraj et al. (2020), realizaram inúmeros estudos que buscam fundamentar a problemática da ocorrência do bullying no contexto escolar, entre outros motivos que culminam nestes problemas.

No Brasil, o *bullying* ainda se trata de um fenômeno pouco investigado e, quando estudado, são escassas as intervenções divulgadas cientificamente em língua portuguesa (Silva et al., 2018). Contudo, nada mais é do que a manifestação de atitudes violentas, intencionais e repetitivas, praticadas por uma pessoa ou grupo contra outro(s), geralmente em uma relação desigual de poder, na qual a vítima se encontra em situação de desvantagem, sem conseguir se defender, conforme definido pelos autores Vieira, Alexandre, Campos & Leite (2020).

Também pode ser denominado intimidação, assédio, ameaça ou provocação, o *bullying* pode ser identificado por ações como apelidar de forma depreciativa, ofender, humilhar, ferir, roubar, excluir, entre outras, conforme aponta Santos &

Junior (2014). Na prática, esses atos envolvem diferentes personagens: a vítima, o(s) agressor(es), as testemunhas e até mesmo a figura híbrida do agressor/vítima — aquele que sofre e também pratica o *bullying*.

As manifestações de agressividade podem assumir diferentes formas: verbal, como xingamentos e ameaças; física, incluindo empurrões, chutes e agressões corporais; relacional, com exclusões sociais, disseminação de fofocas e mentiras e sexual, envolvendo comentários e condutas de natureza sexual (Reis et al., 2016).

O bullying é um fenômeno multifatorial, relacionado a diversos fatores, como: Consumo de álcool e tabaco (Marcolino et al., 2018; Mello et al., 2017); Falta de envolvimento afetivo com os pais, ou ausência de um ou ambos (Senra, Lourenço & Pereira, 2011); Violência doméstica (Mello et al., 2017; Silva et al., 2018); Desigualdades sociais e baixo nível socioeconômico (Senra, Lourenço & Pereira, 2011).

Estudos indicam que, em âmbito global, o bullying afeta negativamente a saúde, a qualidade de vida, o desenvolvimento psicossocial e o desempenho escolar de crianças e adolescentes (Silva et al., 2018). Entre as consequências estão: medo, irritabilidade, baixa autoestima, sentimento de solidão, queda no rendimento escolar, resistência para frequentar a escola, evasão e até suicídio (Andrade & Li, 2020; Brito & Oliveira, 2014; Mello et al., 2017).

O bullying está associado a transtornos como pânico, fobia escolar e social, transtorno de ansiedade, estresse pós-traumático (TEPT) e depressão (Andrade & Li, 2020; Silva, 2010; Vieira et al., 2020). Essas consequências podem se manifestar tanto a curto quanto a longo prazo, afetando diversas esferas da vida dos sujeitos (Santos & Kienen, 2014).

Diante da gravidade do fenômeno, é essencial a implementação de ações preventivas que informem alunos, pais e professores sobre o que é o bullying, suas formas de manifestação e como agir diante de situações de violência entre pares no ambiente escolar. Considerando sua complexidade e natureza multifatorial, o enfrentamento do bullying exige medidas articuladas, contínuas e que envolvam toda a comunidade escolar (Faraj et al., 2020).

Uma aluna relata ainda sobre o filme:

*“O filme ensina muita coisa, que a gente não deve julgar as pessoas antes de conhecer, e também que você não deve falar da aparência das pessoas, eu acho que eu já sofri isso já, não gosto de comentar, prefiro ficar na minha.”*

Parte dos alunos relatam que a própria família, provoca comentários inadequados sobre muitas questões que influenciam a sua autoestima.

*“Às vezes é a avó, e a mãe, que fala qualquer coisa sobre o filho, pensando que não vai magoar. Tem pessoas que pensam que os homens são considerados mais brutos, que eles não possuem emoção, que eles não vão levar por coração. Muita gente acha que por ser família pode se falar tudo”.*

Os alunos concordam que todos os comentários, ofensas e bullying em geral afetam diretamente a personalidade, e que a família que muitas vezes deveria ser a base, é a parte que mais se ausenta, segundo relatos da aluna:

*“O meu amigo mora com a avó, e os pais dele não se importam muito, e agora ele tá indo por um caminho mal. O caminho que ele tá indo é muito ruim, tá seguindo pessoas que estão o levando, eu já dei vários conselhos, mas ele não escuta, não tem o que fazer.”*

O colega complementa:

*“Eu tenho o meu irmão que mora com outra irmã dele, mas ele já me falou que na rua, seria melhor que dentro de casa, é muito problemas, minha irmã enfrenta muitos problemas e desconta nele. O desestresse dele é os amigos na rua, pra ficar melhor, de boa, sobre essas questões.”*

Após os apontamentos dos alunos, acerca de diversas pessoas conhecidas que estão seguindo o “caminho errado” questionou-se o que exatamente tratava-se. Os alunos comunicam que é o uso de drogas, cigarro, alcoolismo, e que a família, em muitos casos, não está por perto para ajudar.

Segundo consta:

*“Já presenciei muitos casos, de mãe ausente, mas a mãe não se importa com o seu filho, e daí ele procura uma fuga. Tinha uma amiga que não respeitava ninguém, a única pessoa que ela respeitava era a mãe dela”.*

Foi perguntado aos alunos durante as entrevistas em relação ao filme O Extraordinário possuir um final de superação, cujo o personagem começa a se aceitar melhor acerca da sua aparência e percebe que o amor das pessoas ao seu redor é o que de fato importa, se os mesmos imaginavam que esses acontecimentos ocorriam na realidade. O aluno relatou:

*“Depende. Depende muito do querer da pessoa, querer se resolver, tem que se resolver conversando, concordando, sem fofquinha de longe, não resolve. Muitas pessoas têm a mentalidade fraca, outras mais espertas, tem que ter um preparo, sobre os acontecimentos. Ter a mentalidade fraca e se importar com qualquer coisinha, se sentir segura consigo mesma. Por*

*exemplo, eu tenho uma amiga que é atendente e sofre muitos problemas no trabalho, ouve muito desaforo de cliente, e ela diz que está cansada”.*

Uma das alunas, socializa sobre as circunstâncias que sofreu em relação ao filme:

*“Eu superei tipo assim, eu tava meio que entrando na depressão, eu era muito igual ao personagem do filme, eu era muito excluída, eu me sentia muito triste, minha mãe não era muito presente. nesse tempo minha mãe se mudou e me ajudou, sempre precisa de alguém pra ajudar. Se não a pessoa vai sempre ficar naquele caminho, você não sai daquele caminho, eu também fui na psicóloga desabafar dos meus problemas”.*

Nota-se certa resistência dos alunos em relação à discussão dos temas após a exibição dos filmes. Os alunos sempre resgatam os temas, como bullying, preconceito, entre outros casos, como fatos que aconteceram com colegas ou amigos, que são conhecidos, mas nunca como se eles mesmo não tivessem sofrido tais situações. É preciso analisar que apesar de conhecerem e identificarem essas situações problemáticas, os alunos preferem não se incluir como protagonistas nessas circunstâncias, seja por medo ou vergonha.

Nas rodas de conversas, os educandos sentem receio de discutir tais temas, como se fossem tabus. Pode-se avaliar que estes temas provocam gatilhos ou desconfortos diante de discussões. São temas que são presentes na sua realidade ou cotidiano, eles lidam com esses acontecimentos com frequência, contudo, não discutem acerca do assunto.

Dando continuidade nas rodas de conversas acerca do filme “Extraordinário”, os relatos dos alunos retrataram temas muito recorrentes no ambiente escolar, conforme podemos observar a seguir:

*“Professora eu sofri bullying quando eu fui pra 7º serie devido o meu cabelo ser afro eu tinha ele bem curto por eu parecia homem a minha mãe cortava no tronco porque dava muito trabalho eu não gostava do meu cabelo, até que um dia eu resolvi fazer umas tranças nele e ele foi crescendo e com o tempo a minha mãe e fomos fazendo as tranças para pode deixar ele todo arrumado, foi ai que os meus colegas de sala começaram até acha bonito, hoje eu acho lindo o meu cabelo afro porque a mídia mostra como podemos usar os cabelos afro e tem muitos produtos para o meu tipo de cabelo hoje eu posso dizer que superei essa fase mais não foi facil.” (Jl 17 anos, 3º serie)*

A fala da estudante demonstra algumas marcas deixadas por um processo de violência e racismo, que se expressa por meio do bullying sofrido em razão de sua estética negra — mais especificamente, de seu cabelo afro. A rejeição vivida pela jovem no contexto escolar não é apenas um episódio isolado de ofensa, mas o

reflexo de um sistema que historicamente inferioriza corpos e traços negros, impondo como norma os padrões estéticos eurocentrados.

Segundo Bento (2002), a discriminação racial não se restringe a ofensas explícitas, mas se manifesta também em formas sutis de rejeição e inferiorização de características físicas associadas à negritude, como o cabelo crespo. Nesse sentido, a experiência da estudante evidencia como a escola, que deveria ser espaço de acolhimento e valorização da diversidade, ainda reproduz padrões eurocêtricos de beleza e identidade.

A transformação da relação de JI com seu cabelo, quando passa a adotar tranças e reconhecer a estética afro como expressão de beleza, insere-se no movimento de ressignificação cultural e política da identidade negra. Gomes (2008) afirma que o cabelo, para sujeitos negros, é carregado de significados sociais e históricos, sendo também um símbolo de resistência diante das pressões de assimilação cultural. A valorização midiática recente do cabelo afro e a ampliação do mercado de cosméticos voltados para esse público, mencionados pela estudante, são conquistas do movimento negro e das lutas identitárias, embora ainda coexistam com práticas de exclusão.

Além disso, o bullying vivenciado pela aluna reflete um fenômeno social mais amplo. Para Abramovay e Rua (2002), a violência simbólica e psicológica sofrida por estudantes negros compromete sua autoestima e permanência escolar, reforçando desigualdades estruturais. Dessa forma, a superação relatada por JI não deve ser interpretada como um processo individual apenas, mas como parte de uma dinâmica social de enfrentamento ao racismo.

Diante disso, cabe à escola e aos professores assumirem um papel ativo na promoção da educação antirracista, prevista na Lei 10.639/2003, que determina o ensino da história e cultura afro-brasileira. Como defende Cavalleiro (2001), somente por meio de práticas pedagógicas conscientes e inclusivas será possível combater o preconceito racial e valorizar as identidades negras, evitando que estudantes como Juliana precisem atravessar processos dolorosos de exclusão para, só depois, afirmarem sua identidade.

Ao afirmar que não gostava do próprio cabelo e que a mãe o cortava “no tronco” por ser difícil de cuidar, a jovem revela como o racismo é também internalizado dentro das famílias negras, muitas vezes como mecanismo de sobrevivência social. O desejo de “domar” o cabelo afro pode ser entendido como

tentativa de proteção contra o preconceito, ainda que essa prática acabe reforçando a desvalorização das características negras.

Contudo, a trajetória de JI também evidencia um processo de resistência e transformação. A decisão de trançar os cabelos marca o início de uma reconexão com sua ancestralidade e identidade racial. As tranças, enquanto expressão cultural afrodescendente, tornam-se instrumento de empoderamento e valorização de si. O olhar dos colegas, antes carregado de preconceito, começa a se alterar, mostrando como a autoaceitação também pode provocar deslocamentos nos olhares sociais — ainda que, muitas vezes, superficiais ou condicionados a modismos estéticos.

Outro ponto relevante é o papel da mídia na reconfiguração da autoimagem de JI. Ao reconhecer que hoje ama seu cabelo afro “porque a mídia mostra como podemos usar”, a jovem aponta a importância da representatividade negra nos meios de comunicação. No entanto, essa dependência da validação midiática também pode ser vista de forma crítica: a aceitação de traços negros ainda se dá sob condições, dentro de certos formatos “palatáveis” ao mercado e à lógica do consumo. O risco está em que essa valorização seja passageira, superficial ou limitada às estéticas tidas como “aceitáveis”.

A fala de JI nos leva, por fim, a refletir sobre o papel da escola na formação (ou deformação) das subjetividades juvenis. Em vez de ser espaço de acolhimento, pertencimento e valorização da diversidade, a escola foi, para Juliana, um ambiente de exclusão e dor. Isso evidencia a urgência de práticas pedagógicas antirracistas que questionem os padrões hegemônicos e promovam o respeito às múltiplas formas de ser, existir e se expressar — especialmente no que diz respeito à juventude negra.

Portanto, a história da jovem revela mais do que uma experiência pessoal: denuncia uma estrutura social que ainda oprime corpos negros e desafia educadores e sociedade a construir espaços verdadeiramente inclusivos, onde o cabelo afro não seja motivo de vergonha, mas símbolo de orgulho, história e identidade.

Outro relato, surgiu em meio as discussões, conforme podemos ver a seguir:

*Professora hoje eu superei o bullying que eu sofri na época do ensino fundamental eu tenho uma deformidade na orelha por ser de abano eu me identifiquei com o menino o personagem Auggie, na época eu tinha vários apelidos era dos meus próprios colegas de sala e da minha família, eu me sentia muito mal e me escondia usava até um boné pra não aparecer, só*

*que as vezes não dava pra disfarçar, depois de um tempo eu comecei a aceitar na minha situação e depois eu fiz cirurgia mais eu sofria muito pra disfarçar e até as vezes não me socializava perdi muita coisa por ter aquela orelha, festas, passeios, hoje eu depois da cirurgia consegui fazer novas amizades e posso dizer que sou feliz. (J. C., 18 anos).*

O relato do Aluno J. C. expõe com crueza os impactos devastadores do bullying na formação identitária de sujeitos que fogem dos padrões hegemônicos de aparência. A deformidade na orelha, longe de ser um impedimento funcional, torna-se alvo de ridicularização e rejeição em espaços que, idealmente, deveriam ser protetivos: a escola e a família. O que está em jogo aqui é a naturalização da estética normativa como critério de pertencimento social, o que reforça hierarquias de valor entre os corpos.

J. C. evidencia a complexidade do bullying direcionado a características físicas, como a deformidade na orelha, revelando como padrões sociais de beleza e normalidade podem se transformar em instrumentos de exclusão. Segundo Fante (2005), o bullying se caracteriza por práticas repetitivas de agressão verbal, física ou psicológica, geralmente em ambientes escolares, que afetam profundamente a autoestima e a saúde emocional das vítimas. O fato de o estudante ter sido apelidado por colegas e até por familiares demonstra a extensão do problema, que ultrapassa os muros da escola e adentra o espaço doméstico, perpetuando o sofrimento.

A dificuldade de socialização mencionada pelo aluno, bem como o uso de estratégias de ocultação (boné, isolamento, ausência em festas e passeios), refletem os impactos do bullying sobre a construção da identidade e do desenvolvimento socioemocional.

Abramovay e Rua (2002) destacam que a violência simbólica e psicológica no ambiente escolar pode gerar evasão, retraimento e baixa autoestima, comprometendo a trajetória de vida dos sujeitos.

A cirurgia reparadora aparece no relato como um marco de superação, mas não pode ser compreendida como a única solução para o problema. Ainda que tenha possibilitado ao estudante novas amizades e maior aceitação pessoal, é necessário reconhecer que a busca pela intervenção cirúrgica foi resultado de um contexto social de rejeição e de estigmatização.

Como aponta Goffman (1988), a sociedade tende a classificar corpos considerados “diferentes” como portadores de estigma, o que gera exclusão e discriminação, reforçando padrões normativos de aparência.

O processo de superação, portanto, não se limita ao aspecto individual. Trata-se de uma questão social e educacional que exige da escola políticas efetivas de enfrentamento ao bullying e valorização da diversidade. Para Fante e Pedra (2008), a educação deve assumir um papel ativo na construção de ambientes acolhedores, que promovam a empatia, o respeito e a convivência com as diferenças. Somente assim será possível evitar que jovens como J. C. sejam privados de experiências fundamentais de socialização e desenvolvimento devido ao preconceito e à exclusão.

A escola, como instituição que deveria acolher a diversidade e educar para o respeito mútuo, mostra-se cúmplice ao permitir ou não intervir nas violências simbólicas sofridas pelo estudante. Quando o bullying é ignorado ou relativizado, ele deixa de ser um problema individual e passa a ser um sintoma de uma cultura escolar falha, que ainda reproduz opressões sociais em vez de combatê-las. Isso evidencia a necessidade urgente de políticas pedagógicas que trabalhem a alteridade, os direitos humanos e a educação emocional de forma transversal.

A situação é agravada quando a violência simbólica é reiterada no âmbito familiar. A família, espaço de afeto e proteção, aparece no relato como fonte de zombarias — o que escancara o despreparo para lidar com a diferença e o quanto a cultura da zoação, enraizada no senso comum, pode operar como forma de opressão cotidiana. O sujeito, ao ser ridicularizado dentro e fora de casa, passa a desenvolver estratégias de camuflagem, silenciamento e autonegação. A utilização de boné para esconder as orelhas não é apenas um artifício estético, mas uma forma de invisibilizar a própria existência como resposta à violência do olhar alheio.

A cirurgia surge, nesse contexto, como uma solução imposta pela pressão social, e não como escolha plenamente livre. J. C. nos mostra que, só após modificar o corpo, conseguiu fazer novas amizades e alcançar um certo bem-estar. Isso revela como a aceitação social continua condicionada à conformidade com os padrões estéticos. A mudança corporal, ainda que desejada, nasce da coerção simbólica e não da liberdade subjetiva — um dilema vivido por muitos jovens marcados pela diferença.

Entretanto, o relato também traz uma dimensão potente de superação: a identificação com o personagem Auggie, da obra *Extraordinário*, sinaliza o quanto a representação da diversidade na literatura e no audiovisual pode funcionar como instrumento de cura emocional e resgate de autoestima. A arte, nesse sentido, funciona como dispositivo de empatia, identificação e reconstrução da subjetividade ferida.

Por fim, o relato de J. C. não deve ser lido apenas como uma história pessoal, mas como um retrato da exclusão cotidiana vivida por milhares de jovens cujas características físicas, raciais, de gênero ou de classe fogem da norma social dominante. Superar o bullying requer, portanto, muito mais do que resiliência individual — requer transformação estrutural das instituições que (deveriam) formar, proteger e educar, como a escola, a família, a mídia e o Estado.

*Professora quando eu entrei aqui no colégio eu sofri bullying porque meu pai era policial e eu tinha que ser exemplo, eu queria fazer o que todos os meus colegas faziam eu me sentia muito mal até que em dia eu fui na orientação e falei pra coordenadora e a coisa ficou pior só que depois eu parei de me preocupar com o que eles diziam esse preconceito que eu sofri na época foi muito chato e ruim, só que depois com a ajuda de umas professoras e tanto brigar por mim eu consegui me soltar mais e até dá minha opinião nas aulas, eu ficava calado pra não sofrer mais do que eu sofria. (Jl 17 anos, 2ª série).*

A experiência de JI expõe uma realidade muitas vezes invisibilizada: o bullying pode nascer não apenas daquilo que falta, mas também daquilo que sobra aos olhos dos outros — status, rigidez moral, ou simplesmente o pertencimento simbólico a uma autoridade, como no caso da figura paterna policial. Nesse contexto, JI é estigmatizada não por algo que tenha feito, mas por representar um padrão de comportamento “esperado” e, por isso mesmo, desconectado do grupo. O que se revela aqui é o funcionamento perverso de uma lógica coletiva que pune a diferença, mesmo quando ela é apenas uma projeção externa.

A fala “eu tinha que ser exemplo” revela o quanto a identidade da jovem foi atravessada por exigências morais impostas pela imagem da autoridade familiar, em um processo de despersonalização comum na adolescência. Isso impõe uma carga simbólica que restringe o direito à liberdade, à expressão e à vivência do erro como parte do crescimento. A pressão para corresponder a uma conduta exemplar não foi espontânea: ela foi imposta pelo entorno — colegas, instituição escolar e até mesmo os laços familiares, direta ou indiretamente.

A tentativa de JI de buscar ajuda na coordenação, frustrada por uma piora da situação, revela um dado alarmante: a escola falha em oferecer acolhimento institucional real e efetivo a jovens vítimas de violência simbólica. Ao invés de romper o ciclo do bullying, a resposta institucional (ou a falta dela) reforça o isolamento da aluna, agravando sua dor e promovendo o silenciamento como única alternativa de defesa. Fica evidente a urgência de formar equipes pedagógicas mais preparadas, empáticas e comprometidas com a escuta ativa e a proteção do estudante.

O silêncio de JI nas aulas, para “não sofrer mais”, é uma consequência direta da negligência institucional e da hostilidade dos pares. Trata-se de um silenciamento forçado, que limita a autonomia intelectual e inibe a participação social. É o apagamento simbólico de um sujeito que, para sobreviver naquele ambiente, precisa “calar-se”. Essa postura não deve ser lida como timidez natural, mas como produto da violência escolar internalizada.

No entanto, o processo de virada em sua trajetória — protagonizado por professoras que “brigaram por ela” — revela que, mesmo em um cenário adverso, o afeto pedagógico e o compromisso docente com a justiça podem romper o ciclo de exclusão. O apoio recebido permitiu a reconstrução de sua confiança e o resgate da voz, demonstrando que o professor pode ser um agente de transformação real, sobretudo quando atua politicamente na defesa do aluno.

JI, ao recuperar sua voz e “dar sua opinião nas aulas”, rompe com o ciclo de silenciamento e retoma sua posição como sujeito ativo do processo educativo. Essa retomada não é simples: ela é fruto de resistência, de luta por reconhecimento e de pequenos atos de solidariedade que fizeram diferença. Sua trajetória aponta para uma escola ainda em disputa — entre o reprodutor de violências simbólicas e o espaço possível de emancipação e acolhimento.

Portanto, sua história não é apenas um caso individual. É um sintoma de uma estrutura escolar que ainda precisa aprender a lidar com a complexidade dos sujeitos que nela habitam. Uma escola verdadeiramente democrática e inclusiva deve ser capaz de reconhecer, acolher e proteger todos os estudantes — não apenas aqueles que se encaixam em expectativas padronizadas, mas também aqueles que as desafiam, transbordam ou são estigmatizados por elas.

O relato de JI revela como o bullying pode estar associado não apenas a características individuais, mas também a aspectos familiares e sociais. O fato de

ser filha de policial levou seus colegas a criarem expectativas e pressões quanto ao seu comportamento, transformando sua origem familiar em motivo de estigmatização. Essa situação expõe a forma como a escola pode reproduzir preconceitos e estereótipos, afetando diretamente a experiência dos estudantes. Segundo Goffman (1988), o estigma emerge quando uma característica é socialmente desvalorizada, marcando o sujeito como “diferente” e submetendo-o a processos de exclusão.

A tentativa da aluna de buscar ajuda junto à coordenação escolar e a piora do quadro após a denúncia revelam a dificuldade de enfrentamento institucional do bullying. Fante (2005) aponta que a violência escolar tende a se intensificar quando não há intervenções pedagógicas eficazes, reforçando a vulnerabilidade da vítima. Nesse contexto, a fala da estudante mostra a importância do apoio docente: a ajuda de professoras que intervieram a seu favor possibilitou que ela recuperasse a confiança e começasse a se expressar nas aulas, reduzindo o isolamento inicial.

Esse processo evidencia que a superação do bullying não se dá apenas por força individual, mas depende de redes de apoio e acolhimento dentro da escola.

Os alunos do Colégio Adolfo expressam inquietações em relação à questão territorial da instituição, apontando que o espaço escolar, embora destinado ao aprendizado, apresenta falhas quando considerado como ambiente de acolhimento. A limitação física e a organização do espaço não favorecem a convivência harmoniosa, a escuta ativa e o pertencimento dos estudantes, o que gera sensação de exclusão e distanciamento. Dessa forma, a escola, que deveria atuar como um território de proteção e integração, acaba revelando fragilidades na sua função social de acolher e valorizar as diferentes vozes que a compõem.

Conforme Abramovay e Rua (2002), práticas discriminatórias comprometem o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, gerando silêncio e retraimento, como observado na fala de JI. No entanto, quando há envolvimento de educadores na defesa da vítima, o ambiente escolar pode se tornar espaço de resistência e empoderamento.

Assim, a experiência de JI aponta para a necessidade de políticas educativas consistentes de prevenção ao bullying, capazes de garantir que os estudantes não sejam estigmatizados por suas condições familiares ou identitárias. A escola, ao assumir postura ativa no combate ao preconceito e na promoção da cidadania, pode

transformar episódios de exclusão em oportunidades de formação para o respeito à diversidade e à democracia.

Durante a exibição dos filmes, tanto os alunos da primeira quanto terceira série do ensino médio, ainda não se preocupam no pensar sobre o processo de construção de suas identidades. Trata-se de um contexto novo, uma vez que eles estão descobrindo quem são. É importante destacar que este público já desperta interesse sobre o seu futuro, o que querem fazer, com o que querem trabalhar, mas sobre as suas personalidades, durante as rodas de conversas, ainda não houveram relatos contundentes sobre o pertencimento de grupos ou de múltiplas identidades formadas.

Os relatos incidem muito, sofrem com o tratamento recebido por suas famílias também. Através de uma terceira pessoa, os educandos relatam que o tratamento recebido em casa é escasso de compreensão e resiliência. Sejam eles vindo dos pais, familiares ou pessoas próximas, é perceptível que se sentem deslegitimados quanto aos seus anseios. Portanto, trata-se de um fator que influencia bastante na formação das identidades destes alunos.

A escola é um espaço onde existe um público bastante diverso culturalmente, de diversos berços e educação familiar, que são bases para formação destes indivíduos. Ressalta-se que é no ambiente escolar, que esses indivíduos geram expectativas em relação ao acolhimento, pertencimento, fortalecimento de laços em relação aos grupos, enquanto não existe esse suporte dentro da família. E, quando esse ambiente não é capaz de atender essas necessidades, as frustrações desestimulam e desinteressam os anseios destes jovens.

Os autores destacam a escola como um território simbólico — uma espécie de grade de poder — onde diferentes atores sociais interagem de forma, muitas vezes, conflituosa, em busca da afirmação de suas posições. No espaço escolar, essa disputa se manifesta nas relações entre gestão, professores e alunos, cada um tentando marcar sua presença e exercer influência dentro desse território.

Apesar dessas contradições, a escola continua sendo um espaço privilegiado de formação e de expressão da cultura juvenil. Nesse sentido, é papel da instituição escolar — com o apoio e a mediação crítica dos educadores — reconhecer e enfrentar essas tensões, promovendo um ambiente inclusivo, plural e acolhedor. É nesse tipo de ambiente que se torna possível valorizar as diferenças e fortalecer a construção de identidades juvenis diversas, respeitadas e socialmente significativas.

Para Dayrell e Carrano (2009), os jovens transformam esses espaços urbanos em territórios simbólicos e culturais, imprimindo neles suas identidades. Os gostos, atitudes e comportamentos da juventude contemporânea são marcados pela multiplicidade e ambivalência. Ou seja, esse grupo social busca meios de expressar suas culturas em meio à diversidade e aos desafios cotidianos. Por fim, o autor adverte que é impossível reduzir a juventude a uma cultura única e homogênea, já que ela reúne condições sociais diversas, em contextos distintos. Embora a juventude seja uma categoria sociológica construída pelos adultos, sua definição torna-se cada vez mais complexa e plural, refletindo as transformações culturais em curso.

Dayrell e Carrano (2009) relatam em seus estudos, que atualmente as escolas não são iguais e defendem a diversidade de projetos pedagógicos. Trata-se de um avanço significativo no relacionamento entre as diferentes instâncias de poder institucional nas redes de ensino. Contudo, o autor ressalta que é preciso avançar muito no sentido da extensão do direito à pluralidade aos próprios jovens que, em muitas vezes, são tratados como uma massa uniforme de alunos sem identidade.

Para os autores (2014) as dificuldades em lidar com a diversidade parecem algo congênito na constituição da ideia de escolarização. A homogeneidade ainda é muito mais desejável à cultura escolar do que a noção de heterogeneidade, seja ela de faixa etária, de gênero, de classe, de cultura regional ou étnica.

Dayrell e Carrano (2014), contribuem para esse debate ao afirmar que é incorreto presumir a existência de uma única cultura juvenil dentro da escola, desvinculada da cultura do entorno — isto é, da cultura urbana e das dinâmicas da cidade.

Em continuidade, Dayrell e Carrano (2014) ressaltam que discutir a cultura escolar sem considerar o contexto das instituições modernas é uma limitação. Tais instituições foram constituídas com o propósito de moldar subjetividades populares. Assim, o processo de escolarização não se resume à transmissão de saberes formais, mas representa um amplo movimento de reestruturação das prioridades culturais. A escola, nesse sentido, é criada não apenas para ensinar, mas sobretudo para formar sujeitos adaptáveis às exigências do mundo do trabalho.

Os autores ainda enfatizam que, ao longo de sua trajetória, a educação escolar rejeitou formas de convívio social e de transmissão de conhecimento que não estivessem alinhadas à reprodução cultural institucionalizada. Diante das

dificuldades materiais e da escassez de perspectivas, muitos grupos juvenis procuram criar alternativas culturais próprias, ressignificando os territórios urbanos da cidade.

Gomes et al. (2008), ao estudarem jovens e adolescentes, trazem uma nova perspectiva que concluem que a formação das culturas juvenis está diretamente ligada às transformações sociais contemporâneas. Essas mudanças desafiam a sociedade não apenas nos campos econômico, científico e tecnológico, mas principalmente na organização social. Nesse contexto, a educação passa a incorporar novos paradigmas conceituais e metodológicos, buscando se adaptar às exigências de um mundo globalizado, que demanda resposta mais complexas e uma educação de maior qualidade.

Esses conflitos podem gerar situações de violência, tanto física quanto psicológica, que afetam todos os envolvidos no ambiente escolar. Cabe à gestão escolar, nesse cenário, exercer o papel de mediadora, buscando resolver tensões, reduzir danos e garantir um processo de ensino-aprendizagem mais equilibrado e saudável (Castells, 2008).

Ademais, é importante observar o ambiente escolar como um espaço territorial privilegiado para a construção das identidades e da cultura juvenil. É nesse contexto que os jovens passam grande parte de sua rotina, interagem entre si, compartilham experiências, formam vínculos sociais e constroem sentidos sobre o mundo. Nessa convivência, emergem práticas, linguagens, estilos e comportamentos que constituem a chamada cultura juvenil, marcada pela busca de identidade, pertencimento e expressão — tanto individual quanto coletiva.

Desta forma, os alunos relatam suas experiências em relação ao padrão imposto pela sociedade moderna que, os afeta cotidianamente:

*“eu acho que no ponto de vista das pessoas, as pessoas devem seguir um padrão que a sociedade impõe, ah, é preciso ser bonito de rosto, ser bonito de corpo, pra pessoa que é, tipo assim, vou dar um exemplo aqui, a pessoa tem que ser bonita de corpo [...] pra ser bonita tem que ser aquele padrão que a sociedade impõe sobre as pessoas.” (aluno, 13.01)*

Desta forma, é preciso considerar que o padrão de beleza atual da sociedade é um fator presente que tem moldado as identidades e a construção da cultura destes jovens, desde cedo, levando-os a se adequarem para serem aceitos. Outra aluna relata uma questão presente na sua vida, que tem contribuído acerca dos

argumentos de Hall, cujo a construção identitária é fruto das experiências vividas no ambiente em que estão inseridos.

*“E no tempo eu, a minha mãe me deu muitos conselhos, para eu mudar o meu jeito, sair daquela tristeza, eu fui na psicóloga, eu enfrentei meus medos, e consegui sair daquela situação em que eu estava” (aluna, 13.01)*

O relato da aluna da turma 13.01 evidencia um processo significativo de superação pessoal e construção das identidades. Sua trajetória é marcada pelo apoio familiar — especialmente da mãe — e pelo acompanhamento psicológico, fatores que foram fundamentais para que ela enfrentasse seus medos e transformasse uma fase difícil em um ponto de virada. Ao buscar ajuda e seguir conselhos, a aluna conseguiu sair de um estado de tristeza e retomar o controle da própria vida. Esse movimento revela coragem, autonomia e um processo de autoconhecimento em desenvolvimento. Sua fala mostra como as vivências emocionais e o suporte recebido influenciaram diretamente na forma como passou a se ver e a se posicionar no mundo.

Na adolescência, as identidades são construídas a partir das experiências vividas, das relações interpessoais (com a família, amigos, profissionais como psicólogos) e das escolhas que o jovem faz sobre quem deseja ser. No relato, é possível identificar esse processo nos seguintes aspectos: A reflexão sobre o próprio comportamento (“mudar o meu jeito”); A reação a uma situação de sofrimento; A atitude ativa em busca de mudança e o reconhecimento de sua própria capacidade de superação. Para Hall sobre a identidade como um processo de construção contínuo, marcado pela influência das relações sociais e culturais, pela capacidade de reflexão e pela agência do sujeito em construir seu próprio lugar no mundo

Outro ponto importante da conversa foi a ideia de que o silêncio diante do bullying e do preconceito contribui para a normalização dessas práticas. Um estudante, ao ser questionado, afirmou que nunca sofreu bullying, mas que um amigo já havia passado por isso. O desconforto em sua fala deixou a impressão de que ele próprio havia vivenciado tal situação, mas sentia vergonha de admitir. De certa forma, isso tem se tornado cultural entre os alunos.

A convivência prolongada entre os estudantes — que estiveram juntos ao longo de todo o Ensino Médio — ficou evidente na roda de conversa. Muitos se apoiaram mutuamente nas falas, reconhecendo a importância de abordar o bullying

e seus impactos. Um dos alunos ressaltou que, se o problema não for tratado, pode levar até à depressão.

Essas reflexões mostram que o filme, “Extraordinário” enquanto linguagem artística, contribui significativamente para a construção das identidades juvenis. Ele funciona como um importante veículo de reflexão, visto por muitos adolescentes como uma referência pessoal, seja na vida escolar, social, familiar ou profissional.

É fundamental destacar que a adolescência é uma fase marcante na formação da cultura juvenil e do caráter. É nesse período que ocorrem transformações hormonais, construção de sonhos, definição de personalidade e formação de opiniões. No entanto, esse processo pode ser comprometido por experiências negativas, como o bullying, a exclusão social e a insegurança, que fragilizam a construção de identidades sólidas.

A exibição do filme “*Extraordinário*” possibilitou, portanto, um espaço de escuta e reflexão sobre realidades muitas vezes silenciadas. Através da mediação pedagógica, foi possível investigar como preconceitos e vulnerabilidades sociais influenciam o comportamento, as perspectivas de vida e a saúde emocional dos jovens. A atividade reforçou a importância de abordar essas temáticas no ambiente escolar, promovendo empatia, diálogo e inclusão.

Por juventude ser uma etapa da vida marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais, é nesse momento que o indivíduo está em processo de construção de sua identidade pessoal e social, buscando compreender quem é, qual seu lugar no mundo e como deseja ser reconhecido pelos outros. Esse processo, por sua própria natureza, é carregado de dúvidas, inseguranças e constantes redirecionamentos — o que torna a juventude uma fase de indecisões e experimentações.

No ambiente escolar, que é um dos principais espaços de socialização durante essa fase, os jovens não apenas aprendem conteúdos acadêmicos, mas também vivenciam experiências que contribuem para sua formação identitária. É na escola que muitos adolescentes formam suas amizades, constroem vínculos, confrontam valores familiares com os sociais, expressam suas opiniões e testam seus limites.

No entanto, quando situações de exclusão, preconceito ou violência simbólica — como o bullying — estão presentes nesse contexto, o processo de construção

identitária pode ser negativamente impactado. O bullying, ao provocar humilhação, isolamento e medo, compromete a autoestima do jovem, afeta sua confiança e pode gerar sentimentos de inadequação. Esses impactos emocionais, se não enfrentados, podem fragilizar o desenvolvimento de uma identidade segura e saudável, fazendo com que o adolescente se retraia ou adote comportamentos para tentar se encaixar em padrões impostos socialmente, muitas vezes em detrimento de sua autenticidade.

A condição socioeconômica das famílias destes alunos, requer na maioria dos casos, o abandono à escola, uma vez que os alunos, quando chegam à esta faixa etária, buscam um trabalho, mesmo que os estudos ainda não tenham finalizado.

Portanto, a juventude, por ser uma fase de transição e descoberta, é especialmente sensível aos efeitos das interações sociais. A maneira como o jovem é tratado e reconhecido pelos colegas, professores e demais membros da comunidade escolar influencia diretamente na construção de sua autoimagem e de sua identidade. Por isso, o combate ao bullying e a promoção de um ambiente escolar acolhedor, empático e inclusivo são fundamentais para garantir que essa fase seja vivida com segurança, liberdade de expressão e desenvolvimento pessoal pleno.

#### **4. DISCUSSÕES SOBRE RACISMO E MACHISMO DENTRO DO COLÉGIO ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES, A PARTIR DO FILME ESTRELAS ALÉM DO TEMPO**

No dia 17 de novembro de 2023, no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, na cidade Araguaína – TO, com a turma da 1º série do ensino médio básico, do turno matutino, foi realizada a exibição do filme: “Estrelas além do tempo”, como instrumento de reflexão do projeto de pesquisa de mestrados em Estudo de Cultura e Território da Universidade Federal do Norte do Tocantins.

A exibição se deu com o quantitativo de 37 alunos em sala de aula, sendo que 18 eram meninas e 19 meninos, e logo após a exibição do filme, os alunos foram direcionados a resolução do questionário semiestruturado em relação ao filme, conforme perguntas elaboradas previamente.

O filme “Estrelas além do tempo”, foi selecionado por trata-se de uma linguagem cultural acessível a faixa etária dos estudantes que participaram, cujo os temas abordados no filme são: racismo, segregação racial, sexismo, machismo e discriminação. Trata-se de um filme baseado em fatos reais, que mostra a história e a luta de três mulheres afro-americanas: Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson, que trabalhavam como matemáticas e engenheiras na NASA no ano de 1961 durante a corrida espacial, contra a União Soviética.

O tema central do filme “Estrelas Além do tempo”, é relacionado a superação de obstáculos frente ao racismo e ao sexismo, à medida que essas mulheres, das quais os talentos eram indispensáveis para a conclusão das missões espaciais dos Estados Unidos, enfrentam a hostilidade e as barreiras sociais e profissionais.

O filme “Estrelas além do tempo”, traz um debate decolonial sobre as violências enfrentadas pelas pessoas quem tem ancestralidade africana, seja no Estados Unidos, mas também no Brasil. Acreditamos que este filme traz uma representação da história real de mulheres afro-americanas notáveis e suas contribuições fundamentais para a exploração espacial dos Estados Unidos. O filme destaca a importância da igualdade de oportunidades e celebra a resiliência dessas mulheres diante de adversidades sistêmicas.

Além disso, o filme: “Estrelas além do tempo”, aborda o papel fundamental dessas mulheres no desempenho de feitos científicos, como o lançamento de John Glenn, o astronauta que iria nessa missão espacial, enquanto explora também

questões como igualdade de gênero e direitos civis. O filme é uma comemoração da contribuição de pessoas muitas vezes marginalizadas, mostrando como a coragem, a determinação, o esforço e a inteligência podem mudar a história.

O filme “Estrelas além do tempo”, retrata ainda a segregação racial, que é um processo de separação ou discriminação de grupos raciais, especialmente no contexto de leis e práticas institucionais que impõem a exclusão ou a separação de pessoas com base na raça. Esse fenômeno teve particularmente nas décadas de 1900 a 1960, quando leis e práticas segregacionistas afetavam a vida cotidiana reprimindo o acesso de afro-americanos as escolas, transportes públicos, hospitais, restaurantes e outros serviços.

No filme “Estrelas além do tempo” a segregação é um tema importante. Durante o período relatado (década 1960), os Estados Unidos viviam uma intensa divisão racial, tanto no Sul como em outras partes do país com leis que mantinham os negros e brancos fisicamente separados e com direitos distintos esse contexto é abordado de diversas formas no filme.

A NASA era uma instituição que focava na exploração espacial e na ciência, refletia a segregação que ocorria na sociedade geral. As mulheres afro-americanas que trabalhavam na NASA eram obrigadas a usar banheiros separados e elas não podiam se sentar em determinados lugares ou até mesmo participar de reuniões importantes apenas por causa da cor da sua pele e pelo fato de ser mulher.

No filme retrata ainda que até no seu espaço de trabalho a cor da pele era um ato de discriminação, tem uma cena que mostra isso é a cor da xícara de café e sua cafeteira era diferente dos demais que faziam parte do mesmo ambiente de trabalho.

Katherine Johnson, é a protagonista principal no filme enfrenta desafios diários de discriminação racial e sexismo. A cena em que ela é obrigada a caminhar até o banheiro distante, de aproximadamente: “800 metros”, porque o banheiro das mulheres negras estava em um edifício separado é um exemplo claro dessa segregação institucionalizada que dificultava até mesmo o trabalho de pessoas altamente qualificadas.

O Filme “Estrelas além do tempo”, resulta efeito na vida profissional e pessoal, a segregação não influencia apenas as relações sociais, mas também impede o progresso e as oportunidades das pessoas que sofrem esse tipo de ação. Por exemplo, Mary Jackson luta para poder frequentar uma escola de engenharia

para mulheres negras, e ela precisa superar obstáculos para ter acesso ao conhecimento necessário para avançar sua carreira.

O filme “Estrelas além do tempo”, retrata ainda o machismo onde o suposto “pretendente/namorado/marido” de Katherine Johnson acha que ela não pode trabalhar na NASA e assusta quando ela diz que trabalha na NASA.

A segregação racial é um reflexo das tensões e desigualdade que existiam na sociedade americana daquele período, e o filme ajuda a ilustrar a resistência e a coragem dessas mulheres diante de um sistema que constantemente tentava limitá-las e excluí-las mostrando que elas foram verdadeiras pioneiras na luta por igualdade e justiça social.

Após a apresentação do filme “Estrelas além do tempo”, os estudantes foram para biblioteca para iniciarmos um debate sobre o filme com questionário semi estruturado e depois foi feita uma roda de conversa com alguns estudantes que se voluntariaram, participaram da roda de conversa 15 alunos, 8 meninas e 7 meninos de faixa etária de 14 a 19 anos. O debate foi relacionado e direcionado com o que os estudantes falaram.

A história deste filme provocou nos alunos reflexões que identificavam com a sua realidade, a luta e resistência por oportunidades. Nesta roda de conversa foi debatido sobre racismo e intolerância que provoca violência psicológica podendo levar até a violência física.

Percebe-se que os jovens, são estudantes do Colégio Adolfo Bezerra de Menezes em Araguaína –TO, que participaram da roda de conversa, a maioria deles moram na periferia de Araguaína. Refletindo sobre o filme, os jovens falaram sobre os seus anseios e o medo da realidade. Também relataram da incerteza do futuro, mas cada um apresentando um sonho e o desejo de realiza-lo.

Durante as rodas de conversas, os estudantes deram as suas opiniões nos debates como podemos ver a seguir:

O Aluno Ca, de 17 anos disse que gostou do filme porque mostra realidade de hoje apesar de ter acontecido nos anos 1960 e disse também que sobre a questão do racismo e do preconceito eu não me identifico mais um “amigo meu já sofreu”. Disse também que esse tema é importante pra ser discutido mais vezes no colégio, para que isso não aconteça porque gera muito desconforto para todo mundo.

A outra Aluna, CI de 18 anos, é uma estudante que disse que já sofreu discriminação porque ela sempre queria falar quando a professora perguntava e seus colegas de sala de aula ficavam 'vaiando ela'.

*“eu era extrovertida e gostava de participar das coisas do colégio, mas depois desse dia eu fiquei tímida e não conseguia falar em público e dentro de alguns lugares, mas com ajuda da minha mãe eu consegui falar e participar das coisas de novo demorou muito tempo porque minha família achava que era frescura minha até que minha mãe buscou um psicólogo pra me ajudar e só assim eu consegui sair daquele jeito que eu estava, hoje eu me sinto melhor e já consigo dar minha opinião de novo, acho que agora eu sei também dos meus direitos de falar.”*

O Aluno Js, de 14 anos, é um estudante que disse que no colégio não se sente acolhido devido há muitas coisas, por exemplo na hora do lanche as pessoas olham pra ele como se ele fosse “roubar” todo o lanche, segundo relata:

*“só porque eu já chego e falo que quero dois lanches e na hora de fazer qualquer coisa no colégio, uma apresentação alguns professores já tem aqueles alunos que eles querem que apresentam, já tem os seus, um dia a professora me chamou de feio, eu sei que eu sou feio mesmo, sou muito alto, ela disse logo depois que era brincadeira, desse dia pra cá ela sempre me convida pra fazer as coisas do colégio eu acho que ela ficou com medo de depois eu ir reclamar na direção do colégio ou alguma coisa desse tipo, mais de uma coisa serviu eu agora sempre participo mais das coisas. Essa professora até depois me incentivou a fazer um esporte pelo fato de ser alto e disse que eu poderia aproveitar essa minha altura, uma coisa que eu nunca tinha pensado em fazer, as vezes é preciso ter um apelido pra gente se sentir gente.”*

Outro aluno chamou atenção, a consciência de que a todo momento ele sofre racismo nos espaços públicos e na necessidade de lutar contra o esse tipo de preconceito.

*“Eu tenho uma relação difícil com minha mãe e com meu pai. Eu não moro nem com um e nem com outro. Eu fico mais pulando de casa em casa, e sempre quando acontece uma situação difícil, eu fico com a minha avó. O meu pai ele sempre foi muito preconceituoso, homofóbico, racista, tudo. Eu morei um ano com ele, e eu passei um ano me rejeitando, eu era a única negra da casa, que tinha cabelo cacheado, que estudava em escola pública, eu era a única em tudo. Mesmo andando com eles, eu era abaixo deles, tava do lado deles, mas não no mesmo nível”. (Aluna, turma 33.01, 2024, 17 anos).*

A fala desta aluna revela um testemunho de vivências marcadas por rejeição, preconceito e exclusão dentro do núcleo familiar e social. Essa narrativa evidencia como as relações familiares e as experiências de discriminação impactam profundamente a construção da identidade e do senso de pertencimento dessa aluna.

A relação difícil com os pais, agravada por fatores como preconceito racial, homofobia e discriminação social, cria um ambiente de instabilidade emocional e insegurança. O fato de "pular de casa em casa" e recorrer à avó como figura de apoio revela uma busca por um espaço de acolhimento e estabilidade, que parece estar ausente nas interações com os pais. Essa condição de transitoriedade também reflete uma tentativa de reconstruir pertencimentos em meio a contextos que, muitas vezes, reforçam a exclusão.

Outro relato da aluna, durante as rodas de conversa, reforçam a realidade vivida pelos alunos, dentro da sala de aula:

*“Já aconteceu comigo. Eu estava no quinto ano, tinha uma professora que me tratava com racismo. Todos os alunos percebiam, ela não gostava de mim. Tipo assim, me tratava diferente dos outros, sempre, tratava os outros diferentes, e me discriminava na frente dos colegas. E eu falei com meus pais, e foi resolvido” (Aluna M, 18 anos).*

A partir do relato da aluna — que evidência uma experiência de racismo vivida ainda na infância, no ambiente escolar — é possível discutir questões centrais sobre o papel da escola na reprodução de desigualdades e na formação de subjetividades: O racismo na escola como expressão do racismo estrutural.

*Professora eu sofri racismo quando eu estava no ensino fundamental, devido a minha cor, mais tinha uma professora que também era negra e começou a falar coisas sobre os nossos descendentes mostrando lado bom de ter a pele escura. (Aluna L, 17 anos 2º serie)*

A fala da Aluna L. evidencia a persistência do racismo no ambiente escolar, um espaço que, em tese, deveria promover igualdade e inclusão, mas que muitas vezes se constitui como um campo de reprodução de desigualdades sociais e raciais. O relato da estudante revela como a discriminação racial afeta a subjetividade e o pertencimento dos jovens negros, sobretudo durante a formação escolar, momento crucial para a construção de identidades.

Ao mesmo tempo, a lembrança positiva da professora negra que ressignificou a negritude ao valorizar os descendentes africanos aponta para a importância da representatividade e da pedagogia antirracista. Esse gesto docente dialoga com o que Nilma Lino Gomes (2005) denomina de "pedagogia da presença", na qual a identidade negra não é apenas reconhecida, mas também celebrada como parte constitutiva da sociedade brasileira. A atitude da professora contribuiu para a desconstrução de estigmas, gerando possibilidades de fortalecimento da autoestima e de construção de uma identidade negra positiva.

Entretanto, é necessário problematizar que a luta contra o racismo não pode ser responsabilidade isolada de professores negros. Como destacam Kabengele Munanga (2003) e Bell Hooks (2017), a educação antirracista deve ser compreendida como compromisso coletivo e estrutural, capaz de enfrentar as raízes históricas do racismo e de transformar a escola em um espaço de emancipação. A ausência de políticas institucionais efetivas faz com que muitas vezes a valorização da negritude dependa de iniciativas individuais, o que perpetua desigualdades e limita o alcance da educação antirracista.

Dessa forma, a experiência da L, embora marcada pela dor do racismo, revela também o potencial transformador da educação quando pautada pela valorização da diversidade étnico-racial. Torna-se imprescindível que a escola incorpore de maneira sistemática a Lei 10.639/2003, não apenas como cumprimento legal, mas como prática pedagógica contínua de enfrentamento às discriminações, promovendo a equidade, o reconhecimento e o orgulho da identidade negra.

*Professora eu gostei do filme principalmente quando ela disse ao seu chefe que poderia ser mais útil e não perderia tanto tempo se o banheiro fosse mais perto do seu local de trabalho, achei muito interessante o seu chefe sem dizer nada quebrou a placa onde tinha a identificação de não Negras. E identifiquei porque às vezes quando você entra em uma loja as pessoas te olham de cima em baixou sou negra e tenho orgulho das minhas características, como cabelo, com e até do meu nariz eu respiro muito bem. (Aluna M. 16 anos).*

O depoimento da Aluna M. apresenta duas dimensões importantes: a leitura crítica de uma obra audiovisual que retrata a segregação racial e a elaboração de sua própria identidade negra em diálogo com essa experiência estética. A cena do filme em que a personagem reivindica melhores condições de trabalho e o chefe retira a placa de segregação evidencia simbolicamente a luta contra as práticas discriminatórias e a possibilidade de transformação social por meio de atos de resistência. Esse momento, identificado pela estudante, mostra como a arte e a mídia podem ser instrumentos pedagógicos relevantes para despertar a consciência crítica sobre o racismo estrutural<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> É o nome dado pelo filósofo Sílvio Almeida a um fenômeno observado em sociedades de passado escravista, como o Brasil. Nelas, todo o funcionamento da sociedade é estruturada — ou seja, organizado — pelo racismo. Elas naturalizam a ideia de que pessoas negras devam ocupar posições subalternas. O resultado dessa forma de organização social é a desvalorização dos corpos negros: pessoas negras são maioria entre os mais pobres e são as principais vítimas da violência policial, por exemplo. Disponível em: <https://www.brasildedireitos.org.br/atualidades/o-que-racismo-estrutural/>. Acesso: 24/11/2025.

Ao relacionar o episódio cinematográfico com sua vivência cotidiana — quando menciona os olhares de desconfiança em estabelecimentos comerciais — Aluna M, revela como o racismo permanece presente em diferentes esferas da sociedade brasileira. Essa percepção conecta-se ao que Kabengele Munanga (2003) aponta sobre as formas veladas e persistentes de discriminação racial que se atualizam mesmo após avanços legais e sociais.

Por outro lado, o orgulho expresso pela Aluna M. em relação às suas características físicas — como cabelo, cor da pele e nariz — demonstra um processo de fortalecimento identitário e de resignificação da negritude. Esse movimento vai ao encontro da perspectiva de Nilma Lino Gomes (2005), ao afirmar que a valorização da estética negra e da ancestralidade constitui um caminho fundamental para a construção de uma identidade positiva. Além disso, a fala da estudante ressoa com o que Bell Hooks (2017) discute sobre a pedagogia da libertação: a importância de cultivar práticas educativas que estimulem a autovalorização e rompam com padrões eurocêntricos impostos historicamente.

Portanto, a fala da Aluna M. traz elementos que problematizam tanto as permanências do racismo estrutural quanto as possibilidades de resistência e emancipação presentes na valorização da identidade negra. A utilização de recursos pedagógicos como filmes, quando articulados criticamente, pode ser um poderoso instrumento de educação antirracista, pois não apenas denuncia práticas discriminatórias, mas também fortalece subjetividades e promove uma cultura de reconhecimento e respeito à diversidade.

*Professora eu gostei muito do filme e me identifiquei nele na parte que fala sobre a igualdade de inteligência da mulher em querer estudar em uma escola onde a maioria eram homens, sei que nós temos a nossa força bem menor do que os homens, mais na parte em que o cérebro funciona igual, as mulheres hoje em dia estão mais esforçadas e buscam a igualdade em quase tudo, mesmo sendo frágil. (Aluna A.L. 15 anos).*

A fala da Aluna A. L evidencia como as representações audiovisuais podem mobilizar reflexões sobre gênero e desigualdade social, especialmente no campo da educação e da ciência. Ao se identificar com a personagem feminina que busca reconhecimento em um espaço dominado por homens, a estudante demonstra consciência acerca da luta histórica das mulheres por igualdade de oportunidades e direitos. Essa percepção é fundamental, pois a escola, enquanto espaço formativo,

deve estimular a leitura crítica de como o sexismo e o patriarcado ainda estruturam relações sociais.

Entretanto, o discurso de A. L. também reproduz concepções naturalizadas de gênero, ao afirmar que as mulheres seriam "mais frágeis" fisicamente e, por isso, diferentes dos homens em força. Essa visão dialoga com os estereótipos que, historicamente, têm sido utilizados para justificar a exclusão feminina de determinados espaços, especialmente os científicos e acadêmicos. Como ressalta Joan Scott (1995), o gênero não é apenas uma diferença biológica, mas uma categoria histórica e relacional que organiza o poder e a distribuição de papéis sociais.

Por outro lado, a estudante reconhece que, em termos intelectuais, homens e mulheres possuem igual capacidade, destacando que as mulheres estão cada vez mais empenhadas em conquistar seus espaços. Esse aspecto ressoa com as reflexões de Simone de Beauvoir (1970), para quem a condição feminina não é definida pela natureza, mas por construções sociais que limitam as possibilidades das mulheres. Além disso, a fala da Aluna A. L. reflete um processo de empoderamento, no qual a consciência da desigualdade impulsiona a busca por equidade, em sintonia com as discussões de Bell Hooks (2017) sobre a pedagogia feminista e libertadora.

Assim, o depoimento da estudante revela tensões entre a reprodução de estereótipos de gênero e a emergência de uma consciência crítica sobre igualdade. Essa ambivalência, comum em discursos juvenis, aponta para a necessidade de práticas pedagógicas que problematizem as desigualdades estruturais entre homens e mulheres, estimulando a desconstrução de estigmas e o fortalecimento de uma educação comprometida com a equidade de gênero.

*Professora eu achei o filme muito bom por mostrar que as mulheres também são capazes de fazer um bem a humanidade, naquela época foi uma época muito difícil, não tinha as leis que hoje tem sobre o preconceito em relação as mulheres e principalmente sobre os negros/negras a lei existe e isso foi uma coisa muito boa para o mundo. ( Aluno L. E. 2ºserie).*

O relato do Aluno L. E. demonstra uma percepção sensível sobre a importância do reconhecimento histórico das mulheres e das pessoas negras na construção da humanidade. Ao valorizar o filme por mostrar a capacidade das mulheres de contribuírem para a ciência e para o bem comum, o estudante rompe, ainda que de forma inicial, com narrativas hegemônicas que invisibilizam ou

secundarizam a presença desses grupos em contextos de protagonismo social e intelectual.

Além disso, ao destacar que no passado não havia leis que garantissem proteção contra o preconceito, o estudante evidencia uma consciência histórica sobre a evolução das lutas sociais e jurídicas que visam à igualdade de direitos. A menção às legislações atuais, como aquelas que combatem o racismo e a discriminação de gênero, aponta para o reconhecimento de avanços importantes. Contudo, é preciso problematizar a ideia de que a simples existência de leis seja suficiente para eliminar desigualdades estruturais. Como destacam Nilma Lino Gomes (2005) e Kabengele Munanga (2003), a efetividade da legislação antidiscriminatória depende de sua aplicação prática no cotidiano das instituições, especialmente no espaço escolar, que deve assumir um papel ativo na promoção da equidade.

A fala do Aluno L. E. também abre espaço para refletir sobre o papel da educação e da memória histórica na formação cidadã. Ao perceber a dureza do contexto passado e compará-lo com os direitos conquistados no presente, o estudante mobiliza um exercício de consciência crítica que dialoga com a perspectiva freiriana de educação como prática de liberdade (Freire, 1996). Tal consciência, entretanto, precisa ser ampliada no sentido de compreender que, apesar dos avanços legais, as práticas de racismo e sexismo continuam persistentes, o que exige ação política, pedagógica e social contínua.

Assim, a fala revela tanto o reconhecimento das conquistas históricas quanto a necessidade de aprofundar a compreensão crítica sobre as limitações da legislação e os desafios permanentes da luta contra as desigualdades. Nesse sentido, o depoimento do estudante é um ponto de partida promissor para práticas pedagógicas que articulem história, cidadania e justiça social.

*Professora com a lei contra o racismo, hoje posso dizer que sinto mais seguro. eu já sofri muito racismo e preconceito em vários lugares como supermercado, lanchonete e muitas vezes por estar mal vestido, o filme estrela além do tempo mostra muitos aspectos de preconceito e eu fico pensando que esse tipo de preconceito em relação as mulheres ainda existem. mais que já mudou muito porque agora podemos denunciar e até processar. (Aluno J. C. 17 anos 1ªserie).*

O depoimento do Aluno J. C. evidencia a relação direta entre experiências pessoais de discriminação racial e a percepção sobre a importância das legislações antirracistas na sociedade contemporânea. Ao relatar episódios de racismo em

espaços cotidianos como supermercados e lanchonetes, o estudante demonstra que, embora existam avanços legais, o preconceito continua presente de forma velada ou explícita, impactando a autoestima, a segurança e o pertencimento social de indivíduos negros. Essa percepção dialoga com os estudos de Munanga (2003), que destacam a persistência do racismo estrutural mesmo após conquistas legislativas.

Ao mencionar o filme *Estrelas Além do Tempo*, J. C. articula sua experiência pessoal com a narrativa histórica, reconhecendo tanto as desigualdades enfrentadas por mulheres negras no passado quanto os mecanismos de resistência e conquista. Essa articulação evidencia o potencial pedagógico do cinema como ferramenta para despertar consciência crítica sobre raça, gênero e direitos sociais, conforme apontam Gomes (2005) e Hooks (2019).

O estudante também evidencia uma dimensão de empoderamento legal e social: a possibilidade de denunciar e processar atos de discriminação representa um avanço significativo, mas ele próprio reconhece que ainda existem formas de preconceito que persistem. Esse ponto reforça a necessidade de combinar legislação, educação e práticas sociais efetivas para que as leis contra o racismo não permaneçam apenas no papel, mas promovam transformações concretas nas relações cotidianas.

Portanto, a fala do Aluno J. C. destaca a importância de políticas públicas e educacionais que articulem proteção legal, conscientização social e pedagogias antirracistas, promovendo não apenas a defesa jurídica, mas a construção de uma cultura de respeito e valorização da diversidade.

As falas dos estudantes L, M, A L, L E e J C revelam, em diferentes perspectivas, como questões de raça e gênero permeiam a experiência escolar e a construção da identidade. Esses relatos evidenciam tanto os efeitos do racismo e do sexismo na vida cotidiana quanto o potencial da educação e de práticas pedagógicas reflexivas para promover a consciência crítica e o empoderamento.

No relato da Aluna L, o racismo vivenciado na escola evidencia a reprodução de desigualdades estruturais, enquanto a atuação de uma professora negra que valoriza a ancestralidade oferece um exemplo de pedagogia antirracista capaz de fortalecer a autoestima e a identidade negra (Gomes, 2005; Munanga, 2003). M, por sua vez, conecta o conteúdo do filme *Estrelas Além do Tempo* à sua própria vivência, mostrando como o racismo estrutural se manifesta em situações cotidianas

e destacando o orgulho de sua identidade física e cultural, apontando para a importância da representatividade e do reconhecimento social (Hooks, 2017).

A Aluna A. L. amplia a discussão para o campo do gênero, refletindo sobre a igualdade intelectual entre homens e mulheres e a persistência de estereótipos que limitam oportunidades. Embora reconheça a desigualdade histórica, ela demonstra consciência crítica sobre a capacidade das mulheres, alinhando-se às discussões de Beauvoir (1970) e Scott (1995) sobre a construção social do gênero e os desafios para a equidade. Já o Aluno L. E. evidencia a interseção entre gênero e raça ao perceber a importância das conquistas legais para mulheres e negros, apontando para a relevância do reconhecimento histórico e das leis de proteção, mas também destacando que a aplicação prática desses direitos é necessária para enfrentar desigualdades persistentes (Freire, 1996; Gomes, 2005).

Por fim, o Aluno J. C. complementa a análise ao relacionar experiências pessoais de racismo e preconceito com a relevância da legislação antirracista e da educação. Seu relato evidencia como as políticas públicas e as possibilidades de denúncia podem fortalecer o sentimento de segurança, mas reforça que as atitudes discriminatórias ainda persistem na sociedade cotidiana (Munanga, 2003).

Em conjunto, os depoimentos demonstram que, embora existam avanços legais e sociais, o racismo e o sexismo ainda se manifestam de maneiras sutis ou explícitas, afetando a autoestima, a segurança e a percepção de pertencimento de estudantes. Ao mesmo tempo, os relatos apontam para o papel da escola, da mídia e da pedagogia crítica na construção de identidades positivas e na promoção de consciência cidadã, evidenciando a necessidade de práticas educacionais contínuas que articulem legislação, representatividade, reflexão histórica e valorização da diversidade.

Diante das falas dos estudantes, é possível observar que apesar de não identificarem um conceito plenamente formado sobre o que é racismo, discriminação, a maioria dos estudantes possuem pelo menos uma ideia do que se trata. Isto é, eles conseguem reconhecer os momentos quando uma fala pode ter sido racista ou discriminatória, independente de qual tenha sido o ambiente. Após as suas falas, é possível observar de acordo com a fala destes estudantes, que até mesmo na escola, eles sofrem ou lidam com essas situações.

O colégio, enquanto instituição social, não está imune às violências simbólicas e estruturais que marcam a sociedade brasileira. O comportamento da

professora relatado pela aluna não é um caso isolado, mas expressão de um racismo estrutural que se manifesta nas relações interpessoais e institucionais.

A forma diferenciada de tratamento — com desprezo, discriminação e exclusão — revela o quanto o racismo pode operar silenciosamente ou de forma explícita, afetando profundamente o processo de aprendizagem e a autoestima dos alunos negros. As consequências emocionais e pedagógicas. Ser discriminada por uma figura de autoridade, como uma professora, especialmente na infância, pode gerar traumas duradouros.

O colégio, que deveria ser um espaço de acolhimento, desenvolvimento e valorização da diversidade, torna-se um ambiente hostil e excludente. Essa experiência pode impactar negativamente a motivação, o rendimento escolar e o sentimento de pertencimento do estudante.

O fato de “todos os alunos perceberem” indica que a situação era pública e reforçava uma hierarquia racial diante da turma, naturalizando a exclusão. A importância da escuta e da ação da família. O relato também traz um aspecto positivo: o apoio dos pais.

Ao comunicar a situação à família, a aluna possibilitou uma intervenção. Esse apoio foi essencial para a resolução do problema. A atitude dos responsáveis, que buscaram enfrentar o ocorrido, reforça a importância do envolvimento familiar no combate ao racismo escolar.

O papel do colégio e da escola e da formação docente. Esse caso denuncia a necessidade urgente de formação antirracista para os profissionais da educação. É papel do colégio e da escola, conforme previsto na Lei 11.645/08<sup>18</sup>, que tornou obrigatório o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, trabalhar conteúdos que valorizem a história e cultura afro-brasileira, além de promover um ambiente onde todas as crianças se sintam respeitadas. A formação continuada dos educadores deve incluir reflexões sobre seus próprios preconceitos e práticas discriminatórias.

Encaminhamentos e responsabilidade institucional. Ainda que o problema tenha sido “resolvido” após a intervenção dos pais, é fundamental pensar no que o

---

18 A Lei 11.645/08 é uma legislação brasileira que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatório o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena em todas as escolas de ensino fundamental e médio, públicas e privadas, complementando a Lei 10.639/03 (que focava apenas no afro brasileiro).

colégio e a escola fizeram (ou deveria ter feito) para que situações como essa não se repitam.

A responsabilização de profissionais que praticam discriminação deve estar articulada a uma política institucional de combate ao racismo, com canais de denúncia, acompanhamento psicológico, escuta ativa dos alunos e medidas educativas. Em síntese, o relato revela que o racismo escolar não é um fenômeno isolado e requer enfrentamento coletivo e institucional.

A escuta da criança, o apoio familiar, a responsabilização dos agentes e uma formação docente crítica e antirracista são passos fundamentais para transformar o colégio e a escola em um espaço verdadeiramente inclusivo e democrático.

As salas de aula, apesar de serem espaços destinados ao aprendizado, ao respeito mútuo e à convivência democrática, muitas vezes se tornam cenários de reprodução de práticas discriminatórias, especialmente contra estudantes negros, indígenas e pertencentes a grupos historicamente marginalizados. A discriminação pode se manifestar de diferentes formas: desde a invisibilização de alunos em atividades escolares até o uso de estereótipos raciais por educadores e colegas. Essas vivências não apenas comprometem o processo educativo, como também geram traumas e sentimentos de exclusão que marcam a trajetória escolar de muitas crianças. Situações em que a autoridade docente adota posturas racistas ou preconceituosas tornam-se ainda mais graves, pois reforçam assimetrias de poder e dificultam o enfrentamento das violências sofridas.

Situações discriminatórias vividas por estudantes no cotidiano escolar revelam como práticas de exclusão e inferiorização de determinados grupos sociais ainda estão presentes nas relações pedagógicas. A marginalização de saberes não-hegemônicos, a desvalorização de culturas afro-indígenas e o silenciamento de vozes dissidentes demonstram que a escola, muitas vezes, opera sob lógicas coloniais de conhecimento e poder. Esse cenário reforça a necessidade de questionar os fundamentos que sustentam o currículo, a atuação docente e os modos de interação entre os sujeitos na escola. Nesse sentido, pensar a sala de aula como espaço de disputa epistemológica torna-se essencial para desconstruir práticas racistas e excludentes. É nesse contexto que os estudos decoloniais oferecem uma importante contribuição para repensar as estruturas educacionais e os discursos que sustentam desigualdades

Brasil et al. (2024), destacam que as escolas e colégios, enquanto subsistemas sociais, refletem as violências presentes na sociedade. Entre as múltiplas formas de violência observadas no ambiente escolar, o racismo se manifesta por meio de falas agressivas, apelidos pejorativos e atitudes discriminatórias, principalmente entre os próprios estudantes. Segundo tais autores, a estrutura social vigente favorece a perpetuação do racismo ao não garantir meios adequados de subsistência, excluir grupos sociais e reproduzir desigualdades nas relações de produção e na lógica capitalista. Nesse sistema, a desigualdade se manifesta de maneira eficaz, acentuando os marcadores sociais das diferenças.

Para Brasil et al. (2024) a instituição escolar, por sua vez, também contribui para a reprodução do racismo estrutural e institucional ao negligenciar a inserção de conteúdos que valorizem as personalidades, culturas e historicidades dos povos negros e indígenas. As consequências de tal violência racista produzem impactos diretos no processo de aprendizagem dos estudantes, isto é, compromete a sua permanência na escola e rompe o vínculo com o sentido da educação. Como resultado, muitos passam a enxergar a escola como um espaço desconectado de seus projetos de vida.

De acordo com Hooks (2017) os educadores devem atender um chamado para renovar e transformar as instituições educacionais, de forma a ensinar e trabalhar diante da diversidade cultural, pela justiça e pela liberdade.

Brasil et al. (2024), reforçam que compreender o fenômeno racista na sociedade brasileira requer a análise das categorias de racismo, discriminação, preconceito e letramento racial, especialmente no contexto escolar. Nos últimos anos, o racismo nas escolas tem ganhado visibilidade, principalmente por conta de episódios graves envolvendo educadores e estudantes. Tais ocorrências despertam uma preocupação crescente entre pais, professores e a sociedade em geral, frente a debates que, muitas vezes, são evitados ou silenciados.

Brasil et al. (2024) afirma que a inserção de estudos das relações étnico-raciais no contexto escolar torna-se fundamental para melhorar o rendimento acadêmico e prevenir a evasão escolar. Essa importância se justifica pela necessidade de desenvolver práticas pedagógicas mais alinhadas às identidades culturais dos alunos, promovendo sua motivação, além de estimular a reflexão crítica sobre o racismo e a violência em sala de aula.

Além disso, é preciso destacar que dentro do ambiente escolar não há discussões pertinentes acerca do que se lida no cotidiano quando se tratam destas questões raciais. Desta forma, este espaço escolar enquanto território falha no que tange considerar as inquietações apresentadas pelos alunos do Colégio Adolfo apontam para uma problemática relacionada à dimensão territorial da escola, sobretudo no que se refere à sua capacidade de se constituir como espaço de acolhimento.

De acordo com Charlot (2000), a escola deve ser compreendida como um território simbólico que ultrapassa a função de transmissão de conteúdos, assumindo também o papel de espaço de pertencimento e reconhecimento. No entanto, quando o ambiente escolar revela falhas estruturais e organizacionais que dificultam a convivência, o diálogo e a valorização das vozes discentes, há um enfraquecimento de sua função social. Nesse sentido, a percepção dos estudantes evidencia que o território escolar, em vez de fortalecer vínculos, acaba por acentuar sentimentos de exclusão e distanciamento, comprometendo o processo formativo em sua integralidade.

Ribeiro e Martins (2018), em seus estudos, afirmam que entender o espaço escolar e como ele atua silenciando as manifestações culturais da cultura negra diaspórica trata-se de um desafio diário. É indispensável que repensemos o colégio e a escola como um lugar em que os jovens possam se reconhecer, se sentir pertencentes e construir suas identidades, culturas e valores. Diante disso, é preciso destacar que muitos professores ainda resistem em incluir nas aulas temas relevantes que impulsionem os jovens a se reconhecer, como por exemplo: a história e a religiosidade afro-brasileira, bem como as expressões culturais juvenis. Em geral, prevalecem-se ainda no dia a dia da sala de aula, conteúdos de base eurocêntrica, que afastam os alunos da realidade cultural deles.

Desta forma, tais autores destacam que o colégio é um espaço vivido pela juventude. E portanto, é importante destacar a necessidade de discutir a legislação existente, a relação entre escola e juventude, suas tensões e culturas, para compreender os desafios da prática docente e valorizar essas expressões culturais que representam identidade e pertencimento.

Já autores como Moreira e Candau (2003), com base nas ideias de Stuart Hall (2013) sobre cultura e identidade, destacam em suas investigações que é preciso reavaliar as nossas práticas sociais, como as escolares, já que estas são

construídas a partir da cultura e influenciadas por relações de poder. Isso significa que tanto as práticas quanto as identidades são moldadas socialmente, e não são naturais ou fixas. Para que a educação seja, de fato, emancipadora, os referidos autores defendem um currículo que represente as classes populares, levando em conta seus interesses, sua participação ativa e sua produção cultural.

Moreira e Candau (2003) ressaltam que a cultura, nesse contexto, deve ser o elemento central da prática educativa. Considerando que esta proposta só é possível com o trabalho coletivo, que envolva professores, currículo, projeto político-pedagógico e a própria cultura escolar, buscando não apenas reconhecer as diferenças, mas construir a igualdade.

Ribeiro e Martins (2018), destacam que quanto às práticas discriminatórias nas escolas, os autores alertam que elas revelam o racismo ambíguo presente na sociedade brasileira, fortemente ligado ao preconceito de classe. Muitas vezes, essas práticas são ignoradas devido à visão única e padronizada da escola, que evita discutir essas contradições, prejudicando o avanço de uma educação verdadeiramente democrática.

Willis (1991) destaca que a cultura juvenil pode ser uma forma de manifestação de comportamentos e posicionamentos dos estudantes no ambiente escolar e outros aspectos vinculados. No contexto do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, tais fatores podem misturar-se as dinâmicas de preconceito de maneiras disfarçadas como “zoação”, entre os próprios alunos, através de “brincadeiras sem graça” pelos próprios colegas. Essas situações não apenas reforçam a exclusão, mas também impactam negativamente o sentimento de pertencimento, essencial para que os alunos se reconheçam na escola como território de aprendizagem e de formação cidadã.

“Pensar em respostas educativas da escola é pensar em sua responsabilidade para garantir o processo de aprendizagem para todos os alunos, respeitando-os em suas múltiplas diferenças” (Carvalho, 2002, p. 70).

Portanto, é preciso problematizar a cultura juvenil no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, uma vez que é necessário reconhecer que existem múltiplas diferenças entre estes jovens, sejam elas visuais, de costumes, posturas, falas, posicionamentos, pensamentos e comportamentos. E é preciso confrontar tais práticas disfarçadas de “brincadeiras sem graça”, que são preconceituosas,

resultantes de episódios de conflito e sintomas de um desalinhamento entre a cultura escolar e as culturas juvenis diversas.

Moreira e Candau (2003) revelam que a escola e colégios deveriam tornar-se espaços de encontros entre diferentes culturas: a cultura crítica, presente nas disciplinas; a cultura acadêmica, expressa no currículo; a cultura social, formada por valores da sociedade; a cultura institucional, moldada pelas regras da escola; e a cultura experiencial, vivida pelos alunos.

Para Ribeiro e Martins (2018), no entanto, o que se vê, na prática, é a valorização de saberes consolidados e hegemônicos, em detrimento das experiências dos alunos. No caso dos estudantes negros, essa exclusão é ainda mais evidente, já que o currículo raramente contempla conteúdos que valorizem as culturas africanas e afro-brasileiras.

Souza (2013) afirma que, no ambiente escolar, os conhecimentos dos estudantes são muitas vezes silenciados e rejeitados, sendo substituídos por saberes considerados “legítimos”, baseados em uma ideologia de origem europeia. A autora usa os conceitos de *colonialidade* e *decolonialidade* para discutir as relações étnico-raciais na escola. Ela define a decolonialidade como um movimento que busca romper com a visão eurocêntrica, valorizando novos saberes e formas de pensar essas relações dentro do ambiente escolar.

Para Ribeiro e Martins (2018), ao comparar as sociedades europeias (metropolitanas) com as sociedades coloniais, Souza destaca que ambas apresentam divisões marcantes. Nas sociedades metropolitanas, a divisão se dá entre regulação e emancipação, baseadas na racionalidade e apoiadas por instituições como o Estado, a comunidade e o mercado. Já nas sociedades coloniais, a divisão acontece entre apropriação e violência, revelando uma lógica de exclusão e inferiorização dos saberes locais sob a ótica europeia. É neste contexto, na escola, os saberes e expressões culturais dos estudantes — especialmente os ligados à cultura afro-brasileira são desvalorizados. Muitas vezes, esses saberes sofrem tentativas de desqualificação, sendo tratados como inferiores, apesar de seu papel importante na construção da identidade e no fortalecimento dos vínculos culturais dos alunos.

Segundo Maldonado-Torres (2018) os pensamentos pós-coloniais e decoloniais são importantes porque reúnem diferentes estudos e propostas provenientes de várias áreas do conhecimento e movimentos sociais. Sendo assim,

tais pensamentos buscam, de forma coletiva, criar e desenvolver novos saberes e formas de pensar que questionam as ideias e valores impostos pela modernidade. Para tanto, autores como: Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2018), buscaram apoio nas ideias de Sylvia Wynter (2003), em busca de explicações que a colonização do saber é resultado de um longo processo histórico. Esse processo continua influenciando até hoje nossa forma de pensar a economia, a política, o conhecimento, a relação com a natureza e com os outros.

Para o autor Maldonado-Torres (2018), o espaço também é afetado por essas ideias coloniais. Ou seja, o modo como vivemos, ocupamos, representamos e entendemos os espaços – como a escola, por exemplo – é influenciado por essas visões. Por isso, a decolonialidade na educação precisa ser pensada como um esforço coletivo.

Ferreira et al. (2022), ressaltam que uma das principais preocupações da decolonialidade é com o tipo de conhecimento que ensinamos. Uma educação antirracista e decolonial é essencial para incluir, de forma real e efetiva, as relações étnico-raciais no ensino. Isso significa que a escola deve discutir as leis antirracistas, combater preconceitos e refletir sobre discriminações raciais. É necessário revisar o currículo, as práticas pedagógicas e os materiais usados em sala de aula para garantir que os estudantes aprendam com mais consciência e respeito à diversidade.

Para Ferreira et al. (2022), questionar nossos saberes também envolve desconstruir as hierarquias baseadas em raça, gênero, religião, sexualidade, entre outras. E mais: é preciso criticar a ideia de que o conhecimento europeu moderno é o único válido. Esse questionamento faz parte do pensamento pós-moderno, que entende que o conhecimento não é fixo nem absoluto, e pode (e deve) ser sempre revisto. Para criar um currículo decolonial, é necessário romper com os modelos tradicionais de ensino e valorizar nossas raízes. A cultura brasileira é formada por influências indígenas, africanas, europeias e de outros povos. Juntas, elas criam algo novo – uma cultura original, que não copia nenhuma das anteriores, mas nasce da mistura e da criação coletiva.

A experiência de ser “a única negra da casa”, com características físicas e sociais diferentes (cabelo cacheado, estudante de escola pública), reforça o sentimento de alteridade e exclusão. Apesar de estar fisicamente presente na família, a percepção de não estar “no mesmo nível” destaca a internalização de

hierarquias sociais e raciais dentro do próprio ambiente familiar, o que aprofunda o sentimento de desvalorização.

Essa narrativa pode ser interpretada à luz das teorias de identidade, como as discutidas por Kathryn Woodward (2000), que enfatizam que a identidade é construída em relação à diferença. A aluna se percebe diferente em múltiplos aspectos (raça, classe, aparência, trajetória educacional) e vive em um constante confronto com essas diferenças, o que pode gerar tensões internas e externas na formação de sua autoimagem.

Ao mesmo tempo, essa vivência também revela uma resistência implícita: a capacidade de lidar com as adversidades e de buscar vínculos que ofereçam algum tipo de apoio emocional, como o da avó. Em termos mais amplos, a aluna ilustra como as desigualdades estruturais, expressas por meio do racismo, da homofobia e do preconceito social, atravessam as dinâmicas familiares, mostrando que a construção da identidade está profundamente conectada a fatores sociais e culturais.

A vivência relatada no texto oferece uma perspectiva crítica para compreender a relação entre a formação identitária do estudante e o currículo escolar. O currículo, em sua essência, é uma construção cultural e política que deve refletir a diversidade da sociedade, oferecendo oportunidades de inclusão, reconhecimento e valorização das múltiplas identidades que os alunos trazem para o ambiente escolar.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desta pesquisa ressaltam a importância do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes na formação integral dos alunos, não apenas enquanto estudantes, mas também como cidadãos capazes de desenvolver uma postura crítica diante das questões sociais que permeiam o ambiente escolar.

A introdução dos filmes como recurso pedagógico se mostrou fundamental para suscitar debates sobre temas de grande relevância, como suas culturas juvenis, bem como tratativas sobre acolhimento, exclusão, bullying, racismo e outras formas de discriminação, estimulando reflexões profundas sobre as relações interpessoais e a convivência no espaço escolar. O desenvolvimento das rodas de conversa, articuladas com os conteúdos cinematográficos, constituiu um mecanismo eficaz de discussão, permitindo que os alunos compartilhassem suas experiências e percepções, enquanto os referenciais teóricos utilizados forneceram respaldo analítico às problematizações emergentes.

A combinação de práticas pedagógicas inovadoras, como a utilização de filmes e rodas de conversa, com a orientação teórica de autores especializados, evidencia a relevância do trabalho desenvolvido, que busca compreender como a escola pode formar jovens conscientes, críticos e capazes de dialogar sobre questões fundamentais para a convivência social e a construção de cidadania.

Reconhece-se, entretanto, que a formação cidadã desses estudantes é influenciada por múltiplos fatores, incluindo limitações estruturais e socioeconômicas que afetam o cotidiano escolar. Mesmo diante dessas adversidades, o Colégio Adolfo desempenha um papel significativo, oferecendo experiências educativas que contribuem para o desenvolvimento crítico, ético e social dos alunos.

Além disso, torna-se evidente que a realidade vivida pelos alunos influencia de forma significativa o processo educativo. Observa-se que a educação no Brasil ainda apresenta desafios, e muitos estudantes percebem que, apesar do esforço na escola, o reconhecimento e as oportunidades futuras nem sempre são garantidos, gerando frustração ainda na educação básica.

Outro aspecto central identificado é a influência do trabalho na vida dos alunos. Muitos precisam conciliar os estudos com a necessidade de gerar renda para se sustentar e apoiar suas famílias. Essa realidade dificulta a percepção da educação como um investimento a longo prazo, já que o retorno imediato do

trabalho parece mais relevante. Esse cenário é reforçado pelas redes sociais, onde influenciadores digitais e estratégias de ganho rápido de dinheiro se apresentam como modelos de sucesso mais acessíveis e atraentes.

Ademais, fatores relacionados à aparência e à expressão pessoal dos estudantes refletem a bagagem de experiências e vivências trazidas de suas experiências, impactando diretamente nas relações dentro do ambiente escolar. Situações de acolhimento ou exclusão, bem como episódios de bullying, estão frequentemente ligados a esses aspectos, incluindo comportamento, linguagem, gostos culturais e artísticos, esportes, estilo de vestir, entre outros. Diante disso, a escola não pode se eximir de considerar as dimensões sociais, culturais e econômicas que cada aluno traz, pois elas influenciam diretamente no processo de aprendizagem e na formação integral do estudante.

O estudo evidencia, assim, a importância do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes como espaço não apenas de ensino, mas de acolhimento, reflexão crítica e preparação dos alunos para a vida em sociedade, reafirmando o papel fundamental da instituição na formação de jovens cidadãos conscientes, críticos e preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1997.
- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- ANDRÉ, M. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.
- BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25-58.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRASIL, Alex Cruz; DE ASSIS, Isaac Celestino; DE SOUZA, Tiago Zanquêta; WATHIER, Valdoir Pedro. A sociogênese do racismo e das relações étnico-raciais na escola: uma visão crítica. *Aracê*, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 3640–3659, 2024. DOI: 10.56238/arev6n2-191. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/1011>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificando as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, 2003.
- LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. *Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, de 9 de janeiro de 2003.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, 1996.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo Barreiras para a aprendizagem**. 4.ed. Porto Alegre: Mediação, 2002. p.70 (Giroux, apud Candau, 2002).
- CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008
- CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DAYRELL, Juarez. CARRARO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo* / Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia, organizadores. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas: Verus, 2005.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. *Bullying escolar: perguntas e respostas.* Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERREIRA, Maria; SANTANA, José; VERASTEGUI, Rosa. Decolonialidade e educação para as relações étnico-raciais: um olhar sobre o racismo e a branquitude na escola. **ODEERE**, v. 7, p. 50-70, 2022. DOI: 10.22481/odeere.v7i2.11086.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDEMANN, A.; NARVAEZ, J. O impacto da escola na ideação suicida de adolescentes. **Estilos da Clínica**, n. 3, p. 471-487, 2020.

GIROUX, Henry. **A educação e a crise da imaginação pública.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 351-372, maio/ago. 2005.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Niterói, v. 9, n. 17, p. 19-46, 2007. DOI: 10.22409/GEOgraphia2007.v9i17.a13531. Disponível em: <periódico GEOgraphia – UFF>. Acesso em: 30 ago. 2025.

HALL, Stuart. *Cultura e representação.* Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Apicuri, 2016

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: *Educação & Realidade*. jul/dez. 1997. p. 15-46.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital.** Petrópolis: Vozes, 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MARQUES, Ronualdo.; CAMPOS, Marília. A. T. A INSURGÊNCIA DA CULTURA NA ESCOLA COMO PARADIGMA NA PÓS-MODERNIDADE NA EDUCAÇÃO. Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 13, n. 37, p. 98–110, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.7582831. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/817>. Acesso em: 26 nov. 2025.

MELO, S. F.; BORGES, L. O. A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 376-379, 2007.

MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. **Multiculturalismo, diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 156-168, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a11.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2016.

MOURA, A. F.; LIMA, M. A. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: MEC/UNESCO, 2003.

NOVAES, Regina Célia Reyes (org.). **Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças**. Rio de Janeiro: Editora UNIRIO, 2016.

NOVAES, Regina Célia Reyes. **Direitos humanos: temas e perspectivas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

NOVAES, Regina Célia Reyes; LIMA, Roberto Kant de (org.). **Antropologia e direitos humanos**. Niterói: EDUFF, 2001.

NOVAES, Regina Célia Reyes; MELLO, Cecília Campello do A. (org.). *Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos*. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 57, 2002.

NOVAES, Regina Célia Reyes; PORTO, Marta; HENRIQUES, Ricardo (org.). *Juventude, cultura e cidadania*. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, ano 21, 2002. (Número especial).

NOVAES, Regina Célia Reyes; RIBEIRO, Eliane (org.). **Livro das juventudes sul-americanas**. 22. ed. Rio de Janeiro: IBASE, 2010.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 2003.

RIBEIRO, C.; MARTINS, C. H. S. Cultura juvenil e escola: o funk como ferramenta pedagógica e de identidade da juventude negra carioca. *Revista da ABPN*, v. 10, ed. especial – **Caderno Temático: História e Cultura Africana e Afro-brasileira** – Lei 10.639/03 na escola, p. 91-108, maio 2018. DOI: 10.31418/2177-2770.2018.v10.n00.p91-108.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOUZA, M. E. V. **Educação étnico-racial e colonialidade**. In: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; COELHO, Wilma de Nazaré Baía (org.). *Relações étnico-raciais e diversidade*. Niterói: Editora da UFF; Alternativa, 2013. v. 1, p. 30-43.

SPOSITO, M. P. **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil**. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. M. (org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

SPOSITO, M. P. et al. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p. 1-24, 2018.

SPOSITO, M. P.; BRENNER, A. K.; MORAES, F. F. **Estudos sobre jovens na interface com a política**. In: SPOSITO, M. P. (coord.). *Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009. v. 2.

SPOSITO, M. P.; GALVÃO, I. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380, jul./dez. 2004.

SPOSITO, M. P.; GALVÃO, I. **La “non-participation” à la lumière des impasses de l’offre participative et des mutations de l’action collective**. In: GALVÃO, I. (org.). *Le pouvoir d’agir des habitants: arts de faire, arts de vivre*. Paris: Téraèdre, 2019.

SPOSITO, M. P.; SOUZA, R. **Desafios da reflexão sociológica para análise do ensino médio no Brasil**. In: KRAWCZYK, N. (org.). *Sociologia do ensino médio: crítica ao economicismo na política educacional*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 33-62.

STAKE, R. E. **Case studies**. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). *Handbook of qualitative research*. London: SAGE Publications, 1994. p. 236-247.

STAKE, R. E. **The art of case study research**. London: SAGE Publications, 1995.

WARSCHAUER, Cecília. *Entre na Roda: a formação humana nas escolas e nas organizações*. Paz e Terra: São Paulo, 2017.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a trabalhar**: como os jovens conseguem empregos de classe operária. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

WYNTER, Sylvia. Unsettling the coloniality of being/power/truth/freedom: towards the human, after man, its overrepresentation – na argument. ***The New Centennial Review, Michigan***, v. 3, n. 3, p. 257-337, 2003.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Tradução de Daniel Grassi.

ZLUHAN, M. R.; RAITZ, T. R. A educação em direitos humanos para amenizar os conflitos no cotidiano das escolas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** (online), Brasília, v. 95, n. 239, p. 31-54, jan./abr. 2014.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.